Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 70 Nº 23339 DIRECTOR ANTÓNIO RUELLA RAMOS QUINTA-FEIRA 4 OUTUBRO 90 70$00

Unificação alemã

Violência depois da festa

Berlim foi, durante algumas horas, a capital da unificação alemã e também um pouco a capital da violência. Uns alemães estão inquietos, em termos de impostos, com os custos da reunião das duas Alemanhas. Outros - caso dos manifestantes de esquerda - detestaram a forma como, segundo eles, os alemães ricos compraram os alemães pobres. E a polícia interveio. Ao falar perante o novo Reichstag, regressado ao seu esplendor e à legiti-midade, Helmut Kohl, o chanceler da nova Alemanha, assumiu «as culpas» e as «responsabilidades» do povo alemão perante a Europa, a Nato e o mundo. Com tudo isto, a festa e a violência passaram. Agora é ir ao trabalho. **Pág. 12**

Reuter/«DL»

A polícia de choque berlinense tenta conter, durante as festas da nova Alemanha, uma manifestação de esquerdistas contra a forma como se processou a unificação alemã

Graça Lobo ao «DL»

«Adoro homens»

A provocante mulher-actriz falou-nos do seu actual espectáculo em cena e, ao afirmar que tem mais respeito pelas mulheres, ri-se quando se refere aos homens e declara: «Adoro-os!»

Pág. 28

Eram cinco, ficaram três

Benfica foi eliminado sem marcar um só golo

O F.C.Porto conseguiu uma goleada histórica e o Estrela brilhou na sua primeira entrada em provas da UEFA

o Atlético de Futre ficou pelo caminho e o Mónaco de Barros segue em frente

A participação de clubes portugueses em provas da UEFA sofreu um duro revés, com a eliminação de dois dos cinco participantes. O escândalo maior foi dado pelo Benfica que, em dois jogos, não marcou um só golo. A alegria maior, foi para a Amadora. Amanhã se saberá que sorte está reservada ao trio Porto, Amadora, Sporting, como se conta em reportagem que publicamos nas págs. 20 a 22 com o patrocinio de

urbicidade MEDIADORES ALMADA

Filipinas: nova tentativa de golpe de Estado *Pág. 11*

Saddam Hussein recebe delegação espanhola *Pág. 11*

Política de A a Z por F. Piteira Santos *Pág. 9*

Canal da Crítica por Mário Castrim *Pág. 18*

Crónica tauromáquica por Solilóquio *Pág. 17*

PORTE PAGO

Lotaria Nacional
1.º9 392 2.º 64 817 3.º58 512

Hoje: Suplemento Literário

República: 80 anos!

Oitenta anos faz amanhã a República Portuguesa. Nessa ocasião, 5 de Outubro de 1910, ninguém foi apanhado de surpresa. Os acontecimentos prenunciavam a partida do rei: o regime estava vazio de significado e, apesar de todos os dramas da família real, o povo também já não queria o seu rei. Tudo, enfim, se adivinhava. Amanhã, como habitualmente, os locais chave da queda do regime monárquico serão objecto de visita e, num neles, a varanda da Câmara Municipal de Lisboa, dois homens, por sinal socialistas (Mário Soares e Jorge Sampaio) proferirão discursos que estão a ser aguardados com expectativa **Págs. 2, 3, 4, 6, 14 e 15**

GRANDE ANGULAR

«Por menos do que fez o senhor D. Carlos rolou a cabeça de Luís XVI no cadafalso!» - gritou Afonso Costa na sessão parlamentar de 20 de Novembro de 1906. Catorze meses depois, o dito senhor D. Carlos e o princípe real eram assassinados no Terreiro do Paço. Não houve choros convulsos, nem desmaios bruscos. O reinado seguinte -o último- mais não foi que um compasso de espera pelo regime implantado, sem resistência, a 5 de Outubro de 1910. Mas, depois do gesto longamente aguardado, o que mudou, de facto, na sociedade portuguesa?

O Rei partiu, viva a República!

Em História não há automatismos. Melhor dizendo, a 4 de Outubro de 1910, Portugal não adormeceu a rezar pela longa vida do senhor D. Manuel, para, na manhã seguinte, aplaudir entusiasticamente a República instaurada. O novo regime não chegou de mansinho como tempestade em dia de Verão. Foi-se constituíndo ao longo de vinte anos, em que os Braganças se enrodilharam nas malhas dum poder excessivamente desgastado.

Mapa cor-de-rosa e Ultimatum: ilusões perdidas

O Ultimatum imposto pelo governo inglês a 11 de janeiro de 1890 foi o primeiro golpe duro sofrido pela monarquia. Cem anos depois, a história conta-se em poucas linhas: Portugal, uma vez perdida a esperança de vir a ocupar o Congo, empenha-se em unir sob soberania sua o território entre Angola e Moçambique. Para concretizar semelhante projecto (conhecido por Mapa-Cor-de-Rosa) , os vários governos não se poupam a esforços e, assim, nascem os heróis Serpa Pinto, António Maria Cardoso, Paiva Couceiro e Víctor Cordon que depois o Estado Novo elevaria à categoria de santos maiores do céu nacional. Estas incursões que levavam expedições portuguesas de Angola à chamada contracosta não eram bem digeridas pelos ministros de Sua Majestade, a raínha Vitória. E é, assim, que o Ultimatum aparece: retirada lusa em África ou a Royal Navy no Tejo, pronta para o pior. D. Carlos, no seu primeiro ano de reinado, e Hintze Ribeiro, seu primeiro-ministro, não perderam tempo; sabiam com o que contavam e aceitaram num ápice as condições inglesas.

Vinte anos antes, o caso teria sido rapidamente esquecido. Mas, em 1890, o Partido Republicano já estava suficientemente estruturado para utilizar a resposta régia como uma prova de repreensível fraqueza. Organizaram-se acções de massas, cobriu-se de luto a estátua de Camões, em Lisboa, e, sobretudo, falou-se como nunca de humilhação nacional. Os responsáveis eram, para os republicanos, facilmente identificáveis: a «cínica Inglaterra», (segundo Guerra Junqueiro) e, como não podia deixar de ser, o rei D. Carlos.

Para esta oposição republicana, a crise parece ter assumido carácter providencial. É de 1890, de facto, que data «A Portuguesa» e o programa redigido por Teófilo Braga, no próprio dia em que Lord Salisbury fez chegar o Ultimatum ao gabinete de Hintze Ribeiro.

Apesar de confirmado no poder nas eleições de 30 de Março de 1890, o Partido Regenerador era cada vez mais contestado. Os republicanos falavam alto. A 31 de Janeiro de 1891 desencadeia-se no Porto o movimento que a História designaria pela data em que se realizou. Mas ao entusiasmo do directório civil, em que lutavam Sampaio Bruno e João Chagas, não correspondeu propriamente a participação militar.

Machado dos Santos, o homem forte da Rotunda

E, assim, foi sufocada a revolta que, no entanto, teve o mérito de denunciar o ponto a que chegara o descontentamento geral.

O franquismo: como morrem os reis

A viragem do século assiste, em Portugal, à crescente impopularidade do regime monárquico. Mas, em 1906, a chegada ao poder de João Franco, dissidente do Partido Regenerador, assinalará algo de irreversível.

Em Novembro de 1906, a vida parlamentar agitava-se com a questão dos adiantamentos financeiros à casa real. O escândalo era grande e os republicanos, com assento parlamentar, não deixaram de reclamar justiça. Na sessão de 20 de Novembro, o deputado Afonso Costa proferiu a histórica frase: «Por menos do que fez o senhor D.Carlos, rolou a cabeça de Luís XVI no cadafalso». A ousadia valeu-lhe (a ele e a Alexandre Braga) a expulsão do hemiciclo. Foi mais um erro do poder. Os republicanos percorreram o país, inflamando a opinião pública com diatribes contra os abusos cometidos por aquilo que, meses mais tarde, o mesmo Afonso Costa diria ser um «regime imundíssimo».

A agitação não se quedou pela questão dos adiantamentos. Em Fevereiro de 1907, a greve académica, em Coimbra, serve de pretexto a João Franco para um considerável endurecimento político. Em 9 de Maio, a dissolução do Parlamento assinala o inicío de uma ditadura particularmente violenta. Em Junho, é decretada a dissolução da Câmara Municipal de Lisboa, a vigilância pessoal é apertada, alguns jornais são constrangidos ao encerramento. Muitos anos mais tarde, o lutador republicano David Ferreira diria que a ditadura de João Franco «afronta os homens que lhe resistem, investe contra as leis e as instituições que se opõem à ditadura, dissolve as câmaras municipais e juntas de paróquia eleitas legalmente, que substitui por comissões de sua escolha; demite funcionários; prende opositores; persegue a imprensa; censura os espectáculos». Augusto José da Cunha, Presidente da Câmara dos Pares, e Anselmo Braancamp Freire, antigo preceptor do rei, cansados de tanta repressão, aderem à causa republicana. Mas o pior ainda estava para vir.

Em 28 de Janeiro de 1908 rebenta na capital uma intentona, em que participavam carbonários, dissidentes progressistas e alguns membros do Partido Republicano. António José de Almeida, Afonso Costa, Egas Moniz e Álvaro Pope são presos. Com eles, vão outros noventa e três homens de reconhecido dinamismo político.

João Franco obtém do rei, então em Vila Viçosa, um

O enterro de D. Carlos (foto Publicações Dom Quixote)

José Relvas proclama a República, da janela da Câmara Municipal de Lisboa (foto Publicações Dom Quixote)

documento que prevê a deportação dos indivíduos que intentassem contra a segurança do Estado. Foi como se D. Carlos assinasse a sua própria condenação à morte. No dia seguinte à promulgação do diploma (1 de Fevereiro de 1908), D. Carlos e o princípe D. Luís Filipe voltam a Lisboa e são assassinados em pleno Terreiro do Paço. A população receberia desapaixonadamente o acontecimento, não deixando de alardear simpatia para com os regicidas: Alfredo Costa e Manuel Buiça.

O reinado de D. Manuel: um compasso de espera na história portuguesa

Uma vez consumado o regicídio, D. Manuel, então com dezoito anos, subiu ao trono. Tentaram-se mudanças, mas o que estava na mente das autoridades eram apenas alguns propósitos de acalmação. E, no entanto, não se conseguia evitar o descalabro do regime que, nesses últimos meses, ainda seria atingido pela questão Hinton e pelo desfalque no Crédito Predial. Em 1910, ao descobrir-se que um guarda-livros daquela instituição cometera avultado desvio de bens, Afonso Costa, com a ousadia que lhe era característica declarava: «Esta é a última vergonha dum regime imundíssimo!». Era-o, de facto.

No princípio de Outubro de 1910, o país parecia deixar de funcionar. À agitação partidária, aos rumores de insurreição, acrescentava-se mais uma vaga de greves. Em Lisboa, os corticeiros, os tanoeiros, os tipógrafos, os garrafeiros e conserveiros estavam parados.

A 30 de Setembro, João Borges e Manuel Ramos tinham sido apanhados a fabricar, numa casa da baixa lisboeta, várias centenas de bombas. O juíz não conseguira obter informações sobre o destino do material, mas avisara o governo de que algo se estava a preparar. Teixeira de Sousa, o último primeiro-ministro da monarquia, julgava-se na posse de um trunfo, considerando que os ânimos republicanos estariam mais apaziguados com o recente decreto sobre a expulsão dos jesuítas. Acreditava na capacidade combativa dos oficiais monárquicos e foi o que se viu.

A 3 de Outubro, D. Manuel II preparava-se para jantar com o Presidente da República do Brasil. Poucos minutos antes de se sentar à mesa, o primeiro-ministro informava-o de que se previam tumultos na sequência do assassinato do conhecido médico republicano Miguel Bombarda, apunhalado por um ex-doente, clinicamente dado como louco.

À meia-noite do dia 3, os republicanos ocupavam os seus postos de combate. Ao amanhecer, o balanço ainda não lhes era favorável. Cândido dos Reis suicidou-se. Durante a manhã do dia 4, o rumo dos acontecimentos alterou-se: ao acampamento da Rotunda começaram a chegar centenas de populares que ofereciam os seus serviços a Machado dos Santos. Horas depois, oito séculos de monarquia deixaram de pesar na vida portuguesa. Ninguém foi, por assim dizer, apanhado de surpresa. O Rei partira, viva a República!

Maria João Martins

A revolução filmada

A história contemporânea, sendo aliciante, é matéria para gigantes. Ao contrário do que sucede a propósito de outras épocas, o século XX assegurou a sua passagem à posterioridade. Para o historiador que se abalance a estudar a nossa época, há que contar com milhares (que digo, milhões!) de jornais, revistas, espólios fotográficos e, evidentemente, com muitos filmes. Outra coisa não seria de esperar de um século que, segundo um amigo meu, fez do cinema uma extraordinária súmula de artes. O cinco de Outubro foi a primeira revolução filmada da história portuguesa. A propósito dela, realizaram-se em 1910-11 nada mais, nada menos que doze curtas-metragens.

- «Casamento Sob a Revolução portuguesa», 35 mm, preto e branco, 850 metros;
- « Funerais do Dr. Miguel Bombarda e do Almirante Cândido dos Reis», 35 mm, preto e branco;
- « Funerais dos Grandes Vultos Patrióticos Dr. Miguel Bombarda e Almirante Cândido dos Reis», 35 mm, preto e branco, 195 metros;
- « Funerais Nacionais do Almirante Cândido dos Reis e Dr. Miguel Bombarda»;
- « Manifestação Popular em Lisboa após a Revolução», 52 metros;
- « A República em Portugal», 210 metros;
- « A Revolta em Lisboa», dois filmes, um de 90 e outro de 110 metros;
- « Revolução de 5 de Outubro», realizado por Manuel Maria da Costa Veiga;
- « Revolução Republicana», diversos episódios

A família real deposta também foi objecto de várias curtas-metragens:
- «A Ex-Família Portuguesa no Exílio», 35 mm, preto e branco;
- « Funerais de Eduardo VII de Inglaterra vendo-se El-Rei D. Manuel incorporado no séquito», 20 metros;
- «A Raínha Maria Pia embarca no "Regina Elena"», 8 metros;

Esta abundância não surpreende: em 1910, Freire Correia estava já a produzir filmes de enredo. Um ano antes, Correia fundou a Portugália Filme, na qual realizou vários documentários. A mesma empresa não desdenhou, por outro lado, breves adaptações de romances portugueses: «Os Crimes de Diogo Alves», «Carlota Ângela» e «Raínha Depois de Morta». Em 1911, um incêndio provoca o encerramento da Empresa Cinematográfica Ideal. E até 1917 não se voltariam a filmar obras de enredo em Portugal.

COMENTÁRIO

O destino prepara-se de véspera

Não é de ânimo leve que se derruba um trono. Em tempos, pisar o dedo do pé dum Rei era pouco menos que blasfémia. Afinal, ele era um pouco a menina dos olhos de todos os seus súbditos: supremo administrador da justiça e sopro de Deus entre os mortais. Mas, se na vida nada se perde e tudo se transforma, também o conceito de Majestade se desgastou, quase sempre à custa de rupturas dramáticas e muito dificeís de decidir. No século XVII, os ingleses mataram um Rei, mas ainda lhe reservaram a execução mais nobre que se podia arranjar. Cem anos depois, em França, o pescoço de Luís XVI não teve direito a machado. Morreu, como qualquer filho da rua, guilhotinado numa praça pública de Paris. Em Portugal, foi preciso esperar por 1908 para ver um rei tombar, mortalmente ferido por tiros de pistola. Também por cá o título majestático se esvaziara de significado.

Um acontecimento como a revolução, cujo octgésimo aniversário se comemora amanhã, é um dos fenómenos mais breves que ao historiador é dado analisar. Isto, se o estudioso, de vistas curtas ou demasiado tradicionalista, se limitar ao que aconteceu em algumas horas atrás das barricadas de ambos os contendores. A verdade, porém, é que longos e acidentados são os caminhos conducentes ao cinco de Outubro.

D. Carlos e seu filho D.Manuel estavam já longe de assumir quaisquer veleidades absolutistas. Reis por obra e graça da Constituição, exerciam o poder moderador que o texto oficial lhes atribuía, sem, no entanto, os ilibar de responsabilidades óbvias na condução do Estado.

Os ministérios sucediam-se. A taxa de analfabetismo permanecia em níveis pouco lisongeiros e as condições de vida do operariado, como do campesinato, continuavam políticamente negligenciadas. Nenhuma esperança de dias melhores se manifestava no horizonte dos portugueses. A gota que fez transbordar o copo surgiu vinte anos antes da instauração da República e chamou-se Ultimatum inglês. A frustrada diplomacia do governo Hintze Ribeiro tinha, para já, o condão de mostrar o pouco que Portugal valia no xadrez europeu de então. Para os republicanos, ansiosos por se afirmarem na cena política, a crise vinha mesmo a calhar. A inteligência portuguesa clamava justiça contra a «bêbeda Inglaterra» e Teófilo Braga, no mesmo dia em que o diploma fatal era dirigido ao nosso governo, redigia o programa definitivo do Partido Republicano Português.

Depois veio o 31 de Janeiro de 91, a ruptura franquista no seio do Partido Regenerador e, ainda, a violenta ditadura a que o próprio João Franco, com carta branca do rei, sujeita o país. Em 1908, D. Carlos e o Princípe Real, D. Luís Filipe, caiem mortos no Terreiro do Paço. O povo, o mesmo que chorara por D. Pedro V, não lhes presta grande homenagem, mesmo que o drama da família desfeita se prestasse a tal. E, no entanto, perante estadesenfreada marcha de acontecimentos, há quem teime em afirmar que o cinco de Outubro aconteceu bruscamente no Outono de 1910.

Não haja ilusões. Guardado estava o bocado para quem o havia de comer. O conceito de revolução, enquanto facto surgido de meia dúzia de causas isoladas de qualquer contexto, nem sequer tem razão de ser para as mais desenvolvidas escolas historiográficas. As revoluções propriamente ditas não existem, são «apenas» o explodir de uma longa acumulação de factores, aquilo que, no fundo, se pode apelidar de parte emersa do *iceberg*..

1910, encerrando a substituição dum regime que durara oito séculos, não pode ser encarado com a mesma ligeireza com que se analisa um qualquer golpe de Estado, suas causas e consequências. Antes que o sangue se derramasse, houve necessariamente perturbantes modificações de mentalidade que escaparão ao historiador, caso ele se contente com a consulta das fontes oficiais. A história da nossa época é, também por isso, uma tarefa ciclópica. Aos documentos tradicionais acrescenta-se toda uma massa de testemunhos proporcionados por técnicas audiovisuais que o século aperfeiçoou. São os jornais, as revistas, as fotografias, as gravações sonoras e também os filmes depositados nas Cinematecas, registos em que, de algum modo, se pode perceber como pensava e actuava quem deles se foi utilizando. A implantação da República não é, neste contexto, uma excepção. O historiador que se proponha estudá-la com seriedade terá de contar com um variado manancial de fontes e linguagens. Para que, no fundo, se ultrapasse a perspectiva factual própria dos manuais escolares e se conclua, pelo menos, que na História da humanidade, o destino se prepara de véspera.

Maria João Martins

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Diário de Lisboa, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos.**
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.**
Secretário-geral: **Jorge Galamba.**

Director
António Ruella Ramos

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)
Mário Mesquita (1989/1990)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira

Coordenadores de Secção:
António José Teixeira, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Repórter-coordenador:
Adelino Cardoso

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Alves Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, Augusto Vilela, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Bredorode Santos, F. Dias Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa, Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alessandra Balsamo, Francisco Paraíso, Isabel Joyce, Jorge Fallorca e Roby Amorim.**

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), **Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores:
Antonieta Teixeira, José António Carvalho, Jorge Santos, Óscar Figueiredo e Ricardo Magalhães

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutello

Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador), **António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Canteiro

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP

- Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa.

Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Delegação Norte: Rua Monte dos Pipos, 326 - Custóias - 4450 Matosinhos - Telef. 9531566 Fax 9531023

Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 70$00; na Madeira, 75$00; nos Açores, 85$00.

A cidade e a consciência

As alunas de canto da professora D.Eugénia Mantelli

Os portugueses esperavam da República o que a Monarquia lhes negara. Afeiçoaram ao projecto dum regime toda uma secular vocação sebastianista e, mais uma vez, não ficaram inteira

mente convencidos de que D. Sebastião tivesse regressado. Muitos foram os gloriosos projectos arquivados em parte incerta e as promessas adiadas até melhor oportunidade...

Mesmo sem rei, os negócios públicos marcharam quase tão mal como nos tempos do senhor D. Carlos. O operariado, por exemplo, teve amplas razões de queixa dos primeiros governos republicanos que, por sua vez, se entretinham a acolher de braços abertos antigos e acérrimos defensores dos Bragança. É a a época dos «adesivos»... os objectos políticos não identificados que a nossa época conhece por vira-casacas. As finanças nacionais não sofriam melhoras nenhumas, antes pelo contrário, continuavam a sofrer horrores.

Em 1911, um escasso ano depois de implantada a República, vive-se um período de agitação social e de greves que o regime esmaga com inusitada violência. Em Março desse ano, a morte de dois grevistas de Setúbal desencadeia todo um processo conducente à primeira greve geral da nossa história. Aconteceu no dia 20 e fez-se sentir em toda a cidade de Lisboa. Acabara de se chegar a mau porto: os operários, intervenientes no movimento de 5 de Outubro, diziam agora que o dia 13 de Março, data da morte dos ditos grevistas, marcava «o divórcio da República com o operariado».

GRANDE ANGULAR

O surto prolongou-se sob a presidência de Manuel de Arriaga. Em 24 de Junho de 1912, a revista «Illustração Portugueza» dá conta de uma greve nos eléctricos que, entretanto, durava há mais de três semanas. Uma tal agitação corresponde, no entanto, a um movimento histórico mais amplo: o desenvolvimento conhecido pela cultura operária na alvorada do século XX. Pressões várias de ordem quer interna, quer externa, iam impedindo os ministérios de tomar medidas sociais realmente profundas. A taxa de analfabetismo mantinha-se vergonhosa e eram vários milhares os portugueses que demandavam terras do Novo Mundo, ansiosos de arregaçarem mangas e erguerem um destino.

A mudança de costumes operou-se, de facto, neste período. Mais, no entanto, porque os próprios tempos mudavam do que devido a qualquer actuação republicana nesse sentido. A afluência de largos milhares de camponeses à cidade determinou, no princípio do século, uma sobrevalorização do espaço urbano. A rua tornou-se também um ponto de encontro, um local para estar e de tomada de consciências. As mulheres, em Portugal, à imagem do acontecido mundo fora, eram as principais beneficiadas pela alteração. Uma vez mais é a «Illustração Portugueza» que nos fala eloquentemente desse aspecto: ao longo das suas páginas, deparamos com referências e referências relativas a mulheres portuguesas que aprendem canto, pintam, representam para um público ou numa récita familiar. Em 29 de Janeiro de 1912, o jornalista João Maria de Magalhães Godinho fala - com simpatia, refira-se- das jovens alunas da Universidade de Coimbra, tratando de chamar «O Feminismo Triunfante em Coimbra» à sua prosa.

A cidade do Mondego não era a única a registar semelhantes progressos. A mulher lisboeta, outrora «de cabeça baixa, olhando o biquinho da boca, tímida e vermelha aos galanteios de peraltas», segundo se diz no número 322 da «Illustração», fez-se outra. Sai para trabalhar, passeia-se na baixa pouco frequentada pelos automóveis, de «chapéu ultimo modelo, saia travada e até saia calção», ao mesmo tempo que ganhava «graça no andar e altivez nos olhos cheios de encanto». Os dados estavam lançados: a mulher tomava, também ela, consciência de que as tutelas sustentadas durante séculos, já lhe não serviam. A Primeira Guerra Mundial acabaria por lhe fazer a vontade. Depois de 1918, era o reinado das saias ao vento e da mente sã em corpo são.

M. J. M.

Elegante lisboeta atravessando os Restauradores (foto Illustração Portuguesa)

EDIC

Investimento sem risco

OBRIGAÇÕES DO TESOURO FIP 90

O que são?

As Obrigações do Tesouro FIP 90 são a melhor forma de fazer um investimento sem risco, com um óptimo rendimento.

Quem pode subscrever?

Os FIP 90 destinam-se aos investidores particulares e institucionais, podendo ser subscritos por pessoas singulares ou colectivas.

Qual a taxa de juro?

Taxa base acrescida de 1 1/8%, sendo de 18,5% para todos os cupões com início até 30 de Setembro.
A taxa base corresponde à taxa anual nominal, convertível para o semestre,
equivalente à taxa anual média ponderada, das 12 últimas colocações de Bilhetes do Tesouro, de qualquer prazo, reportada ao antepenúltimo dia útil do semestre anterior, arredondada para 1/16 superior.
O valor da taxa base será divulgada, regularmente, pelo Banco de Portugal.

Qual o prazo de amortização?

A amortização é feita em 1 de Outubro de 1997.

Podem ser transaccionados?

As Obrigações do Tesouro FIP 90 são cotadas na Bolsa, onde podem ser negociadas e transaccionadas.

Corre-se algum risco?

Nenhum, pois têm à garantia do Estado.

Subscreva nas Instituições Bancárias ou na Junta do Crédito Público

POLÍTICA

Loures evoca República - Demétrio Alves, líder da Câmara de Loures, e Maria dos Remédios Moreira Feio, filho do presidente da Junta Revolucionária, que há 80 anos implantou a República, depositaram esta manhã uma coroa de flores no cemitério da cidade. É a homenagem da edilidade aos heróis do 5 de Outubro, que envolve ainda a inauguração de duas exposições sobre a «Seara Nova» e uma concentração, no princípio da tarde, junto aos Paços do Concelho.

Por causa das Presidenciais

Jorge Sampaio acusa PSD de falta de credibilidade

O líder socialista acusa o PSD de se apresentar às eleições presidenciais sem qualquer credibilidade. Numa breve declaração ontem tornada pública acerca da recandidatura de Mário Soares, o secretário-geral do PS critica a «incapacidade» dos sociais-democratas relativamente à «corrida» a Belém.

Para Jorge Sampaio, a recandidatura de Mário Soares corresponde «plenamente às esperanças dos portugueses», de alguém que considera que na sociedade portuguesa de hoje a justiça social continua a ser uma questão central por resolver».

A decisão de Mário Soares é considerada como «a recandidatura de um socialista» de quem acompanha, tal como o PS, «as preocupações do País quanto à incapacidade revelada por outras correntes de opinião em se apresentarem com credibilidade a disputarem as eleições presidenciais».

O secretário-geral do PS lembra na nota alusiva à recandidatura de Mário Soares que em 1985 este se apresentou às eleições correndo o risco de perder, mas «bateu-se pelas suas ideias e deu uma lição de civismo» acabando por ganhar.

Criticou os «responsáveis do PSD porque hoje procedem exactamente ao contrário perante uma situação à partida desfavorável», revelando assim «uma real incapacidade para reagir em termos democráticos».

Salienta a nota do PS que a candidatura de Mário Soares «responde plenamente à esperança dos portugueses», constituindo «uma assinalável valorização da democracia, da liberdade, pela causa da justiça, combate às desigualdades e defesa do desenvolvimento com verdadeira dimensão social».

«Verdes» elogiam inquilino de Belém

Belém pode não ser um espaço verde, mas as duas facções dos nossos «Verdes» acabaram por ficar de acordo quanto à idoneidade ecológica do actual inquilino do palácio rosado.

Herculano Pombo, da facção Maria Santos, disse que Mário Soares «não tinha o direito, democraticamente entendido, de não se recandidatar». Luís Cardoso, porta-voz da facção anti-Maria Santos, afirmou que o actual Presidente da República, «declarações que avulsamente produziu sobre problemas do ambiente, neste mandato» indiciam um interesse certo, «o que não quer dizer que tenha poder para resolver os problemas».

Acusados durante anos de serem «melancias», verdes por fora e vermelhos por dentro, os nossos ecologistas com representação parlamentar apaixonaram-se por Mário Soares, apesar da cisão que ditou o encerramento da sua sede a dois passos do Largo da Princesa.

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

COMEMORAÇÕES DO 80.º ANIVERSÁRIO DA PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA

CONVITE À POPULAÇÃO

A Câmara Municipal de Lisboa assinalando o 80.º Aniversário da Proclamação da Republica vai comemorar a efeméride com a cerimónia do hastear solene da Bandeira Nacional na Varanda dos Paços do Concelho.

Decorridos 80 anos sobre a data memorável da implantação dum novo regime político, que se quis inspirado na justiça, na igualdade dos cidadãos perante a lei e na participação cívica na construção de uma sociedade mais perfeita, torna-se urgente que de ano para ano analisemos, em conjunto, quanto progredimos na direcção de tais objectivos.

Porque acredito no valor desta reflexão conjunta e porque penso que só vale comemorar o passado quando se quer construir o futuro, dirijo um apelo à População de Lisboa para que, no próximo dia 5 de Outubro, se concentre na Praça do Município, pelas 10 horas e 30 minutos da manhã, para que este acto tenha a dimensão do acontecimento que se comemora.

Paços do Concelho de Lisboa, em 21 de Setembro de 1990

O PRESIDENTE
Jorge Sampaio

MRPP diz que Soares é da direita

«A recandidatura de Mário Soares à Presidência da República integra-se na estratégia da direita em Portugal», afirma o PCTP/MRPP, que considera o actual o PR «um executante e avalizador fiel da política antipopular do Governo de Cavaco Silva».

O Partido Comunista dos Trabalhadores Portugueses/MRPP sublinha em comunicado que, se «em 1986 as ilusões espalhadas pelo oportunismo podiam eventualmente suscitar dúvidas - embora sempre injustificadas - quanto ao carácter da sua candidatura, hoje ela é de tal modo patente que não só o PSD manifestou já a Soares todo o seu apoio, como o próprio CDS e o seu adversário de há quatro anos, Freitas do Amaral, não lhe regateiam elogios».

O MRPP frisa ainda que a experiência dos últimos quatro anos de Soares como Presidente da República «veio comprovar que a sua candidatura era de direita e não constituia qualquer alternativa para os operários e trabalhadores», destacando as leis promulgadas sobre os despedimentos e do agravamento dos impostos exemplos concretos de «um candidato natural do PSD e até do CDS, mais que do PS».

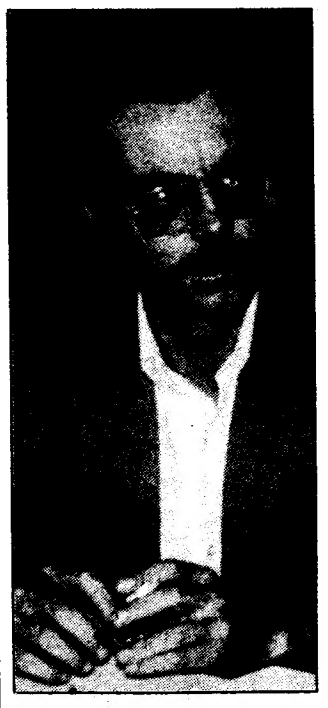
PCP anuncia marcação às propostas do actual PR

«Importa considerar e seguir com atenção as linhas de orientação e as propostas» do candidato Mário Soares, afirma um comunicado do Gabinete de Imprensa do PCP, publicado pouco depois do anúncio público da recandidatura do actual Presidente da República.

O comentário do PCP promete a análise das ditas linhas e propostas pelo partido, em geral, e pelo seu candidato presidencial, Carlos Carvalhas, em particular.

O texto dos comunistas refere igualmente a «falta de comparência do PSD e as dificuldades que vários sectores da Direita têm deparado para encontrar candidatura, face ao medo de uma terceira derrota eleitoral consecutiva depois de 1987».

Carlos Marques saúda candidatura de Soares



«O facto de estarem a surgir candidaturas vem dignificar as próximas eleições presidenciais», constatou o primeiro candidato a apresentar-se à corrida a Belém, Carlos Marques, ao comentar a apresentação da recandidatura de Mário Soares.

Carlos Marques colocou a par da sua candidatura e da de Carlos Carvalhas a entrada do actual Presidente da República na luta eleitoral pela chefia do Estado.

À partida, considera que o debate que suscitado por esta campanha vai «dignificar e dar importância às Presidenciais», apontando como tema a integração plena de Portugal na CEE.

Tal discussão pode auxiliar «a institucionalização de uma democracia activa, participada».

Pela mão de Hermínio Martinho e do PRD

Macau e Melancia voltaram à Assembleia

A Alemanha unida fazendo o pleno dos votos de saudação dos deputados, Macau e Melancia chamados à baila, uma vez mais, para o PRD desferir directas a Mário Soares e o PCP a lembrar que, nas suas Jornadas Parlamentares, acentuara continuar o combate às desigualdades e injustiças sociais: assim decorreu a reunião de ontem da Comissão Permanente da Assembleia da República.

Para além disso, o PSD rejeitou todas as tentativas feitas para incomodar o Governo, até à primeira sessão do plenário: logo, o programa de férias segue, imperturbável, até à reabertura do ano parlamentar em S. Bento, dia 16.

Marechal Delgado fez a unanimidade

Ultrapassada a consensualidade dos dois votos de saudação à reunificação alemã -apresentados pelo CDS e pelo Partido Socialista- e repetida a unanimidade relativamente à concessão «da dignidade de marechal a Humberto Delgado», pelo Presidente da República (voto da autoria do PS), os membros da Comissão Permanente confrontaram-se com os dois focos de atrito previsíveis do dia, um limitado ao terreno das declarações políticas - Macau e Melancia- e o outro -exigência de explicações ao Governo- aferido a votos e mais complicado.

Sobre Macau e o governador Carlos Melancia, disse Hermínio Martinho que «o Presidente da República esteve mal quando não o exonerou «no momento certo», isto é, quando ele passou a arguido no processo de investigação em curso na Procuradoria-Geral da República.

O líder do PRD adiantaria depois, já confrontado com as alegações do Partido Socialista sobre a presumível inocência do Governador de Macau, que, «se Carlos Melancia é presumível inocente», o Governador «não poderia continuar em funções, a partir do momento em que passou a arguido de um crime de corrupção». E como foi Melancia quem se demitiu e não o PR quem o exonerou, «em tempo politicamente útil e oportuno», Martinho insistiu que o Presidente da República agiu mal.

António Guterres respondeu-lhe sugerindo que o comportamento do PRD, em todo este processo, dera grande jeito ao PSD. Recorde-se que os renovadores já em tempos tinham proposto a constituição de uma Comissão Parlamentar de acompanhamento da situação no território de Macau. O presidente do PRD replicou que nunca fez «jeitos a ninguém», ou, se alguma vez os fez, «foi ao Partido Socialista, nas eleições para o Parlamento Europeu».

«Quem fez jeitos ao PSD, e não foram poucos, foi o Partido Socialista, nomeadamente na revisão constitucional, tantas as cedências ao Governo e ao partido que o apoia», concluiu Hermínio Martinho.

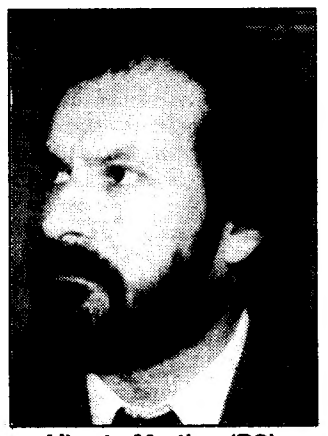
Críticas ao Governo não são toleradas

A Oposição, pela via de projectos de deliberação apresentados pelo PS e o PCP, ainda forçou a contagem de votos, na tentativa de sujeitar alguns membros do Governo a incómodos imediatos e prévios à primeira reunião do plenário, em meados do mês. Esses projectos de deliberação eram, aliás, os únicos pontos da ordem do dia nesta derradeira reunião da Comissão Permanente, a estrutura que exerce as funções parlamentares durante as férias do plenário de deputados.

Nada conseguiram, no entanto, as duas forças oposicionistas porque, nos três casos, o PSD votou contra e as deliberações foram rejeitadas, ainda que toda a Oposição se batesse por elas.

No primeiro caso tratava-se da interdição ditada pelo ministro da Saúde à pretendida visita de deputados socialistas a diversas unidades hospitalares do distrito de Coimbra. O PS visava, com este projecto de deliberação, condenar a atitude do ministro Arlindo Carvalho, por a considerar «violadora de regras constitucionais e legais», e autorizar a reunião da Comissão de Regimentos e Mandatos, com a presença do ministro, para esclarecer a situação.

O segundo projecto socialista pretendeu exigir do Governo e, nomeadamente, do Primeiro-Ministro, «explicações inequívocas à Assembleia da República sobre as razões do incumprimento do Sistema de Informações da



Alberto Martins (PS): «A democracia está a ser minada pelos serviços de informações»

República».

Alberto Martins, deputado do PS, chegou mesmo a afirmar que a «democracia está a ser minada pelos Serviços de Informação», baseado em pretensas irregularidades referidas na Comunicação Social, em particular episódios recentes que envolveram a acção da Renamo em Portugal e a actuação dos Serviços de Informação Militar.

Finalmente, o Partido Comunista tentou forçar a ida a S. Bento do ministro das Finanças, nos dias 8 e 9, para prestar esclarecimentos sobre a execução do Orçamento de 1990 e a preparação do OE/91. Essa pretensão constava do projecto de deliberação em que se considerava que «a dignidade, profundidade e seriedade do debate do Orçamento para 1991 exige um conhecimento prévio da evolução da execução orçamental em 1990».

A todas estas iniciativas o PSD disse não. E contra os votos da Maioria, mesmo se formulados apenas pelos seus representantes na Comissão Permanente, nada feito.

Reabertura a 16 com Macau na agenda

A proposta de lei sobre a organização judiciária de Macau domina a agenda de reabertura do Parlamento, marcada para o próximo dia 16, terça-feira. A proposta governamental dera entrada na Assembleia durante o mês de Setembro, a Comissão especializada já a apreciou e a Conferência de Líderes decidiu, ontem, submetê-la a discussão e votação no plenário logo na primeira sessão do último período legislativo da actual Legislatura.

Daniel Reis

PSD reuniu Comissão Política

Maior partido deu aval à Alemanha unida e desejou sorte ao Presidente da República

«O PSD saúda vivamente a reunificação da Alemanha que hoje teve lugar. Esta reunificação tem lugar num quadro de reforço das Comunidades Europeias e da NATO que, claramente, apoiamos». Estas duas afirmações tiveram lugar na Sede Nacional do PSD, ontem ao fim da tarde, e tudo desejam de bom para quem saiba o que quer dizer «ter lugar». Quem leu o estilo da Comissão Política do partido citado foi o secretário-geral daquela formação, Falcão e Cunha, que em segundo lugar deu voz ao texto sobre a recandidatura do actual Presidente da República.

Sem curar muito do Português, quanto à Alemanha gramaticalmente muito complicada, foi distribuído outro comunicado, esse sobre as Presidenciais do ano que vem, em que «o PSD assume uma postura ditada exclusivamente pelo interesse nacional». A conclusão está duas linhas acima: «O PSD não apoiará qualquer candidatura alternativa, o que significa que deseja a reeleição do Dr. Mário Soares».

Confiar em que

«O PSD confia em que o Dr. Mário Soares, no seu novo mandato, continuará a exercer a função presidencial de acordo com o quadro subjacente à Constituição e por si já várias vezes reafirmado», reza o texto, cuja elaboração deve ter sido laboriosa, uma vez que a conferência de Imprensa convocada para o divulgar teve um atraso de três quartos de hora e a televisão tinha sido pontual.

Sempre num Português um tudo-nada controverso, a prenunciar acordos gramaticais ainda mais curiosos que os ortográficos, a Comissão Política do PSD constatou que o partido «está bem consciente das responsabilidades confiadas ao seu Governo e tem presente as exigências que o desafio da integração europeia e as profundas mudanças no Leste europeu colocam a Portugal, a que se juntam agora as incertezas da crise do Golfo», antes de concluir que «o País precisa de estabilidade política», mais do que gramática elementar, a avaliar pelos documentos distribuídos aos jornalistas presentes.

Hipóteses

«Os militantes do PSD têm liberdade para, a título individual, integrarem estruturas de apoio à candidatura do Dr. Mário Soares, se para tal forem convidados», postula o comunicado da Comissão Política do partido maioritário.

O enviado do «DL» perguntou ao secretário-geral Falcão e Cunha se existiriam medidas disciplinares contra os militantes que apoiassem outras candidaturas, à semelhança do que sucedeu nas presidenciais de há quase cinco anos. «É uma pergunta hipotética», respondeu Falcão e Cunha.

E era.

João Isidro

Sanches Osório:

«Não apoio Mário Soares»

As dificuldades de identificação resultantes do elevado número de personalidades que ontem estiveram no Altis para assistir ao anúncio da recandidatura de Mário Soares, levaram-nos a, erradamente, incluir o nome do major Sanches Osório como um dos presentes, o que não corresponde à verdade.

«Não estive, não fui convidado e não apoio o dr. Mário Soares», esclareceu-nos ontem aquele militar de Abril.

Ao major Sanches Osório apresentamos as nossas desculpas, por este lapso involuntário.

1.as JORNADAS DE ACESSO À PROFISSÃO DE JORNALISTA

6 e 7 de Outubro

FORUM PICOAS

ORGANIZAÇÃO:

Sindicato dos Jornalistas

COM O PATROCÍNIO CORREIOS E TELECOMUNICAÇÕES DE PORTUGAL

Em relatório a apresentar aos XVIII Estados Gerais

Torres Pereira propõe reforço do poder dos municípios na CEE

O Conselho Consultivo das Colectividades Regionais e Locais, a funciona junto da Comissão Europeia, deve ser reforçado na sua representatividade e competências - esta a tese avançada por Torres Pereira no relatório político sobre construção europeia a apresentar sexta-feira ao plenário dos XVIII Estados Gerais dos Municípios, a decorrer em Lisboa.

O antigo presidente da Associação Nacional de Municípios, que mantém o cargo de vice-presidente internacional do Conselho de Municípios e Regiões da Europa (CMRE), promotor da iniciativa, considera que aquele órgão consultivo, criado em 1988, deve ser ter «capacidade de iniciativa própria» e ser obrigatoriamente consultado sobre a política comunitária no domínio das colectividades regionais e locais. No documento a discutir pela assembleia magna do poder local europeu, Torres Pereira defende o acréscimo de meios financeiros comunitários para o desenvolvimento local, chamando a atenção para o facto de o desequilíbrio regional no seio da CEE não ter registado mudanças desde 1973, tendo-se mesmo agravado, com a entrada de Portugal, Espanha e Grécia.

Torres Pereira, que considera à cooperação local entre populações «uma alternativa à política centralizadora», congratula-se com o facto de se ter atingido em Lisboa um acordo entre as duas entidades do poder local na Europa - o Conselho de Municípios e Regiões e a União Internacional das Autoridades Locais - mediante o qual a primeira se torna única representante. A unificação da voz das regiões no plano europeu constitui uma velha aspiração da CMRE, criada no pós-guerra por autarcas franceses e alemães.

Soares defende regionalização

Durante a sessão de abertura dos XVIII Estados Gerais dos Municípios e Regiões da Europa, o grande tema foi a regionalização. O Presidente da República, na sua primeira intervenção pública após o anúncio formal de recandidatura, considerou que «não há democracia sem poder local e poder regional».

Soares salientou o facto de o encontro de autoridades locais e regionais abrir no dia da oficialização da reunificação da Alemanha - «que foi mais do que isso: foi a reunião de duas europas numa só, a da democracia e do pluralismo», disse - e introduziu o tema da nossa «vocação» para o diálogo Norte-Sul. «Portugal é um país fronteira entre os países desenvolvidos e os deserdados do Mundo», observou o Presidente.

Também Jorge Sampaio, minutos antes, fizera da reivindicação da regionalização administrativa do Continente o tema central da sua intervenção. Falando na qualidade de presidente da edilidade anfitriã dos Estados Gerais, abordou as diversas «condicionantes» da actividade autárquica em Portugal.

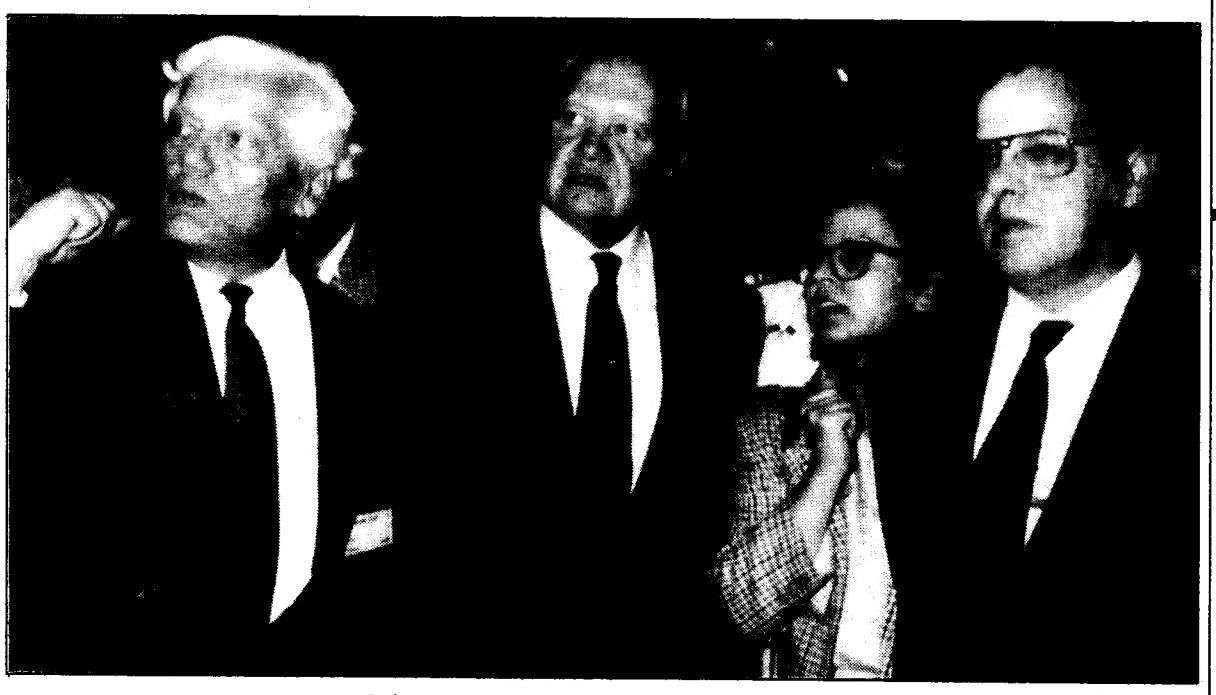
Para Sampaio, o relacionamento entre o poder local e o central tem obedecido a «combinações casuísticas» ou «imposições de interesses meramente conjunturais», num país onde, apesar de a descentralização e a regionalização estarem consagradas constitucionalmente, «não há praticamente decisões municipais que não tenham de passar por alguma tutela».

Ambiente e finanças locais na agenda

Os trabalhos do XVIII Estados Gerais, que até ao próximo sábado vão reunir em Lisboa cerca de 2 500 eleitos locais e regionais, começam amanhã no Centro de Congressos da FIL, em Lisboa. Durante todo o dia, três comissões debatem em simultâneo temas tão quentes como o ambiente e qualidade de vida dos europeus, as finanças locais e regionais na perspectiva do Mercado Interno e o «Desafio de 1993 para as autonomias locais e regionais». Para sexta-feira, ficará a discussão, em plenário, do relatório de Torres Pereira.

O alargamento do debate, obtido pela primeira vez na história dos Estados Gerais, a representantes de quase toda a Europa, incluindo o antigo bloco de Leste e, como observadores, a políticos locais da África lusófona, Marrocos, Israel e Brasil é de molde a estabelecer pontes de convergência, não apenas na perspectiva da construção europeia, mas do relacionamento entre a CEE e o Sul sub-desenvolvido. Os efeitos desta reunião de Lisboa, por outro lado, não deixarão de se fazer sentir nas conferências sobre União Económica e Monetária e sobre União Política europeias, marcadas para 13 e 14 de dezembro em Roma.

Paulo Martins



Mário Soares participando nos trabalhos

Costa Freire pode incriminar outras pessoas

O caso Costa Freire ocupa hoje significativo espaço em três semanários e num diário, coincindindo as notícias no sentido de que as declarações do ex-secretário de Estado, agora detido na Judiciária, poderão implicar a ex-ministra Leonor Beleza de cumplicidade numa eventual burla em que estará envolvida a gestão do Ministério da Saúde.

O «Independente» sustenta que o ex-secretário de Estado «não quer cair sozinho, vai incriminar Leonor Beleza e pode apanhar vários anos de cadeia». Segundo «O Jornal», Costa Freire sustentará a tese de ter sido submetido a fortes pressões políticas (...), pelo que colaborou na ultrapassagem de procedimentos jurídicos» impostos pela lei. O «Público» refere que este caso pode conduzir a novas prisões e adianta que Silveira Botelho, ex-chefe de gabinete de Leonor Beleza pode vir a ser detido na sequência do interrogatório de Costa Freire.

Silveira Botelho, recorde-se, ainda não foi ouvido pelo DIAP (Derpartamento de Investigação e AcçãoPenal), mas declarações de Costa Freire poderão torná-lo num dos principais alvos da Procuradoria Geral da República. O «Público» refere que «informações não confirmadas dão já o ex chefede gabinete de Leonor Beleza (...) ausente no estrangeiro, em Itália concretamente

Cadernos «Politika!» regressam com Cunhal

«Ainda cá estamos...» lê-se no canto inferior direito da capa vermelha preenchida com uma enorme foice, o martelo e a inseparável estrela. São os «Cadernos Politika!» que regressam depois de vários meses de interregno.

Ontem, dia do lançamento do novo número, o director da publicação, Nuno Ramos de Almeida, explicou ao DL a demora que afinal acaba por não ser. «Não temos periodicidade, ou, pelo menos, a que temos é irregular», afirma. Questões de ordem técnica impediram, no entanto, que a revista tivesse saído há mais tempo.

A abrir, uma entrevista com o secretário-geral do PCP, Álvaro Cunhal. Apesar de ter sido realizada a 7 de Maio e de se terem verificado «alterações da conjuntura política destes últimos quatro meses» os autores optaram pela sua publicação por considerarem «o seu teor actual» e «com interesse para o leitor».

A meio da conversa, Álvaro Cunhal, ao ser questionado sobre uma maior confrontação entre a direcção e alguns militantes responde com uma pergunta: «Hoje as actividades fraccionárias são mais intensas ou menos intensas do que eram na altura do anterior Congresso? Eu creio que são mais intensas e mais atrevidas. Mas estamos em condições de ultrapassar a situação».

Além deste aperitivo que é a entrevista com o secretário-geral do PCP, este número da «Politika!» tem ainda um dossier sobre o erotismo e outro sobre arquitectura.

L. A. B.

Ramalho Eanes apela à Paz em Angola

Ramalho Eanes esteve em Angola durante uma semana. Procedeu à recolha de informação sobre o processo político e à colaboração a dar para a pacificação daquele país. Ontem, ao deixar Luanda o antigo Presidente da República anunciou que vai contactar personalidades nacionais e internacionais com a intenção de lhes dar «conta do que é a realidade angolana e da colaboração que poderão vir a dar para que o processo de paz em desenvolvimento se conclua o mais breve possível».

Eanes traz do Presidente José Eduardo dos Santos «um pedido genérico para que ajude a proporcionar um ambiente de maior entendimento para a situação e para o que ela exige. Para uma solução de paz em Angola». No entender do general Eanes, «Portugal já demonstrou que neste processo negocial consegue uma posição inteiramente séria, responsável e dinâmica».

para gerir o município
com a participação
da população...

CÂMARA MUNICIPAL DE VILA FRANCA DE XIRA

pdm
plano director municipal
VILA FRANCA DE XIRA

uma escolha para o futuro!

POLÍTICA DE A a Z

HUMBERTO DELGADO, MENSAGEM DO EXÍLIO

O general Humberto Delgado considerou-se vencedor das eleições de 8 de Junho de 1958. E, com a sua formação mental de militar não admitia que os generais seus pares, independentemente das respectivas convicções políticas, consentissem no esbulho de que um camarada de armas fora vítima. Com os documentos assinalados noutras notas cursivas neste jornal publicadas, a carta, datada de 27 de Julho, enviada aos quatro mais altos responsáveis militares, do Exército e da Força Aérea, não é um simples pedido de solidariedade, é um texto político importante, um apelo veemente a uma intervenção militar na vida nacional. Mas os destinatários, os generais Júlio Botelho Moniz (chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas), Frederico Lopes da Silva (presidente do Supremo Tribunal Militar), Costa Macedo (chefe do Estado-Maior da Força Aérea), Beleza Ferraz (chefe do Estado-Maior do Exército), embora integrassem a ala que contestava o ministro da Defesa, coronel Fernando Santos Costa, não se moveram. Humberto Delgado ficou isolado da hierarquia militar e tentou, no plano político e pela via conspirativa, dar continuidade ao seu combate.

A carta de 27 de Julho, tal como o documento da impugnação dos resultados eleitorais (21 de Junho), são peças que mereciam ser reeditadas, amplamente divulgadas, para dar a conhecer os acontecimentos e a sua sequência, para ajudar a compreender a(s) atitude(s) do general Humberto Delgado nos anos de exílio no Brasil e na Argélia. Não se deve esquecer que é o interesse humano, a solidariedade, manifestados a um prisioneiro político, o capitão Henrique Galvão, que levará o general a um relacionamento com personalidades da oposição democrática e o motivará para aceitar candidatar-se à Presidência da República. Não se conforma com a perseguição política ao seu camarada Henrique Galvão. Não suportará, sem amargura e sem indignação, que camaradas seus, generais como ele, lhe não manifestem na «farsa indecorosa» e na perseguição que se seguiu às deturpações e roubo dos resultados eleitorais, a solidariedade que entendia lhe ser devida. Concebia essa solidariedade em termos corporativos. Ele era um membro do corpo dos generais. Deviam, os generais, com ele ser solidários. Mas o generalato não implicava uma comunhão de ideais, uma identificação de concepções de vida, as mesmas noções de lealdade, de oportunidade, de comportamento — o que viria a ser observado pelo general Beleza Ferraz.

A carta de 27 de Julho, enviada aos generais Júlio Botelho Moniz, Frederico Lopes da Silva, Costa Macedo e Beleza Ferraz, está publicada. Mas será conhecida? De 1958 a 1990 decorreram trinta e dois anos. Os portugueses com vinte, trinta ou quarenta anos não têm um directo conhecimento de o que ocorreu em 1958. Sobre as eleições, as lutas, as intrigas e contradições dos finais desse ano e dos primeiros meses de 1959 — Delgado pediu asilo na Embaixada do Brasil a 12 de Janeiro, partiu para o exílio a 21 de Abril —, é escassa e fluida a memória. A homenagem que a Assembleia Nacional, por voto unânime, decidiu prestar-lhe, não foi objecto de informação, de esclarecimento, de justificação. A trasladação para o Panteão Nacional de um «combatente da liberdade» não fecha um capítulo da História, exige a clareza histórica.

A luta de Humberto Delgado contra a ditadura faz parte da nossa História Contemporânea. E documentos da sua autoria, como a «Impugnação», a «Carta aos generais» e a «Mensagem do Fim do Ano de 1959», devem ser divulgados para melhor conhecermos as suas tomadas de posição e o considerarmos na sua verdade pessoal e política.

Para compreendermos o que se passou com o general Humberto Delgado no Brasil e na Argélia, é necessário termos em conta de que pela fusão da candidatura do dr. Arlindo Vicente e da do general, este se convertera em líder da oposição anti-salazarista e anti-fascista, e vivia na convicção de que ganhara as eleições. Daí certa postura de Chefe de Estado no exílio que nem todos os exilados políticos radicados no Brasil aceitaram. Mas é representativa dessa postura a «Mensagem do general Humberto Delgado ao Povo Português no Fim do Ano de 1959».

Num exemplar dactilografado em papel de seda de cor amarela, a «Mensagem» chegou a Portugal mas não teve ampla divulgação. O José Moreira da Assunção e o Joaquim Bastos reproduziram alguns exemplares e distribuiram-nos a frequentadores dos respectivos escritórios e do Café Nicola. É um texto desconhecido. O general, nos finais de 1959, acabava de visitar a Inglaterra e a Holanda. Na Inglaterra tinha sido recebido pelos três grandes partidos. Na Holanda, as restrições à sua actividade e contactos tinham sido prontamente levantadas. Só por ter adoecido não visitara a Bélgica. Satisfeito, Humberto Delgado registava: «O que se passou na velha aliada — a Inglaterra — excedeu toda a expectativa...». E dessa experiência retirando lição, comentava: «O noticiário falso, a preocupação notória do Governo em espiar meus passos, a insidiosa pergunta a respeito de quem custeara a viagem (como se fosse extraordinário que os democratas portugueses do Brasil dispusessem de fundos para um só indivíduo ir uns dias à Europa) demonstra implicitamente o retumbante êxito da Oposição, apesar de há trinta anos lhe ser negada qualquer possibilidade de organização.»

A «Mensagem» é um texto moderado ao Povo Português dirigido por alguém que se constitui símbolo da luta pela liberdade e para a luta se oferece como exemplo. Citamos: «Como símbolo humano das forças que pugnam pela libertação da Pátria tão doente e triste, confrange-se-me o coração ao ver tanto lar chorando a ausência dos seus entes queridos — presos e exilados.» E esperançadamente adiante afirma que outros seguiram o seu exemplo «em clara demonstração de que Portugal deixou de ser pertença de todos os portugueses, afigurando-se propriedade de alguns privilegiados — os donos de pingues rendas e medievais poderes.»

Já não é o discurso do *dissidente* do regime que encontramos na «Mensagem... do Fim do ano de 1959», é o discurso do *opositor*. Humberto Delgado escrveu: «Depois da campanha eleitoral e das fictícias *eleições* de 8 de Junho de 1958, cujos verdadeiros resultados o povo português e o Governo bem conhecem, o espírito nacional entrou numa fase de nítida reacção, permanente, contra a tirania. Os asilos diplomáticos pedidos, as manifestações por escrito ou pela tentativa de violência, até da parte de elementos das colectividades tradicionalmente mais conservadoras e rotineiras, como são a Igreja e as Forças Armadas, revelam um estado de alma que não ilude acerca do destino próximo dos detentores do Poder.» E tira, da reacção do Governo de Salazar aos resultados não reconhecidos das eleições, a inevitável conclusão: «Sintomático é que o Governo alterasse a Constituição no sentido de que o Presidente da República passasse a ser *nomeado* por indivíduos por sua vez *nomeados* pelo Governo, criando-se assim um fantástico círculo vicioso de *nomeações* cuja origem reside no Presidente do Conselho de Ministros, *nomeado* este virtualmente pelo Presidente da República, que, por sua vez, é *nomeado* por aquele!» Para o general Humberto Delgado estava feita a prova; o Governo «não pode aceitar a luta lealmente, pois assim a perderia.»

Fernando Piteira Santos

A afirmação aponta para outras formas de luta que as eleitorais, mas a «Mensagem» não as explicita. O seu tom, já o dissemos, é moderado, enquadra-se, pelo estilo, na tradição da quadra: Natal/Ano Novo. É uma «Mensagem» de fraternidade e de luta em que, às Forças Armadas se pede que «saibam a tempo saldar a dívida de honra que têm em aberto com a Pátria, trazendo a concórdia e tolerância à Família Portuguesa, e que, por meios pacíficos, fácil, instantaneamente, podem obter, dentro do regime republicano», «Mensagem» que se dirige à Nação e mesmo às «forças do despotismo» para que não persistam no erro.

A Liberdade é o valor supremo, Humberto Delgado justifica em seu nome o pedido de asilo ao Brasil: «Neste País, adentro das suas leis, e gozando do bem negado em Portugal, a Liberdade, pude continuar a luta, o que, numa prisão, me seria impossível».

A história dessa luta faz parte da nossa História Contemporânea. Os documentos que temos citado — a «Impugnação», a «Carta aos generais», a «Mensagem no Fim do Ano de 1959» — devem ser divulgados para melhor conhecermos as tomadas de posição de Humberto Delgado, para o considerarmos na sua verdade pessoal e política: um homem que não aceitou os resultados de uma farsa eleitoral e que se entregou a um combate de vida e de morte.

A.M.A.
Auto Monumental de Aveiro S.A.
Audi
CONCESSIONÁRIOS
AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA
Av Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

ECONOMIA

BREVES

Sonae vai inaugurar uma nova fábrica

A Sonae, através da Sociedade de Iniciativas e Aproveitamentos Florestais, vai inaugurar na próxima segunda-feira a fábrica MDF (de aglomerado de fibras de madeira de média densidade). Está prevista a presença do primeiro-ministro, Cavaco Silva, e do presidente da Sonae, Belmiro de Azevedo. O projecto de instalação desta unidade industrial, situada em Mangualde, envolveu um investimento de nove milhões de contos.

Aniversário do CPP vai dar prémios

O Crédito Predial Português vai assinalar no dia 24 de Outubro o seu 126º aniversário, promovendo um sorteio de cinco contas entre todos os titulares de poupança habitação e poupança habitação jovem, cujo prémio será a duplicação dos respectivos saldos, até um máximo individual de cinco mil contos. Todas as contas deste tipo existentes até 20 de Outubro serão abrangidas pelo sorteio.

Os melhores relatórios são da Soporcel e BCP

Os relatórios e contas da Soporcel e do Banco Comercial Português foram considerados os melhores de 1989 pelo júri do Prémio Semanário Económico/Arthur Andersen, que foi presidido por Ernâni Lopes. Este ano, o prémio foi atribuído pela primeira vez a duas empresas. Nas duas edições anteriores o vencedor foi o Banco Português de Investimento.

Novos índices de preços a partir de 1991

O Instituto Nacional de Estatística vai alterar a base do índice de preços no consumidor a partir de Janeiro de 1991, calculando-o a partir de 63 mil preços de 577 artigos e de 9.100 estabelecimentos, quando até agora vinha a ser elaborado na base de 25 mil preços, 524 artigos e 4.800 estabelecimentos. Pela primeira vez vão passar a estar disponíveis índices a nível nacional e regional. Quer dizer, além de um maior âmbito de recolha de informação, o índice, que deterina a inflação, vai ter uma estrutura de consumo mais actualizada.

Cálculo do valor patrimonial para efeitos fiscais terá de aguardar nova redacção, o que parece dar razão às queixas feitas pelos senhorios quanto ao projecto de Oliveira e Costa

SEH e IGC «chumbaram» processo de avaliações

O projecto de avaliações que se destina a fixar as regras de cálculo do valor patrimonial dos prédios para efeitos fiscais, da autoria do secretário de Estado dos Assuntos Fiscais, foi recusado pela Secretaria de Estado da Habitação e pelo Instituto Geográfico e Cadastral.

Os pontos do projecto de Oliveira e Costa que deram origem à rejeição, por parte de Carlos Costa, titular da Habitação, são a composição das comissões de avaliação, o mecanismo previsto para a fixação do valor da construção e o âmbito de aplicação do novo regime.

A posição agora assumida pelas duas entidades vêm ao encontro do parecer da Associação de Senhorios que, há cerca de dois meses, havia tornado público um documento coincidente nalguns pontos com a posição tomada pelo Ministério dos Transportes e Comunicações e Obras Públicas.

Face ao «chumbo» de que foi alvo, o projecto de código, que deveria entrar em vigor em meados de 1991, terá de ser remetido para a Secretaria de Estado dos Assuntos Fiscais que, para o ver aprovado, terá de eliminar as normas polémicas.

Inovações

As grandes inovações contidas no diploma são basicamente a fixação de mecanismos para determinação do valor dos prédios urbanos.

Enquanto que, no regime em vigor, o cálculo do valor tri-butário é determinado com base no montante da renda, no projecto de código ele é feito tendo em conta parâmetros intrínsecos ao prédio.

Factores como a área bruta de implantação, em vez da líquida, localização e idade do prédio passam a ser tomados em conta, pelas comissões de avaliação, enquanto que no valor dos prédios rústicos será reflectida apenas a capitalização do rendimento fundiário.

O projecto, que estabelece diversas outras normas, define que no âmbito da sua aplicação só serão abrangidos os prédios que sejam inscritos depois da sua entrada em vigor, ficando aberta a possibilidade do Governo autorizar uma avaliação geral.

Excedente da balança de capitais suporta maior défice comercial

Vice-governador do Banco de Portugal não considera preocupante a evolução das contas externas

António Borges: inflação é o maior problema

Um défice, «porventura substancial», da balança de transacções correntes é «a melhor resposta que Portugal deve oferecer ao excepcional excedente da balança de capitais», defendeu ontem em Lisboa António Borges, vice-governador do Banco de Portugal.

Falando no seminário sobre mercados financeiros portugueses e investimento, António Borges considerou que a evolução das contas externas de Portugal «não pode ser considerada preocupante».

De facto, disse, o défice da balança de transacções correntes resulta de um crescimento muito rápido das importações e não de uma diminuição das exportações.

Neste termos, acrescentou, o agravamento que se verifica representa uma excelente forma de evitar que a procura interna excessiva se traduza numa crescente taxa de inflação.

Por outro lado, consireou que a forma mais directa de canalizar o excedente da balança de capitais para o financiamento de um maior défice da de transacções correntes é permitir a subida real do escudo.

Segundo António Borges, a manutenção de uma taxa de desvalorização anual de três por cento para o escudo explica-se pela necessidade de continuar a proporcionar à indústria portuguesa um período de transição.

Para o vice-governado do banco central, o comportamento preocupante da taxa de inflação é o único elemento dissonante na actual conjuntura económica nacional, a qual considerou, em geral, «muito positiva».

O comportamento da inflação é levado à conta, quase exclsuivamente, da forte pressão da despesa interna sobre a capacidade de oferta. Nestes termos, considerou, a forma mais eficaz para travar a procura agregada é um aumento da poupança.

COTAÇÕES

Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	45$25	51$25
ALEMANHA (marco)	87$90	89$10
ÁUSTRIA (xelim)	12$50	12$70
BÉLGICA (franco)	4$081	4$331
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	118$35	120$85
(notas de 5 a 1000)	118$85	121$35
DINAMARCA (coroa)	23$00	23$40
ESPANHA	1$367	1$487
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	136$40	139$90
(notas de 5 a 1000)	136$90	140$40
FINLÂNDIA (marka)	36$95	37$55
FRANÇA (franco)	26$25	26$95
HOLANDA (florim)	77$95	79$05
IRLANDA (libra)	237$05	241$05
ITÁLIA (lira)	$107	$122
JAPÃO (iene)	$958	1$013
NORUEGA (coroa)	22$65	23$15
REINO UNIDO (libra)	259$40	263$90
SUÉCIA (coroa)	23$85	24$35
SUÍÇA (franco)	105$70	107$20
VENEZUELA (bolívar)	2$398	3$198

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

ESPECIAL FÉRIAS/90

no HOTEL DO PARQUE

VIANA DO CASTELO
COSTA VERDE

☆☆☆☆

O Hotel do Parque em Viana do Castelo elaborou para si um atractivo programa especial «Férias 90» oferecendo-lhe a possibilidade de gozar as suas melhores férias de sempre no coração do Alto Minho e no sossegado ambiente das suas 4 Estrelas, Piscinas, Bares, Sala de Jogos, etc. Preços p/pessoa em quarto duplo c/peq. almoço incluído.

		OUTUBRO
PROGRAMA 1 6 noites 7 dias	Entrada domingos Saída sábados	15 900$00
PROGRAMA 2 7 noites 8 dias	Entrada qualquer dia	19 950$00

• Peq. Suplemento p/ocupação single.

Peça-nos programa detalhado «ESPECIAL FÉRIAS 90», por Telef. (058)82 86 05, Telex 32511 HOPARC P, Fax 82 86 12 ou no seu AGENTE DE VIAGENS.

Acções da Arborfil sob suspeita

O auditor geral do mercado de títulos avisa os investidores para terem cuidado com as transacções que se estão a efectuar com acções da Arborfil (do sector têxtil), empresa onde decorre a averiguação de uma eventual fraude financeira.

Segundo o auditor, as cotações das referidas acções, que variam entre 785 e 800 escudos, «não se baseiam numa situação económica e financeira da empresa que seja credível, enquanto os factos que indiciariamente a perturbam não forem esclarecidos».

A Comissão Directiva da Bolsa de Lisboa já havia suspendido, por três dias, no final de Agosto, a cotação das acções da Arborfil, após denúncia da própria administração da empresa da existência de uma fraude que ascendia a 300 mil contos.

A nota do auditor geral do mercado de títulos afirma que está de posse de informações que indiciam «uma situação patrimonial perturbada e até agora não esclarecida» na referida empresa.

INTERNACIONAL

As Filipinas enfrentam hoje nova tentativa de golpe, encabeçada por um ex-chefe das forças de elite. Os rebeldes conseguiram apoderar-se de duas cidades da ilha de Mindanao, sem qualquer resistência

Corazón Aquino promete esmagar a rebelião

Forças rebeldes, lideradas por um antigo coronel da guarda da Presidente Corazón Aquino, lançaram hoje uma insurreição no sul das Filipinas, dominando, pelo menos, duas cidades da ilha de Mindanao.

No último desafio rebelde a Aquino, o coronel Alexander Noble e uma pequena coluna de tropas assumiu o controlo das cidades de Butuan e de Cagayan de Oro sem luta, e disseram que pretendiam estabelecer um Estado independente em Mindanao.

Entretanto o chefe do Estado-Maior das forças armadas, general Renato de Villa, colocou a força militar de 150 mil homens em alertta total, a fim de prevenir uma nova tentativa de golpe em Manila.

A Presidente Corazón Aquino prometeu entretanto esmagar a revolta militar contra o seu Governo e afirmou que não deixaria morrer a democracia nas Filipinas.

Os rebeldes afirmaram que soldados apoiantes juntaram-se-lhes em outras duas cidades do norte de Mindanao, Iligan e Surigao, quando a revolta aparentava começar a expandir-se. Mas essas deserções não puderam ser confirmadas independentemente.

A Presidente das Filipinas, Corazón Aquino

O primeiro tiroteio referido durante este motim surgiu quando caças governamentais bombardearam posições rebeldes que tentavam assumir o controlo de um campo do exército em Iligan, cerca de 800 quilómetros a sudeste de Manila e atingiram um helicóptero dos revoltosos, disseram fontes militares.

Aquino, que sobreviveu a seis tentativas de golpe de Estado desde que uma revolta popular a levou ao poder em 1986, apelou aos filipinos para apoiarem a democracia restaurada e ajudarem a esmagar o movimento rebelde.

Rebeldes aproveitaram crise económica

Os rebeldes iniciaram a sua acção de forma a coincidir com críticas crescentes ao Governo de Aquino, que enfrenta uma crise económica provocada pelo grande aumento dos preços do petróleo, pelo impacto económico de uma série de desastres naturais e pela instabilidade política gerada por uma campanha rebelde de ataques à bomba em Manila.

Noble, um antigo vice-chefe da guarda de segurança de elite da Presidente Aquino, entrou em Cagayan de Oro, cidade com 500 mil habitantes, deslocando-se num veículo blindado, onde foi aclamado por uma multidão calculada em vários milhares de pessoas. Um porta-voz militar em Manila afirmou que fontes governamentais actuariam contra Noble.

Soldados leais a Aquino permanceram barricados atrás de arame farpado no campo Patag do exército, em Cagayan de Oro, disseram testemunhas.

Panfletos distribuídos pelos rebeldes, que apresentavam a bandeira vermelha, azul e verde de um «Mindanao independente», afirmavam: «Isto é um anúncio de que a guerra para a libertação de Mindanao começou».

Mindanao é a segunda maior ilha das Filipinas. É rica em minério, produz dois terços dos ananases do país, 55 por cento do café e metade da copra.

Redacção «DL»/Lusa/AFP

Acções diplomáticas intensificam-se no Golfo

Delegação espanhola encontra-se hoje com Saddam Hussein

Uma delegação espanhola deslocou-se hoje a Bagdad para se reunir com líder Saddam Hussein e tentar conseguir a libertação dos estrangeiros retidos no Iraque. O grupo, constituído por uma deputada, o reitor da Universidade de Madrid, um advogado e dois membros da Associação para os Direitos Humanos, chegou ontem a Amã, tendo seguido ao fim da manhã para Bagdad a bordo de um avião das linhas aéreas iraquianas.

Por outro lado, o primeiro-ministro japonês, Toshiki Kaifu, manteve hoje conversações com o vice-primeiro-ministro iraquiano, Taha Yassin Ramadan, em Amã, segundo responsáveis nipónicos.

Kaifu, que se encontrou com as autoridades da Jordânia, vai conceder uma ajuda económica de 250 milhões de dólares (cerca de 350 milhões de contos) a este país, profundamente afectado pela crise do Golfo.

Ontem, um enviado especial soviético emtregou uma carta do Presidente Gorbachev ao rei Hussein da Jordânia e discutiu a crise com o líder palestiniano, Yasser Arafat. O rei Hussein, depois do encontro com o membro do Conselho Presidencial soviético, Yevgeny Primakov, disse que existe ainda a esperança de se encontrar uma solução para a crise do Golfo e e de evitar a guerra.

O Presidente francês deslocou-se igualmente ontem à região do Golfo. Mitterrand, que passou a noite a bordo do contratorpedeiro «Dupleix» (um dos 27 navios estacionados nas águas do Golfo), exortou o Iraque a abandonar o Kuwait e libertar todos os reféns ocidentais, referindo que isso «tudo possibilitaria».

O Iraque mantém centenas de homens, japoneses e ocidentais, em locais estratégicos, para dissuadir possíveis ataques por parte da força multinacional estacionada no golfo Pérsico.

Bagdad adia discurso na ONU

Pela segunda vez, o Iraque voltou a adiar a sua intervenção perante a Assembleia Geral da ONU, após quase todos os países terem condenado, nos seus discursos, a invasão do Kuwait. Fontes diplomáticas disseram que esses adiamentos podem significar que o próprio ministro dos Negócios Estrangeiros do Iraque, Tarek Aziz, vai à ONU discursar. Outros embaixadores admitiram a hipótese de o Iraque estar a preparar a sua intervenção, tem em conta o discurso de segunda-feira do Presidente George Bush, que fez a ligação entre a retirada iraquiana do Kuwait e a resolução dos outros conflitos no Médio Oriente.

O líder iraquiano visitou ontem o Kuwait, tendo-se encontrado com chefes militares e com o ministro da Administração local nomeado por Bagdad, Ali Hassan Al-Majid, segundo a agência noticiosa iraquiana, INA.

As autoridades britânicas da Imigração anunciaram entretanto que mais de 150 iraquianos chegados a Londres, num voo não autorizado, procedente da Síria, pediram asilo político ao Governo britânico.

Redacção «DL»/Lusa/AFP

Proposta Mac Sharry gera conflito?

Estranha unidade nasce de madrugada

Do nosso correspondente, em Bruxelas

Admite-se que a Comissão Europeia tenha aprovado a proposta de Ray Mac Sharry sobre uma redução de 30 por cento nas ajudas públicas aos agricultores europeus. Pensa-se que a proposta do comissário «teimoso» tenha vingado, mas sujeita a alterações. Tudo isto a avaliar pela forma inaudita como terminou a reunião do Berlaymont e pela lacónica informação fornecida aos jornalistas: «Os 17 comissários aprovaram, por unanimidade, uma proposta, que será dada a conhecer ao Conselho de Ministros de Agricultura da próxima semana.»

Um coro de protestos acompanhou o anúncio, até porque os jornalistas tinham sido convocados para uma conferência de Imprensa pelo Gabinete do comissário responsável pelo pelouro da Agricultura, que acabou por não comparecer. Já passava da meia-noite quando o chefe dos porta-vozes divulgou em síntese os resultados da reunião da Comissão Europeia. O assunto mais importante tinha a ver com o GATT (Acordo Geral sobre Tarifas Aduaneiras e Comércio) e com a proposta de Mac Sharry, a que se opunham os comissários Frans Andrissen e Martin Bangemann, defensores de uma redução final, eventualmente até aos 70 por cento.

Mac Sharry havia tornado público a intenção de não modificar uma palavra à proposta inicial, já derrotada em plenário de comissários, há duas semanas quando na sala se registavam algumas ausências. A reunião de ontem era aguardada com desusado interesse, por razões várias: primeiro para se saber se Mac Sharry conseguiria impor a sua proposta; depois, qual seria a versão final, sabendo-se que dela dependem maiores ou menores dificuldades nas negociações com os Estados Unidos (defensores de uma redução próxima das preconizadas por Andrissen e Bangemann); finalmente, se estalaria a desunião no seio do Executivo de Bruxelas.

Unanimidade?

Dezenas de jornalistas acreditados junto da CEE aguardavam desde o meio-dia os resultados da reunião. O tema do GATT fora sendo progressivamente atrasado, até ser anunciada uma conferência de Imprensa do comissário para as 20 horas. A espera foi-se prolongando até depois da meia-noite, quando o chefe dos porta-vozes informou que Mac Sharry não iria comparecer.

A opinião generalizada sugere grandes dificuldades na obtenção de consenso. A ênfase conferida ao termo «unanimidade» não escapou aos jornalistas, por lhes parecer deslocado. O porta-voz prometeu uma nota explicativa para o meio-dia de hoje.

Informação não oficial que a proposta aprovada aponta para reduções de 30 por cento aos subsídios agrícolas, tudo isto sujeito a confirmação. Ao certo, sabe-se apenas que a Comissão Europeia dispõe de uma proposta para apresentar em Conselho de Ministros e também na reunião do GATT em Geneve, no dia 15. A fase final das negociações terá lugar em Bruxelas, em Dezembro, com a presença de representantes de quase todos os países do Mundo. É este acontecimento que vai regular o comércio internacional mas, igualmente, estar na origem do aumento do fosso entre países ricos e pobres.

José Rui Cunha

BREVES

EUA não enviarão tropas para Angola

A Secretaria de Estado norte-americana disse que não vê qualquer possibilidade do envio de tropas dos EUA para integrarem em Angola uma força conjunta com a URSS, de observação do cessar-fogo. A possibilidade do envio dessa força tinha sido admitida pelo líder da Unita, Jonas Savimbi, que manteve um encontro com o Presidente Bush. No entanto, o auxílio norte-americano à Unita vai continuar e poderá deixar de ser secreto.

Brizola eleito governador do Rio de Janeiro

O líder socialista Leonel Brizola, do Partido Democrático Trabalhista (PDT), venceu por larga maioria as eleições de ontem para governador no Estado do Rio de Janeiro, indicam as primeiras previsões. Jorge Bittar, candidato da Frente Popular, que integra o Partido Trabalhista e o Partido Socialista Brasileiro, foi o segundo mais votado. As eleições de ontem escolheram os governadores de 27 Estados, 31 senadores da república, 503 deputados federais e 969 deputados das asembleias legislativas estaduais.

Ao discursar perante o novo Reichstag

Kohl assumiu responsabilidades

Memórias de outras violências alemãs tornaram insignificantes as escaramuças que, esta semana, coincidiram, na Alemanha, com as festividades da unificação. Houve 200 feridos, mas a maior parte só sofrendo de ferida ligeira, e uns 270 foram interpelados, mais simpáticamente ou menos, pela Polícia. Não foi nada. E o chanceler Kohl, dirigindo-se ao novo Parlamento alemão, reunido em Berlim, assumiu as culpas da Alemanha doutrora mas recomendou:«Compete agora aos alemães produzir riqueza em todas as partes do seu novo país». Isto, sim, importa.

A polícia de Berlim enfrenta manifestantes, de esquerda. Oito mil alemães desceram à rua para demonstrarem a sua oposição ao que eles dizem ter sido «a compra da pobre RDA pela rica e arrogante RFA»

Tranquilizante legitimidade

As salas e os corredores do Reichstag regressaram aos grandes brilhos do seu passado. Lá se reuniram os 664 deputados que representam agora o povo alemão unido. São 520, do ex-ocidente, e 144 do ex-Leste.

A composição do parlamento poderá alterar-se no próximo 2 de Dezembro, quando ha verá eleições gerais na nova Alemanha e a democracia-cristã irá, muito provavelmente, ganhá-las.

Desde há sessenta e tal anos, quando findou a República de Weimar, que não se via na Alemanha um grande parlamento reunido, com alguma e tranquilizante legitimidade.

Falando perante ele, o chanceler Kohl chamou a atenção dos deputados para o grande desafio com que o povo alemão agora se defronta: eliminar os efeitos de 45 anos de divisão.

Kohl por capítulos

Mas a resposta ao desafio terá vários capítulos, segundo Kohl. Afirmou ele: «Na Alemanha unida todos teremos de suportar o fardo» - referindo-se às culpas do passado germânico.

«Formulo votos por que os alemães façam os sacrifícios necessários à garantia do êxito da nação alemã».

«Devemos colmatar o fosso que se abriu entre os ocidentais, o lado brilhante da história alemã moderna, e os orientais, que sofreram sob um regime comunista».

«Temos de melhorar as infraestruturas no Leste, instalar um milhão de novos telefones por ano, substituir as inseguras centrais nucleares que os soviéticos lá construiram, limpar as cidades altamente poluídas da cintura industrial».

Mas Kohl não podia ignorar a dimensão internacional da unificação alemã. Por isso reafirmou a lealdade da Alemanha para com a Nato e para com o processo da unificação europeia, acrescentando:«No país e no estrangeiro queremos ser bons vizinhos. A Alemanha é a nossa pátria mas a Europa é o nosso futuro».

Assegurou que a Alemanha unida assumirá as novas responsabilidades mundiais que lhe cabem, incluindo as que dizem respeito à crise no Golfo.

Também é esperança do chanceler que a reunião cimeira, em meados de Novembro, na capital francesa, dos 34 países participantes na Conferência sobre Segurança e Cooperação Europeias (CSCE), produza um comunicado conjunto sobre a amizade e a parceria entre as nações da Nato e as que, formalmente, ainda constituem o Pacto de Varsóvia.

Kohl reconheceu igualmente, face aos deputados do novo Reichstag:«No estrangeiro será observada, com grande cuidado, a forma como iremos enfrentar este desafio histórico».

Memórias

Foi notado que entre estes seus vários compromissos assumidos, o chanceler alemão não incluiu qualquer referência precisa ao ritmo com que a CE deverá encaminhar-se para a União Monetária e Financeira Europeia. Há, na Alemanha e na CE, divergências sobre esta questão de velocidade. Sabe-se que alguns altos funcionários da Alemanha favorecem um abrandamento do processo de criação de uma moeda europeia comum.

O que está para leste das suas novas fronteiras não deixou, obviamente, de merecer a atenção do Governo de Kohl. Bona garantiu que a nova Alemanha cumprirá os acordos que no passado foram firmados entre a ex-República Democrática da Alemanha e os países do Comecon. Esta informação foi hoje confirmada, em Genève, pela CE, em comunicação mandada ao Conselho do GATT.

A Alemanha aceitou, assim, cumprir os compromissos de ordem comercial que fazem parte desses acordo com o Comecon embora, de momento, só tenha adoptado medidas que considera «transitórias».

A resposta que veio do Leste foi a consolidada certeza de que Gorbachev visitará a nova Alemanha na primeira metade de Novembro próximo, estando previsto que nessa ocasião assinará com o chanceler Kohl um novo tratado de grande cooperação entre a União Soviética e a Alemanha unida.

Memórias do tratado germano-soviético de 39.

Redacção «DL»/Lusa/ AFP

Forum da Cooperação e Solidariedade

- IRÃO -
Março de 1981 - Guerra Irão / Iraque

Estou à cabeça de uma equipa cirurgica no Golfo Pérsico para socorrer as vítimas do lado Iraniano desta terrível guerra.

Esta noite trouxeram-me várias pessoas vítimas de um bombardeamento aéreo, entre elas, uma criança de 8 anos terrivelmente queimada. Chamava-se Fátima.

A extensão das queimaduras e a falta de uma unidade de cuidados intensivos fizeram-me sentir uma impotência terrível. A Fátima, estava portanto, irremediavelmente condenada, a sua vida duraria apenas algumas horas.

Durante esse período de enorme sofrimento, gostaria de lhe ter proporcionado todo o conforto a que uma criança inocente tem direito e merece, o conforto que a ncompreensão e a intolerância dos homens não deixaram que fosse possível.

Limpei as suas feridas e deitei-a numa cama limpa..., era tudo o que estava ao meu alcance fazer.

(Excerto do diário de um Médico Sem Fronteiras Português da A.M.I. - Assistência Médica Internacional)

Assistência Médica Internacional
organização humanitária não governamental
AMI Av. Gago Coutinho 66 — 1700 LISBOA
Telef 895192

Consultadoria e secretariado do Forum: GESTIMAGEM · Telef. 532171 · Fax: 532172

Vale a pena, ou não, aprender alemão?

Mais luz ou mais emprego?»

«Mais luz», pediu Goethe imediatamente antes de morrer, segundo a crónica de Eckermann. E disse-o em alemão.

Nos anos 50 e um pouco também nos 60, quando o «milagre alemão» se apresentava como balão enorme e vistoso subindo nos ares, a língua alemã teve grande popularidade: eram as relações comerciais, era a cultura, era a política, eram futuros, possíveis empregos.

Depois - e foi um alemão quem me forneceu a análise - os alemães distraíram-se. Deixaram que fôsse inglesa a linguagem técnica do maremoto da informática que invadiu o mundo.

Os franceses procuraram criar a sua terminologia, os alemães também um pouco mas quem ganhou, em termos de computadores, foi a língua de Shakespeare. A juventude passou a dizer «hardware» e «software», «log in» e «log out», «delete» e «save». E era a informática quem prometia mais e melhores empregos.

Agora, com a unificação alemã e a previsão de que a nova Alemanha vai dominar, económicamente, a Europa, a questão foi reposta na mesa: vale a pena, ou não, aprender alemão?

A complexidade da gramática germânica não seduz, mas quantos empregos, em «part time» ou «full time», não poderão ser conquistados se se memorizare m as terríveis declinações da língua de Goethe e se, repetindo o seu pedido de «mais luz», se puder garantir o futuro profissional e a conta bancária?

Goethe quando velho

Paulo David

QUOTIDIANO

Quase com o «pé» num novo século, o mundo assiste à morte de milhares de crianças devido aos mais variados acidentes. Os especialistas , que participam no seminário internacional «Bebé XXI», a decorrer na Reitoria da Universidade de Lisboa, querem resolver o sórdido problema. Prevenir e informar a comunidade parece ser a solução

Prevenção para diminuir mortalidade infantil

As principais causas de morte pré-natal e infantil, a nível mundial, são os acidentes. Em Portugal, o ano passado só por este motivo morreram mais de mil crianças e outras tantas ficaram portadoras de graves deficiências físicas. Os nossos miúdos, os do século XXI que se aproxima, merecem melhor sorte. Os especialistas apresentam uma solução aparentemente simples para combater o problema. É conhecida pelo nome de Prevenção.

«A decisão é vossa! Se querem continuar a deixar morrer os vossos filhos!» A frase «atirada» pelo professor Aidan Macfarlane, da Universidade de Oxford, à vasta plateia de participantes no simpósio internacional "Bebé XXI", que decorre na Reitoria da Universidade de Lisboa, causou algum impacto. O especialista pretendia demonstrar a importância do envolvimento da comunidade nos programas de prevenção desenvolvidos pelos técnicos no sentido de fazer regredir este negro quadro.

Levar a informação adequada a população, sobretudo até aos pais, é o melhor caminho, na opinião de Aidan Macfarlane, para salvar a vida das criança.

E os números divulgados pelo pediatra Mário Cordeiro vieram confirmar a sua tese: em Portugal, o volume de mortalidade infantil por acidente sobe dez vezes mais no interior e junto dos pais analfabetos e trabalhadores rurais, em comparação com o litoral, aos pais com estudos e trabalhadores de quadros superiores.

Paradoxalmente - se pensarmos no avanço da medicina a todos os níveis - outro flagelo para as crianças portuguesas são as chamadas "doenças evitáveis". No mesmo estudo citado por Mário Cordeiro, o ano passado, morreram 248 crianças por tuberculose, 31 com sarampo e 18 com tétano e foram ainda notificados nos serviços de saúde mais de 11 mil casos de sarampo. "Só com uma vasta campanha de informação junto dos pais para a necessária imunização das crianças se poderá atenuar, ou até mesmo fazer desaparecer, este problema", disse o especialista de Oxford.

Aiden Macfarlane: «A decisão é vossa! Se querem continuar a deixar morrer os vossos filhos!»

A grande aposta deste simpósio, todo ele dedicado aos mais jovens membros da sociedade, é a de, precisamente, encontrar respostas para a nova realidade da criança e da família num mundo cujo o espantoso ritmo de transformação teima em não acertar passo com as mais elementares necessidades.

Dois mil e quatrocentos técnicos dos mais conceituados - médicos, professores, sociólogos, educadores e demais agentes profissionais ligados ao sector - trouxeram à Reitoria da Universidade de Lisboa uma nova filosofia de saúde, de educação e de desenvolvimento do comportamento psico-infantil.

Paula Sá

BREVES

A «água» que levou ao hospital

O resultado das análises efectuadas pelas entidades oficiais a «um líquido contido numa garrafa com o rótulo de São Lourenço» e que levou à hospitalização, urgente, de um jovem de Almada, na noite de 18 de Setembro, depois de o ter ingerido, revelaram que o «veneno» se trata de um produto «geralmente utilizado nos restaurantes e pastelarias para desengordurar e limpar loiças, vidros, inox e sanitários».

A revelação fez-se, esta manhã, em forma de publicidade, através de um comunicado da empresa que lamenta «o tratamento menos rigoroso dado por certa Imprensa ao incidente e muito menos o carácter difamatório que assumiram algumas notícias». O comunicado das «Águas de S. Lourenço, Lda» lembra, ainda, que como é normal o seu produto tem um «selo de garantia pelo que a introdução na referida garrafa do líquido analisado pressupõe a sua prévia

Código para consumidores em estudo

Portugal vai ter um código de direito do consumo, esperando-se que seja nomeada, brevemente, a comissão encarregada de redigir o respectivo texto de base, noticiou, hoje, a Lusa, a partir de Coimbra.

Segundo o jurista Mário Frota, a elaboração desse código foi sugerida, recentemente, ao secretário de Estado do Ambiente, Macário Correia, pela Associação Internacional de Direito do Consumo (AIDC) que tem sede na cidade dos académicos. Mário Frota, presidente da AIDC, disse ter sido defendida a elaboração de um código «acessível, mas capaz de defender os interesses dos consumidores».

Catalão vai ser ensinado em universidade portuguesa

A Universidade Clássica de Lisboa vai criar um leitorado de catalão para ensino desta língua a universitários portugueses, anunciou o 'conseller' (secretário do Governo) de cultura, Juan Guitart. A decisão de criação deste leitorado numa universiddae portuguesa é, em parte, consequência do clima criado pelas actividades culturais catalãs em Portugal, durante três meses, por motivo da visita do presidente da 'Generalitat' da Catalunha, Jordi Pujol. Esta individualidade fez, ontem, uma doação de 1.500 volumes dos fundos literários catalãs à universidades de Lisboa, Porto e Coimbra.

O novo telefone de Neves de Sousa

Neves de Sousa, um dos mais antigos redactores do "Diário de Lisboa", com (para além de muita coisa mais...), um número de golos impossível de contar, quer nos estádios nacionais, quer nos estádios estrangeiros, festeja mais um aniversário...

- Ó Neves, quantos anos fazes...?

Neves de Sousa, almoço no Clube dos Amiguinhos, mas escrevendo os lances dos desafios do futebol uefeiro de ontem, não se deu por achado:

- Anos...? Nada disso! Tenho é um novo número de telefone! Qual...? O número seis zero, isto é, sessenta. Um número de telefone para o trabalho e - vá lá! - para quem me quiser lembrar que tenho mais uns cabelos brancos...

Função Pública:salários unem CGTP e UGT

A comissão negociadora das frentes sindicais da Administração Pública, ligadas à CGTP e à UGT, decidiram ontem preparar uma acção conjunta de sensibilização junto dos grupos parlamentares da AR, e «iniciar o debate em torno de acções de luta mais fortes, caso a atitude do Governo o venha a justificar», afirmou ao DL Humberto Costa, da Federação da Intersindical.

Em causa está o resultado das reuniões (em separado) de ontem entre os sindicatos da Administração Pública (da UGT e da CGTP) e a secretária de Estado do Orçamento, onde ambas as estruturas rejeitaram a proposta de aumentos salariais de 11 por cento.O Governo comprometeu-se assim a entregar-lhes nova proposta, tendo ficado agendado um encontro para o dia 9. Após as reuniões com a representante do Governo, as duas estruturas sindicais reuniram-se para analisar a situação. «Verificou-se a convergência de posições no que diz respeito à rejeição da proposta do Governo e aos referenciais de inflação irrealista, com base nos quais o Executivo pretende impor um tecto salarial para a contratação colectiva», disse Humberto Costa.

As conclusões da próxima reunião com o Governo serão analisadas em conjunto pelas duas organizações sindicais, numa reunião já marcada para dia 12.A proposta do Governo que os sindicatos rejeitaram previa um aumento salarial de 11 por cento nos salários e pensões e um subsídio de refeição de 390 escudos. Com as ajudas de custo e abonos da Segurança Social, o aumento na massa salarial seria de 14 por cento.

A estes valores contrapõem os sindicatos outros, mais elevados. A Comissão Negociadora da Função Pública (CGTP) reivindica 17,5 por cento de aumento salarial, nas ajudas de custo e nas despesas com a ADSE e um subsídio de refeição de 525 escudos, de que resultaria um aumento na massa salarial de 22 por cento.Por sua vez, a FESAP (UGT) exige aumentos de 16,5 por cento nos salários, 16 por cento nas ajudas de custo e ADESE e um subsídio de refeição de 480 escudos, o que faz cerca de 20 por cento.

ESCOLA PROFISSIONAL DE MÚSICA DE ALMADA

(Decreto-Lei n.º 28/89)

INSCRIÇÕES: abertas até ao dia 10 de Outubro de 1990

CURSO DE INSTRUMENTO
CURSO DE TÉCNICOS DE ÁUDIO

CONDIÇÕES DE INGRESSO:
* 9.º Ano de Escolaridade
* Idade inferior a 35 anos
* Experiência Musical

COM ESTES CURSOS OBTERÁS:
* Equivalência ao 12.º Ano
* Condições preferenciais de ingresso nos Estabelecimentos de Ensino Superior destas áreas
* Diploma de Estudos Profissionais

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES:
Centro Cultural de Almada
Rua Conde Ferreira, 8
2800 ALMADA
Telefones: 2751121/2769750

No dia 5 de Outubro de há 80 anos, Lisboa amanheceu republicana. A nova era condizia com novos cenários citadinos. E a República instalou-se, em primeiro e definitivo lugar, no símbolo lisboeta do novo século: as grandes avenidas.

As avenidas da República

A Avenida Almirante Reis quando ainda se chamava Avenida D. Amélia. Ao fundo, em construção, o edifício "das Palmeiras" e da farmácia republicana de João Bezelga

Proclamada das janelas dos Paços do Concelho, a Revolução amanheceu mais para norte, nos terrenos baldios da Rotunda. Simbolicamente, nascera numa avenida cujo nome lhe fazia jus: "da Liberdade".

Blocos de basalto, chapas de zinco, bancos virados e árvores arrancadas protejeram os revoltosos. Os relatos da época deixam adivinhar cenários: meia dúzia de destemidos,apoiados pela artilharia e infantaria 16, entre o heróico e o inconsciente, e pelas vendedeiras da vizinha Feira de Agosto."Durante um dia e duas noites - narra a 'Ilustração Portuguesa' - fizeram-se prodígios de valentia, praticaram-se actos de heroicidade de que só é capaz uma multidão tomada de verdadeira fé!".

A Avenida da Liberdade foi, assim, a primeira das avenidas de República. Teve os seus símbolos heróicos: o número 124, onde morava a D. Francisca Teixeira Sampaio, foi totalmente destruído por uma granada; e o gaveto para a Avenida Joaquim António de Aguiar - propriedade do republicano José Costa -, serviu de quartel-general aos revoltosos. Também o obelisco dos Restauradores, celebrando lá em baixo outras glórias patrióticas, ficou danificado pelo fogo cruzado entre os monárquicos do Rossio e os rebeldes da Rotunda.

A Avenida da Liberdade manteve o nome com que honrou a república. Curiosamente, foi uma outra artéria - próxima mas alheia à Revolução - que o 5 de Outubro acabou por rebaptizar. A antiga Avenida de Ressano Garcia, esquecendo as suas origens oitocentistas, passou a chamar-se, a partir de 1910, Avenida da República. E a vizinha Avenida António Maria d'Avellar é hoje Avenida 5 de Outubro.

O almirante Cândido dos Reis, suicida na madrugada do 5 de Outubro, deu novo nome a mais uma das avenidas de Lisboa. A mesma onde, ao longo de 1907 e 1908, se tinham realizado todos os comícios do Partido Republicano.

Em estudos sociológicos ou em estudos urbanísticos recentes, a Avenida Almirante Reis aparece inevitavelmente relegada para uma zona de expansão que não motiva grandes pesquisas. Tida como o eixo habitacional da pequena burguesia, nunca dela se desvendaram tradições de luxo para a olisipografia. Tal como acontece com as Avenidas Novas, a sua história então recente desmotivou investigadores clássicos como Júlio de Castilho ou Vieira da Silva. Apenas Norberto de Araújo lhe dispensa um dos passeios das "Peregrinações em Lisboa"; mas sem grandes pormenores relativos a edifícios ou a eventos. E se, hoje, as Avenidas Novas recolhem já bibliografia em áreas complementares, a Almirante Reis continua esquecida - até que o camartelo ataque em força, justificando tardios pranteadores.

Imagine-se, depois do que ficou dito, que a Almirante Reis tem, mesmo assim, como poucas artérias lisboetas, narrativas que transmitem inteirinho o ambiente dos seus primeiros anos. A bibliografia da zona está quase toda em zonas literárias inesperadas: a ficção e as memórias. Está com José Gomes Ferreira, que a atravessava a caminho do liceu. Está, sobretudo, com José Rodrigues Miguéis, que a pôs intacta nas "Saudades Para Dona Genciana".

Este conto já foi alvo de análises literárias que situam a acção na Avenida da Liberdade. Talvez porque fala de República, de Grande Guerra, de grandes saudades. Tudo coisas que parecem demasiado históricas para caber em caminhos sem história.

Hoje deserdada pela ignorância, a primeira avenida oriental da cidade manteve-se, até aos anos 40, como eixo cobiçado pelos moradores dos bairros confinantes. As demolições da Mouraria e da Praça da Figueira, com as quais se pretendeu "enobrecer" a artéria, acabaram por entristecê-la. Por outro lado, a zona de expansão mais recente - da Praça do Chile ao Areeiro - não correspondeu, em termos temporais, à aposta numa ressurreição da elegante Avenida D. Amélia dos primeiros anos deste século.

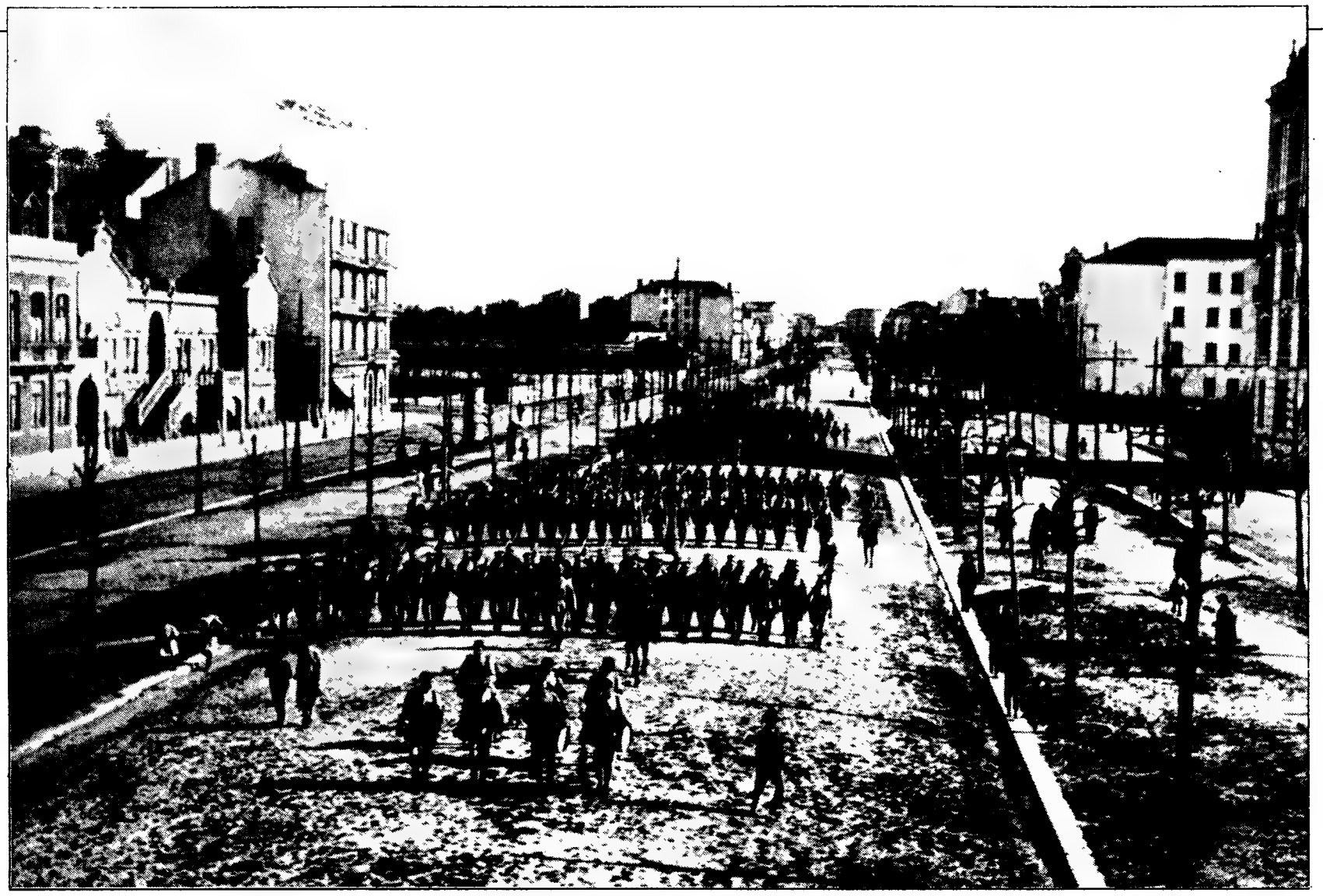
Em 1907, nos primóridos da sua história, a Avenida Almirante Reis tinha o nome da raínha D. Amélia. Foi a primeira artéria que o 5 de Outubro rebaptizou. O almirante Cândido dos Reis, que julgava a Revolução perdida, teve, após a implantação do novo regime, funeral com honras nacionais. Exilada a raínha, a avenida recente passou a ostentar nome do herói republicano.

O chafariz do Desterro, hoje instalado a poente, marcando o final da Rua da Palma, mudou de sítio por causa da República. Antes de 1910, estava no Largo do Intendente, ladeado de casinhotos. A mudança, decretada pela Câmara, foi acompanhada duma mutilação: em tempos de fervoroso republicanismo (a avenida tinha acabado de mudar de nome), apeaou-se-lhe a coroa, deixando-o levemente atarracado, inexplicavelmente desgracioso.

Outro dos símbolos da Avenida Almirante Reis republicana mantem-se, imponente, no topo do primeiro lanço da Rua dos Anjos. É o prédio "das palmeiras", em esquina fronteira ao antigo cinema Lys.

A última pintura exterior tem mais de 20 anos. Durante esse último restauro, aproveitando os andaimes colocados, foi apeada a taça de pedra que encimava a fachada. Para os moradores mais antigos, essa taça com serpentes representava uma época do bairro dos Anjos. Juntamente com as palmeiras também de pedra que, no andar térreo, servem agora

Barricadas na Rotunda no dia 5 de Outubro de 1910



A Avenida que recebeu o nome da República chamou-se, até 1910, Avenida Ressano Garcia (vista da zona do Campo Pequeno)

de fachada a uma taberna (As Palmeiras dos Anjos), a taça anunciava ligações toponímicas ancestrais - da vizinha Rua da Palma -e um destino escolhido para o edifício: albergar uma farmácia.

Seria tudo menos uma farmácia vulgar, a "casa das palmeiras", mesmo na época em que quase todas as congéneres eram local privilegiado de afamadas tertúlias e temidas conspirações. Fundada em 1907, a Farmácia Bezelga fez-se notada desde o dia em que o proprietário lhe abriu as portas.

Todos os moradores das cercanias do Bairro Andrade e da Avenida D. Amélia achavam o Bezelga vagamente estranho, provavelmente maçon e indicutivelmente milagreiro. As receitas eram, na época, quase todas preparadas em laboratório local - nas traseiras de cada loja - com ajuda de pinças, frasquinhos e almofarizes. Nos misteres da botica se revelava João Bezelga um insuspeitado "expert", ao ponto de fazer clientela até entre os moradores da Baixa.

A farmácia tinha estado uns tempos, entre 1904 e 1907, na Rua Andrade, ao pé da Rua Maria da Fonte. Descendo à novíssima avenida pomposamente baptizada com o nome de Sua Magestade, Bezelga subiu de estatuto e de popularidade. E foram mais de 20 anos de serviços prestados ao bairro, sempre entre a estima reservada e o escândalo latente, com as meninas dos anos 20 - já espevitadas - a espreitaremno das janelas fronteiras, adivinhando "tratamentos especiais" oferecidos a algumas clientes "do laboratório". O seu "reinado" de avenida terminou por volta de 1930. Diz-se que morreu louco, num asilo.

João Bezelga publicou, em 1903, um livro de quadras chamado "As Canções da Arada", em homenagem à sua terra natal, próxima da Ovar. A tertúlia da farmácia foi também responsável por alguns jornais de humor e charadas, publicados na primeira década do século. Um deles, "A Economia", teve como director o médico Forte de Lemos, cujo consultório ficava na sobreloja do prédio das palmeiras. Noutro desses jornais, "O Boémio", arranjou Bezelga polémica interminável com o director de "Os Ridículos", o jornalista Cruz Moreira, conhecido por "o Caracoles".

Conta-se ainda que Bezelga não era pródigo em desperdícios dos seus preciosos pós, fazendo-se pagar bem pelo privilégio de cada "milagre". Pouco tempo a seguir à República, mal a moeda mudou de nome, aviou ao filho de um freguês 40 centavos de malvas (ervas para infusão), em vez de 40 réis. Ora, sendo quatro tostões dez vezes mais do que o habitual pataco (40 réis), imagine-se o trinta-e-um desencadeado pelo pai da crédula criancinha. Foram bengaladas no balcão de mogno, mais palavrões inauditos para a época. Acabaram as malvas arremessadas às alvas paredes e o Bezelga à porta - com o cliente já longe - gritando, qual Vasco Santana na loja do Evaristo: "Obrigado pelas malvazinhas de borla!".

Numa das fotografias que ilustram estas páginas, vê-se o prédio do Bezelga ainda em construção. A esquina oposta, com o seu barracão de madeira contemporâneo da Monarquia, albergou mais tarde uma cazinha de dois andares. O andar térreo, era uma taberna conhecida por "O Carneiro"; na sobreloja, instalou-se a primeira escola primária do bairro. Neste terreno, onde os garotos dos primeiros tempos da República costumavam brincar "às barricadas", está desde 1930 o edifício do Cinema Lys que, em 1973, passou a cinema de estreia a mudou o nome para Roxy. Encerrado há mais de dois anos, espera trespasse, venda, demolição.

"Ponho-me a olhar a Avenida cá de cima, da minha água-furtada e meu refúgio, e digo-lhe, seu Apolinário: tudo isto levou uma grande volta." Miguéis, adivinho, escreveu-o nos anos 50. Desde então, a mesma vaga de fundo levou já a Mouraria lá em baixo, as hortas mais acima, os retiros, as "terras", as árvores frondosas, os quiosques de jornais, os últimos ardinas ambulantes, os primeiros cinemas de bairro, os últimos cinemas de bairro, as casas de hóspedes, as famílias conhecidas, "os hábitos e os gostos".

Na Pastelaria Delta (número 27) - ainda lhe chamam leitaria - reúnem-se ao domingo, os poucos habitantes que ainda sabem da avenida nomes anteriores à República. Lembram-se do tempo em que a campainha dos eléctricos rasgava noites silenciosas. Contam, com entusiasmo, histórias mais antigas, que ouviram aos pais, aos avós. Histórias que Miguéis deixou escritas: da Revolução, promissora, a cantar números de revista popularizados por Estêvão Amarante; dos "palhinhas" que voavam nas zonas ventosas por urbanizar; dos longos cortejos fúnebres a caminho do cemitério oriental; dos tumultos da mudança de governos, "lá em baixo", onde a vida era incerta.

Histórias duma invejada fortuna: morar na Avenida D. Amélia recém-baptizada Avenida Almirante Reis. Quando Lisboa crescia promissoramente, os lampiões de arco voltaico vigiavam de noite, a modorra imperava de dia, os pregões marcavam horários e o mundo, felizmente, "era longe".

Marina Tavares Dias

Avenida da Liberdade. Na decadência da Monarquia, dizia-se que, se a revolução começasse lá em cima, a República chegava cá abaixo já implantada

BREVES

Espadarte reinará na mesa do Festival do Mar

A gastronomia, e dentro dela a que incorpora a principal riqueza piscícola da região, o espadarte, terá lugar de honra no V Festival do Mar, promovido pela Câmara Municipal de Sesimbra de 5 a 14 deste mês.

A iniciativa, apresentada em Conferência de Imprensa numa unidade hoteleira da vila, inclui ainda promoções culturais, etnográficas e desportivas.

O arranque do Festival está previsto para a manhã de sexta-feira, com uma prova de natação, as aberturas de duas exposições, uma no posto de Turismo sobre «Sesimbra e a sua gastronomia», que abre a «Semana do Espadarte», e outra de artesanato e a exibição de um rancho folclórico de pescadores da zona de Aveiro. Saídas para pesca grossa e uma demonstração de cães de água, com tradições na actividade piscatória local, são outros pontos do programa do Festival, que encerra no dia 23 com um colóquio subordinado ao tema «O Desenvolvimento Turístico do Concelho de Sesimbra. Que Projectos? Que Futuro?»

Sonae pede anulação da decisão camarária

A Sonae apresentou recurso ao Supremo Tribunal Administrativo de Lisboa para anular a deliberação camarária que revogou o despacho de aprovação do Centro Colombo, assinado por Nuno Abecassis no final do seu mandato. Jaime Teixeira, gestor do grupo empresarial, reafirmou a legalidade do projecto aprovado pelo anterior presidente da Câmara Municipal de Lisboa, em Novembro de 1989, considerando sem justificação a anulação do mesmo pela actual direcção, em 25 de Julho. A Câmara revogou o anterior despacho de Nuno Abecassis ao considerar o projecto ilegal, por «violar o regulamento do plano geral de urbanização de Lisboa e o decreto-lei que cria o regulamento geral da urbanização nacional». A Sonae está, também, a preparar uma acção de indemnização de responsabilidade civil. Em declarações à Lusa, Rui Godinho, o presidente da Câmara em exercício, considera que a empresa tem todo o direito em recorrer se se sente lesada nos seus direitos. No entanto, acrescentou, estar «perfeitamente consciente da validade jurídica e da correcção em termos de gestão municipal da decisão que tomou, fundamentada em vários pareceres jurídicos, todos eles convergentes».

Encerrado o matadouro de Almada

«Sem aviso nem mandato» o Governo encerrou o matadouro de Almada, queixam-se os trabalhadores, que dizem terem sido apanhados de surpresa pela decisão de fechar os seus postos de trabalho, sem dar conhecimento, sem negociar, impondo o 'lock out', sem apelo nem agravo.

QUOTIDIANO

«Planície Dourada» é o nome escolhido para mais uma zona que pretende vencer o sub-desenvolvimento graças a divisas deixadas por visitantes estrangeiros

Municípios do leste alentejano pretendem região de turismo

A criação da Região de Turismo Planície Dourada é uma das propostas consignadas num documento em que a Associação de Municípios da Margem Esquerda do Guadiana enuncia as medidas que entende necessárias à ultrapassagem da situação de atraso económico e social desse recanto oriental do Alentejo.

Intitulado «Na Margem do Desenvolvimento», o texto exalta as potencialidades turísticas daquele território, cujo património humano, cultural, natural e edificado constituirá um recurso inaproveitado. Adverte, contudo, contra a liquidação da «galinha dos ovos de oiro» que representaria a exploração selvagem, em detrimento do desenvolvimento integrado.

A valorização da rede local de comunicações é outro factor apontado como indispensável a uma micro-região descrita como «despovoada, envelhecida, subdesenvolvida, ruralizada, acentuadamente dependente e com fraquíssimo aproveitamento das suas potencialidades endógenas».

Subscritor do documento, o Conselho de Administração da Associação de Municípios da Margem Esquerda do Guadiana reivindica também a construção da barragem do Alqueva, como condição do avanço do Plano de Rega e para se deter o processo de desertificação do Alentejo.

«Ter nascido e viver aqui tem por vezes o travo amargo da condenação», lê-se no documento, onde se prevê a evacuação total da zona dentro de vinte anos, se o refluxo demográfico se mantiver ao mesmo ritmo, por efeito da emigração.

Vista de Serpa: um património histórico que o turismo quer explorar.

«Talhado entre o rio (Guadiana) e a linha fronteiriça com a Espanha», este território, segundo os seus responsáveis autárquicos, «partilha de todos os problemas de interioridade da região, mas agravados». O que colocará o problema de «uma dupla adaptação: ao ritmo do País quando este precisa de se adaptar ao da economia das Comunidades Europeias».

Ao enumerarem os instrumentos para que se inverta o rumo involutivo da economia da micro-região, os autores do documento apontam a necessidade de novos critérios de distribuição de verbas para as autarquias, acusando os actuais de penalizarem os municípios mais pobres. Outra reivindicação enfatizada é a da divisão do País em Regiões Administrativas, com a ressalva de que não se trata «somente de talhar territórios administrativamente balizados, eleger capitais e dispersar centros do poder», mas sim de «mobilizar as forças endógenas, envolver as populações na definição das suas apetências à escala da região ou do lugar».

É também opinião da Associação de Municípios da Margem Esquerda do Guadiana que se impõe a revisão do Plano de Desenvolvimento Regional apresentado pelo Governo a Bruxelas. Para aquela entidade, sem menosprezo pelo papel do poder central, é inaceitável o de subordinação a que ele sujeitará as regiões.

Condenado é também o chamado Plano Transfronteiriço, por alegadamente não conceder aos concelhos de Mourão, Moura e Serpa as mesmas facilidades que a zonas análogas de Espanha.

O PREÇO CERTO

CONCURSO

RTP

Nome _____

Morada _____

Localidade _____ Cód. Postal _____

Idade _____ Profissão _____

Freguesia _____ Concelho _____

Tem Televisor? _____ Nº Licença _____

Telefone Nº _____

Importante: Preencher em letras maiúsculas, recortar pelo tracejado, colar em postal dos Correios e enviar para Concurso O Preço Certo, Apartado 4315 - 1508 Lisboa Codex.

ACURPIP

ASSOCIAÇÃO DA COMISSÃO UNITÁRIA DOS REFORMADOS PENSIONISTAS E IDOSOS DA PONTINHA

CENTRO DE CONVÍVIO

Rua de S. Mateus ★ Telef.: 479 00 90
PONTINHA — 1675 LISBOA

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA CONVOCATÓRIA

Ao abrigo do número 3 do Art.º 29 dos Estatutos, convoco para o dia 20 de Outubro do corrente ano, pelas 14 horas, na sede da Associação na Rua de S. Mateus, uma Assembleia Geral Extraordinária, com a seguinte ordem de trabalhos:

Ponto 1 — Discussão, votação e eventual aprovação, do 2.º Orçamento Suplementar de 1990.
Ponto 2 — Aumento do valor das cotas, a partir de 1 de Janeiro de 1991.
Ponto 3 — Processos disciplinares.
Ponto 4 — Informações diversas.

Se à hora marcada não estiver presente número suficiente de associados para a realização da Assembleia, esta reunirá uma hora depois com qualquer número de presentes, ao abrigo do n.º 1 do Art.º 31.

Pontinha, 1 de Outubro de 1990

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
João Vintém Galhardo

Quercus distingue defensores do ambiente

A Quercus -- Associação Nacional de Conservação da Natureza revelou já quem são os primeiros contemplados com os prémios que decidiu atribuir anualmente a pessoas e entidades, por acções em defesa do ambiente.

A Câmara Municipal de Torres Vedras, uma família de Aveiro, o jornalista Miguel Sousa Tavares, o professor de Agronomia Castro Caldas e o pintor Alfredo da Conceição foram os contemplados com os cinco prémios, designados, respectivamente, «Entidade», «Cidadão», «Comunicação Social», «Quercus» e «Artes e Letras», os quais serão entregues durante o III Congresso da Associação, a realizar de sexta-feira a domingo próximos, em Setúbal.

A Câmara de Torres foi distinguida pelo seu pioneirismo na utilização de contentores para a reciclagem de vidro e papel; a família Magalhães, de Eirol, por ter abdicado do lume da lareira em benefício de um casal de corujas que se instalara na chaminé; Sousa Tavares, pela autoria de um trabalho crítico da eucaliptização; Castro Caldas, pela dedicação à salvaguarda da floresta autóctone; e Alfredo da Conceição, pela sensibilidade para os problemas que afectam a Natureza que transparecem da sua obra.

CULTURA

Após quatro anos de separação artística, Sérgio e Madi voltaram a gravar em conjunto. Trata-se de um álbum que integra oito temas, entre os quais se destacam «África» - que dá nome ao disco - e «Soweto».

A mensagem é de esperança

Sérgio e Madi: apelo aos autores portugueses

Sérgio Wonder e Madi conheceram-se em Moçambique, onde o primeiro nasceu, aquando da visita de um grupo sul-africano, em 1969: fica a amizade e a vontade comum de triunfarem.

Um ano depois Sérgio aceita um convite para tentar uma carreira em Portugal, conversa sobre o assunto com Madi, que acabà por aceitar o mesmo desafio. Nascia assim o duo «Sérgio e Madi».

Seguem-se dez anos de luta, até que surge o primeiro grande êxito: «Cry To Me», editado em 1980, vende para cima de meio milhão de cópias e fica três meses no top. Era o trampolim para a senda de triunfos vários.

Madi participa no ano seguinte, com «Lição de Português», no Festival RTP da Canção, enquanto Sérgio grava «O Nosso Entardecer». «Canta para o Meu Amor» e «I Love» são dois sucessos em 1982, comparáveis a «Só para te Ver», em 1984.

«Quando te Encontrar» atinge, em 85, o 4º lugar no top e, um ano depois, o duo interrompe bruscamente a sua carreira resolvendo cada um enveredar por um esquema de trabalhos a solo.

Com o álbum «África», recentemente lançado no mercado diiscográfico, Sérgio e Madi estão de volta. Para falarem do novo projecto em particular e, na generalidade, sobre outras coisas relacionadas com a música ligeira em Portugal, os dois artistas estiveram aqui, no Diário de Lisboa.

Começando por afirmar que este novo disco do duo pode considerar-se uma homenagem aos países africanos onde nasceram, tanto Sérgio como Madi estão de acordo sobre o que podem representar os dois temas-força, «África» e «Soweto», ou seja: uma mensagem de esperança, no sentido daquelas terras poderem ter paz, desenvolvimento, prosperidade.

O sul-africano Madi diznos, por exemplo, que «Soweto» era uma canção que ele já tinha em carteira há alguns anos, mas que continua a manter toda a actualidade, porque naquele imenso bairro negro da África do Sul é exactamente onde se continua a sofrer mais, mas onde todos têm o direito de viver em igualdade com os outros naturais ou residentes da África do Sul, independentemente das suas raças ou etnias.

Para o moçambicano Sérgio, o tema «África» poderá ter a ver com o seu desejo de que Moçambique volte a ser uma terra onde impere, ultrapassados os graves problemas que são do conhecimento geral, a harmonia propiciadora de um progresso efectivo.

Os outros temas

A conversa com Sérgio e Madi prossegue, agora relacionada com os outros temas do seu álbum. Ficamos a saber que apenas dois são cantados em português: «África» e «Amar-te Assim», da autoria da dupla Américo e Kinito Monteiro. Os outros seis, «Soweto» incluído (da autoria de A. J. Cookley), são cantados no idioma inglês, um hábito que criou raízes desde o princípio da carreira de «Sérgio e Madi».

Assim, tirando «My Only One», que Tó Zé Brito compôs e escreveu a respectiva letra em inglês, as restantes canções são da autoria de autores estrangeiros: «Missing You» de R. Scott N. O'Hara e R. Bilgeri, «I'll Go Here The Music Takes Me» de Bidou, «What Wonderful World» de George Savid e George Douglas (um velho tema celebrizado por Louis Armstrong e com o qual Sérgio e Madi pretendem homenagear o fabuloso "Satchmo") e «Precious Love», de Brooks Butler.

A propósito da predominância de temas cantados em inglês, perguntámos: vocês tiveram sempre uma tendência para cantar nesta língua, porquê?

«Bem, não é bem tendência - responde Sérgio - acontece é que, desde quando começámos a cantar em conjunto nos deparámos com falta de compositores adequados ao nosso estilo e ainda porque nessa altura o Madi não falava praticamente nada de português (o que não acontece agora...), tendo esses factores todos em conta, nós começámos a nossa carreira em Portugal com interpretações em língua inglesa, designadamente o inesquecível «Cry to Me», que para além de nos ter proporcionado alguns bons sucessos aqui e no estrangeiro, fez com que ganhássemos imensos admiradores, que se mantêm ainda fiéis - por impossível que pareça - e por aí se percebe porque é que os nossos espectáculos não baixam, sobretudo quando chega a altura do Verão. Daí, talvez a falta de repertório cantado em português...»

Sobre este mesmo problema, Madi reforça a ideia de Sérgio: «sabe, também é muito difícil encontrar um autor que possa escrever para o Sérgio e Madi. É como no teatro de revista, quando acontece um sucesso e os mesmos autores vão escrever para a seguinte, e para os mesmos intérpretes, o que não dá para a revelação de novos actores».

- Estou a ver: acontece que vocês, por exemplo, não poderiam pegar com facilidade em temas já divulgados por outros cantores, principalmente se tiverem estilos diametralmente opostos. Será mais ou menos isso?

«Pode ser assim, o que não invalida o facto de existirem bons compositores portugueses - fala agora o Sérgio Wonder - eu estou é a referir-me, efectivamente, ao nosso estilo». E Madi completa a resposta: «mas estamos sempre à espera que alguém se lembre de nós, como agora aconteceu no nosso último disco em relação ao tema que escreveu Tó Zé Brito. Estamos aqui de mãos abertas, e gargantas prontas...»

- Querem aproveitar esta entrevista para lançar alguma espécie de apelo aos nossos autores de música ligeira?

«Porque não? Se o Tó Zé Brito foi um dos primeiros que se adaptou ao nosso estilo, porque não outros? Nós estamos naturalmente receptivos e ficaremos muito satisfeitos se outros autores se lembrarem de nós. Isso tornaria a nossa vida muito mais fácil».

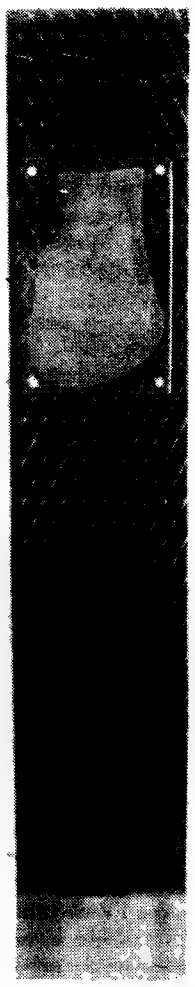
Rodrigues Borges

Jorge Fallorca na III Bienal de Escultura de Murcia

Jorge Fallorca é um dos artistas plásticos presentes na III Bienal de Escultura, Murcia 1990, aberta ao público de 5 a 15 de Outubro.

Fallorca apresenta escultura de parede: ferro, tijolo, vidro e cera.

Colaborador do "Diário de Lisboa", Jorge Fallorca deslocase àquela cidade espanhola mercê de vários apoios.



Uma das peças a expor

CRÓNICA DE TOUROS

Praça de Touros de Mijas. Domingo, 2 de Setembro de 1990. Novilhos dos hermanos Galan para António Rubio, Macandro, e Luís Parra, Jerezano

Quando os sinos dobram

As mulas tinham arrastado o terceiro novilho. Macandro estivera voluntarioso na faena, passes diversos, três ou quatro naturais, uns molinetes a sair da viagem, por fim três pinchazos antes de deixar meia estocada caída, tudo sem pena nem glória. O puntilheiro, com a sua figura de senhor, a camisa muito branca, vincada a calça de riscado, suspensórios vermelhos, o maço de Marlboro entalado na cinta, trocara um ar cúmplice com a presidência, depois cortara uma orelha do novilhote, com mão baixa a entregara a Macandro, caramba, alguma orelha havia de cortar na tarde, já que no primeiro, que era uma máquina de investir, depois de um extenso trasteio, citando com esgares de quem quer comer o mundo, o aço dera em osso algumas seis vezes, mesmo em Mijas era demais o desplante desse troféu, que Macandro acabava de passear pela arena. E foi então que na torre da igreja, mesmo à beira da praça, os sinos se puseram a dobrar. Dobravam e dobravam, víamos as campânulas girando vagarosas, cada volta parecia ser a última, e não era, vinha outra, e mais outra, abafava as vozes da gente, ficou a praça suspensa daquela música que nunca mais acabava, teve o presidente de esperar que por fim os sinos se calassem, só então mandou tocar para a saída do último novilho da tarde, quedado e incerto como o outro que antes tocara a Jerezano, aqui um remate soltando a mão do capote, além um derechazo com sabor, o garbo de um ajudado, apontamentos fugazes lembrando as maneiras que iluminavam os princípios de Luís Parra, a promessa que como tantas não se iria cumprir.

E apesar de tudo resistiu à tristeza, este festival de Mijas: onde o encanto da terra, do seu casario arrumando lá no alto da encosta, olhando de longe o mar, se estendia à praça pequenina, alegre e limpa, por cima da porta de arraste a banda sem precisão de fardamento nem maestro, quem dá ordem de atacar o passodoble é a menina do trompete, cabelos louros e blusa verde, música não falta para o passeio das quadrilhas, para as faenas sem emoção aos novilhotes desiguais da ganadeira dos hermanos Galan, segundo os cartazes, para o efeito tanto faz, toureiros sem contratos, nem sequer picadores, e contudo reclamados pela Costa do Sol como coisa de fuste, à cata de turistas que se venham misturar à gente da terra, e na praça cheia como um ovo respirem sem encanto, ignorem o desconsolo que lá no fundo hão de sentir os toureiros do cartaz.

Quem sabe se seria por eles, por António Rubio e por Luís Parra, que nesta tarde dobraram os sinos. Por eles e por suas ilusões perdidas, condenadas ao esquecimento de todos, só não deles mesmos. Macandro lembrará os tempos de menino lá em Dos Hermanos, sonhando ser toureiro de Sevilha, e o primeiro trajo de luzes vestido em Rosal de la Frontera, mesmo na raia de Portugal, e a saída em ombros em Madrid, e a alternativa que em Costellon lhe deu Manzanares, doze anos já passaram, e neles a queda sem remédio, alguma corrida solta, um domingo de Páscoa no Campo Pequeno, a travessia do deserto onde se gastam as últimas gotas do cantil das esperanças. E Jerezano tem ainda fresca a lembrança das horas felizes, as tardes repetidas em Barcelona, e aquela novilhada matinal na Maestranza de Sevilha, em que depois de bordar o toureio a espada lhe fechou a Porta do Príncipe, e a alternativa na sua terra de Jerez, Maio de 87, Ojeda de padrinho nessa tarde que havia de ser princípio e era afinal o fim, a porta que pesadamente se fechava. Quem sabe se seria por eles, por Macandro e Jerezano, que nesta tarde luminosa de Mijas, os sinos dobraram. Ou talvez fosse bater de horas trocadas, morte de alguém, outra razão qualquer.

Solilóquio

CANAL DA CRÍTICA

Concursos e missanga

Mau sintoma

Ainda não há muito, os meninos iam mandados para a cama depois de uma conversa em português, com gente portuguesa. Malfeitinha, benza-a Deus — mas a solução era ser melhorada e não desaparecida.

E agora? Agora fornecem-lhes uma dose diária de desenhos animados com o cão Trincas e o pato Distraído, falados em inglês e legendados em português...

Portugal é um país de génios onde como se vê, até os mais pequeninos já sabem ler e são, nisso, despachados que se fartam!

Esta RTP nunca mais ganha juízo. Nem sequer teme o ridículo. Sintoma gravíssimo!

Cifrão

Primeira Página voltou a mandar a política às urtigas. Mário crespo foi a grande desilusão: não tirou nenhum macaquinho do casaco. No resto, também sem grande novidade. Nem quanto à pessoa (Marques Vidal, director da PJ) nem quanto ao processo: havia gravados depoimentos de Manuel Carvalho, da Associação Sindical aos quais Marques Vidal respondia. Para exercício de *pushing ball*, nada mal. Aguarda-se agora que os representantes sindicais tenham direito de resposta. Que depois será concedido a Marques Vidal. E a seguir aos sindicalistas. Etc., etc.

Retenhamos uma afirmação do director da PJ: «Nunca tenha a certeza de não estar a ser escutado...»

De facto, é assim. Tecnologia apropriada, há. Caríssima. Conclusão: Todos podem ser escutados, só alguns podem escutar. Viva a democracia do cifrão!

Há sempre alguém que diz não

A doutora Glória Gaspar, no *Eterno Feminino*, conta-nos. Conta-nos como, antes do 25 de Abril, foi impedida de exercer a sua profissão de gineacologista. Por motivos políticos.

Também nos conta que «há sempre alguém que diz não». Comovidamente, lembra um homem que não se deixou submeter e a integrou na Maternidade Alfredo da Costa.

Não disse quem. Foi pena. Nomes bons devem ficar-nos no ouvido.

Combate de boxe

Arsénio Hall é um entrevistador americano de uma categoria que não lhes digo nada. Género vale tudo, pelas palavras todas, estão a ver? Género de as palavras, na legenda, trazerem a consoante inicial e a seguir três pontinhos...

A entrevista com Madonna foi explosiva. Eu sabia que a rapariga era desinibida. Mas tanto! Eu gostava de repetir aqui as razões porque ela gosta dos homens ou por que usas umas calcinhas assim. Só para ficarem com uma ideia. Se é que não ficaram já...

Algumas... inofensivas:

Arsénio — *O que é que o Warren Beatty tem que nós não temos?*

Madonna — *Quer mesmo saber?*

Arsénio — *Diga lá...*

Madonna — (Rindo) *Bem... Tem um bilião de dólares...*

A personalidade de Warren continuou por algum tempo na berlinda:

Arsénio — *A Joan Collins disse uma vez que ele era insaciável...*

Madonna — *Nessa altura ele tinha vinte anos.*

Arsénio — *E depois?*

Madonna — *Aos vinte anos todos os homens são insaciáveis.*

Arsénio — *E agora, como o acha você?*

Madonna — *Acho que é perfeitamente saciável...*

Não percam as entrevistas de Arsénio Hall. Para verem um jogo de grande violência. Não é entrevista. É combate de boxe.

A tela de aranha

Telemundo chama-se agora «Informação Especial». Diferença principal: mudou o apresentador. Terá começado para José Mensurado uma nova travessia do deserto?

Falou agora dos modelos fotográficos. Título altamente sugestivo: «Modelo, uma mercadoria e nada mais.»

Estamos em Milão, num casarão «onde antigamente se faziam locomotivas e hoje se fazem manequins»...

Algumas jovens vencem. A grande maioria vai engrossar a legião das frequentadoras de discotecas, *boîtes*, festas «snobs» onde são carne para canhão. Algumas arran-jam «trabalho» estável porque «uma mulher bonita é mais importante para um homem do que um automóvel»...

Faltou na reportagem a denúncia de TV e da grande Imprensa no alimento destas ilusões. A «economia do mercado» é uma coisa complicadíssima, medonha teia de aranha...

Percebem agora?

Ao longo dos anos tenho falado das relações perversas entre a informação e a propaganda, na televisão.

Como desconfio que também aqui os santos de casa não façam grandes milagres, vou transcrever palavras de Gerard Namer, professor da Sorbonne:

— *A manipulação da informação só é bem sucedida se a propaganda for apresentada como informação e a informação como objectiva; caso contrário, sofre um efeito de boomerang que favorece o adversário e desqualifica o media. Ainda neste caso, o que caracteriza a manipulação é o facto de ter de se efectuar sem que o auditor se aperceba.*

Percebeu agora o que eu quero dizer quando falo da informação na RTP?

Conta-gotas

Jonas Savimbi é a personalidade que a RTP considera mais telegénica. Nunca lhe dá menos que o grande plano, imponente plano. Várias vezes ao dia.

•

A propósito dos direitos das crianças, ficamos a saber que, nos Estados Unidos, as crianças têm todos os direitos, incluindo o direito de morrer na cadeira eléctrica.

Morrem, sim. Mas sentadas!

•

Um médico foi em acção humanitária à Jordânia. Veio e deu entrevista sobre a situação no Golfo.

Fez bem? A confiança que as acções humanitárias exigem, não poderá sofrer com depoimentos deste género?

Aí fica a interrogação. Reflectir também é obra humanitária.

Fórmula 1, presença de repórteres no local. Curiosamente, os comentários são feitos com base nas olhadelas para o monitor.

Em Lisboa veriam melhor, com mais comodidade e com menos despesa. Louvemos certos espíritos inclinados ao martírio!

•

Depoimento de um alemão-federal sobre os alemães do Leste: «Julgam-se tão importantes, só porque estudaram, mas não querem fazer nada...»

Irmãos tão compreensivos!

•

A entrevista de Moniz a Manuel Carvalho da Silva, da CGTP, foi uma colecção de armadilhas e de cassetes.

Tratou-se da prenda da RTP à Intersindical pelos seus vinte anos.

A nova grelha da RTP inundou-nos de telenovelas brasileiras e de concursos portugueses ou traduzidos em português.

Na televisão estrangeira vive-se o revivalismo dos «jogos». Em França por exemplo, a *Antenne 2* tem nada menos de quatro ou cinco... diariamente: *Motus, Les mariés de A2, Dessinez, c'est gagné!, Les chevaliers du labyrinthe, Giga, Des chiffres et des lettres...*

Madonna

Cá, a onda avança. Temos o *Trevo da Sorte*, a *Roda da Sorte*, a *Arca de Noé*, a *Casa Cheia* e *Palavra puxa palavra*. Ao que parece, não ficaremos por aqui.

O *Trevo*, com Júlio Montenegro, é calmo, familiar, tristinho. E dá electrodomésticos.

Roda da Sorte é conduzida por Herman José, acompanhado pela locução *off* de Cândido Mota. Tem dado uns cheques de mil contos. Mas o seu forte são os electrodomésticos.

A *Arca* tem bichos, filmados e ao vivo. Dá *vitinhos* e uns tostões, além da boa disposição de Fialho Gouveia. A RTP perde aqui a oportunidade de ter um concurso infantil. As crianças enchem a plateia, mas o palco pertence aos adultos!

A *Casa Cheia* realiza-se nas instalações do Casino do Estoril. Assenta no processo do *bingo*. Claro...

Há perguntas e respostas. Receita velhíssima. Artesanal. Presença infelicíssima de Fernando Pereira. Pastoso, repetitivo, nervoso. Não. Não está ali visivelmente o seu futuro. Fiscal de «bingo»? Quem diria...

Estranhamente, «devido a uma quebra de energia» não vimos a segunda parte. A RTP achou melhor não repetir. Ah, é verdade, os electrodomésticos...

Palavra puxa palavra está a cargo de António Sala e conta com um bom motivo de atracção: a presença de dois convidados que farão equipa com os concorrentes. Na primeira emissão, dois nomes bem populares: Júlio César e Ana Bola. A vencedora levou a ninharia de 380 contos.

Muitos concursos, mas prémios muito baixos, próprios mais de uma Rádio Local do que de uma televisão nacional. Estará a RTP apostada mesmo em provar que Portugal é um País do terceiro mundo?

Electrodomésticos em vez de missanga, evidente. Foi para isto que demos novos mundos ao mundo?

Uma avalancha de rostos juvenis cai sobre a televisão portuguesa no domínio da informação.

Do *Telejornal*, Dina Aguiar tansitou para o *Jornal da Tarde*. Curiosamente, melhorou. Mais descontraída, mais solta, mais natural. De momento, não parece afectada pela despromoção.

Em seu lugar ficou Ana Cabral, caída não sei onde, trazida não sei por quem, passadas não sei que provas.

A verdade é que a responsabilidade de apresentar o *Telejornal* não a perturba por aí além. Tem uma voz neutra, boa para a função. Não se mostra angustiada. Nunca se engana nem se baralha com a vírgulas e os pontos. Não imita ninguém nem influenciará ninguém. Quanto ao visual, ainda não se resolveu. É urgente que o faça. Um produto não anda sempre a mudar de marca. Evite as interpelações aos convidados. É o seu ponto fraco. E cuidado com a conjugação da segunda pessoa do singular do pretérito perfeito. Não se diz *estivestes*, tá a ver?

Vasco Trigo veio para o *Telejornal* do 24 Horas. O seu visual não é famoso. Com ele, por exemplo, não se pode fazer um grande plano. Depois, tão inestética a exibição do apêndice auditivo! A propósito, ainda continua na Rádio Renascença?

Manuela Moura Guedes (que tanto e tão bem aprendera com Joaquim Letria) está agora, por sua vez, a fazer escola. A última «aluna» chama-se Patrícia Gallo e apareceu no «Encontro à Uma» de sábado. Ritmo, dicção, ademanes-tudo.

As influências são inevitáveis. Depois, cada personalidade ganhará a sua batalha.

Na rubrica citada aparece-nos um jovem, Paulo Varanda. Um pouco assustado e visivelmente mal industrializado. Não fazem provas de vídeo? Não lhe corrigiram aqueles olhos desfasados com a linha da câmara?

Nuno Santos é outro jornalista desportivo. Arrogante, dominador, género «eu sou o maior». A televisão não aprecia. Atenção, meu caro. Quando a TV não simpatiza connosco, nada nos vale. Deus não gosta dos soberbos. Nem Ele nem a sua colega televisão.

Mário Castrim

COMUNA
TEATRO DE PESQUISA
2 SALAS • 2 ESPECTÁCULOS
SALA NOVA
TERÇA A SÁBADO — 21.30 * DOMINGO 17H
O ESTRANGEIRO EM CASA
TEXTO • RICHARD DEMARCY
MÚSICA • JOSE MARIO BRANCO
2.º MÊS
SALA 1
UM ELECTRICO CHAMADO DESEJO
TEXTO • TENESSEE WILLIAMS
TRADUÇÃO • M. JOAO GOMES
ENCENAÇÃO - JOÃO MOTA
M/16
«... brilhantes interpretações.» — O JORNAL
«... excelente encenação.» — A CAPITAL
«... surrealista, absurdo, épico, cruel.» — O EXPRESSO
«... verdadeira fruição teatral.» — O EXPRESSO
«... um espectáculo perturbador, pujante de força.» — A CAPITAL
APOIOS F GULBENKIAN • REMEDIOS MUSIC
CINE FOTO AVIZ • CABELEIREIRO CITY
SUBSIDIO S.E.C
MARCAÇÕES T. 726 08 18
PUBLICO

Com peças de Albee e Selig

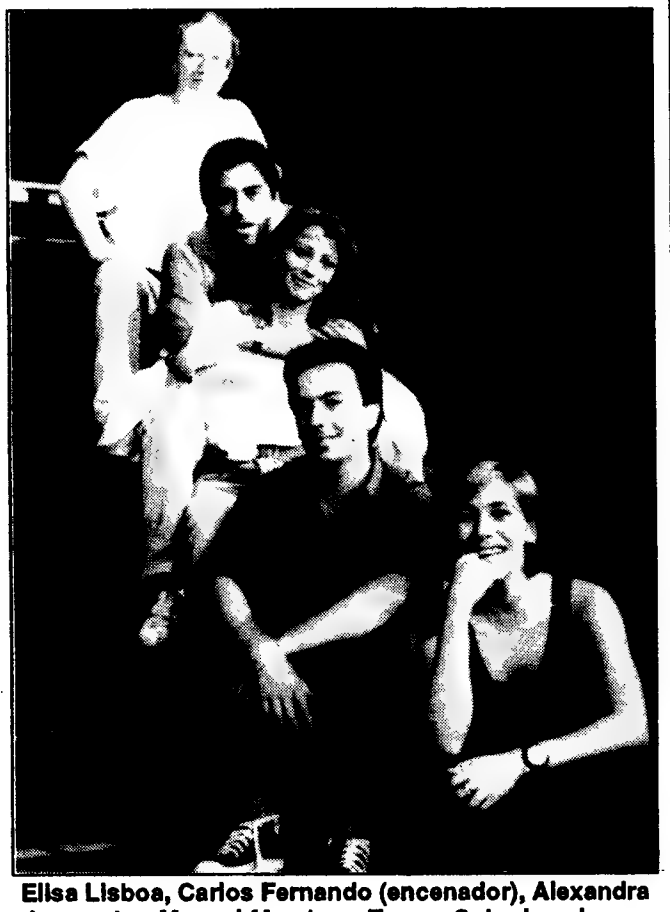
Teatro da Graça prepara-se para estrear dois espectáculos

O Grupo Teatro Hoje vai estrear brevemente dois espectáculos, respectivamente «Quem tem medo de Virginia Wolf?», a célebre peça de Edward Albee, e «Terminal Bar», original de um novíssimo dramaturgo também norte-americano, Paul Selig, de 29 anos.

Estes dois espectáculos, sobre textos que falam da sociedade americana em dois momentos de crise, os anos 60 e o princípio dos anos 80, serão apresentados no Teatro da Graça a partir já do mês corrente, estando a estreia de «Terminal Bar» marcada para Novembro.

Albee e Selig são dois escritores que vieram do teatro marginal de *off*--Broadway e cujas experiências literárias reflectem uma profunda peocupação de análise social e, simultaneamente, acusam a influência do teatro do absurdo; no caso destas duas peças, da temática existencialista cujo referente concreto pode ser encontrado no teatro de Jean-Paul Sartre.

«Quem tem medo de Virginia Wolf?» tornou-se um dos maiores êxitos do teatro do século XX. Peça paradigmática do teatro de Albee, foi também levada ao cinema, com Elizabeth Taylor e Richard Burton nos protagonistas. Nesta peça a violência é apresentada como um modo de comunicação ou mesmo como uma forma de amor. Tendo, logo após a estreia, obtido vários prémios e ficado em cena quase dois anos, foi indicada para o Prémio Pulitzer pelos dois membros da secção de teatro do respectivo comité, que se demitiram quando o prémio não foi atribuído à peça, aparentemente devido às objecções dos administradores Pulitzer, que não terão apreciado a crueza das referências sexuais do texto.



Elisa Lisboa, Carlos Fernando (encenador), Alexandra Lencastre, Manuel Mendes e Teresa Sobral, o elenco de «Terminal Bar»

A peça de Selig

«Terminal Bar» foi estreado em 1985, no Festival de Edimburgo, após o que efectuou uma tournée pelo Reino Unido e teve a sua estreia em Nova Iorque, em 1987.

Localizada num clube nocturno abandonado no coração de Nova Iorque, a acção da peça retrata o encontro entre várias personagens perdidas pela cidade, sobreviventes de uma praga que obriga à evacuação da grande metrópole norte-americana.

Peça sobre a sobrevivência na selva de asfalto, trata-se de um texto caracteristicamente americano e de cunho profundamente cinematográfico. Este espectáculo marcará o regresso à encenação do director do Grupo Teatro Hoje, Carlos Fernando, após um período de inactividade por motivo de doença.

Isabel de Castro e Mário Jacques em «Quem tem medo de Virginia Wolf?»

A companhia do Teatro da Graça dividir-se-á para a apresentação, durante algum tempo em simultaneidade, destes dois espectáculos, estando a interpretação de «Quem tem medo de Virginia Wolf?» a cargo de Fernando José Oliveira, Isabel de Castro, Maria José Pascoal e Mário Jacques, com encenação de Fernanda Lapa, e a de «Terminal Bar» entregue a Alexandra Lencastre, Elisa Lisboa, Manuel Mendes e Teresa Sobral.

Em ambas as peças, a cenografia é assinada por José Manuel Castanheira e os figurinos por Jasmim. As traduções dos textos são, respectivamente, de Manuel João Gomes e de Mário Avelar. «Terminal Bar» tem música original de Sei Miguel.

Crítica de Teatro

À margem, entre as árvores

COMBATE DE NEGRO E DE CÃES, de Bernard-Marie Koltès. *Tradução:* Isabel Alves / Francis Uteza / Moussa Gueye. *Encenação:* Rogério de Carvalho. *Cenografia:* José Manuel Castanheira. *Figurinos:* Moura Pinheiro. *Música:* José Prata. *Desenho de luz:* Rogério de Carvalho / Eduardo Brandão. *Interpretação:* João Paulo Costa, Jorge Mota, Rosa Quiroga, António Capelo. *Os Comediantes / TEAR.* Estreia: Auditório Nacional Carlos Alberto / 13-09-1990 (22-09-90).

Se há semelhanças entre este texto de Koltès e a primeira peça que dele vimos em Portugal, «Na Solidão dos Campos de Algodão», espectáculo do Novo Grupo com encenação de João Lourenço («DL»/3-05-90), são também evidentes as diferenças que os separam, favoráveis estas à peça anterior.

É sobretudo uma questão de escrita o que marca essa diferença, no caso do espectáculo do Porto, prejudicada por uma tradução demasiado agarrada à letra, baça. «Na Solidão dos Campos de Algodão» é uma peça dominada pela palavra poética, na qual as relações entre as personagens e entre estas e o público, relações difíceis, obscuras, são transfiguradas através dessa poética. De tal maneira que não é um diálogo entre duas personagens aquilo que ouvimos mas dois monólogos que procuram um espaço de entendimento e que exprimem uma retórica de uma grande beleza.

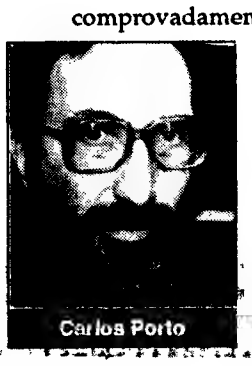
Em «Combate de Negro e de Cães», Koltès levantou, igualmente, um microcosmos específico, o estaleiro de uma ponte em construção algures em África, uma zona onde todos os combates são possíveis. *De qualquer forma, «Combate...» não fala da África ou dos negros (...) não fala do neo-colonialismo nem da questão racial*, escreve o autor, no programa onde também se pode ler o seguinte: *Obra sobre o racismo, sobre o neo-colonialismo, ela pôs a descoberto a impossível relação de dois mundos...*

Provavelmente autor e comentador têm razão. A obra é ao mesmo tempo sobre temas como o racismo, a relação entre negros e brancos, sobre o colonialismo, e sobre temas que não têm necessariamente a ver com esses, como o da solidão, o da noite do homem e da mulher, independentemente da sua cor ou sexo. Há um negro assassinado, não é por acaso, por um branco, há um branco com uma espingarda, não é por acaso que ele é morto. Outro negro, irmão do assassinado, fala entre as árvores, nas margens da civilização branca.

Koltès utilizou nesta peça uma escrita banalizada, aceitou a presença forte do cliché, tanto no que se refere à estrutura dramática como à forma literária da peça. O carácter melodramático que lhe imprimiu não a salva dessas fragildiades. Desde o mestre de obras em confronto com o engenheiro intelectual à mulher branca que se apaixona pelo negro e a quem este despreza, a peça percorre esse itinerário pouco interessante e pouco produtivo de um naturalismo a que o dispositivo cénico, criado por José Manuel Castanheiro, corresponde, embora confira ao espaço uma presença muito forte. Parece haver, aliás óbvias semelhanças entre este cenário e o utilizado por Patrice Chéreau, a julgar por uma fotografia publica no programa, se é que essa fotografia pertence à encenação do artista francês, como parece ser o caso, o que de resto não retira qualidade ao trabalho do cenógrafo português.

No que se refere ao trabalho de Rogério de Carvalho, duas notas bastam para evidenciar as dificuldades que aquele encenador encontrou. O teatro de Rogério de Carvalho opera mais intensamente através de uma retórica verbal proposta pelo texto ou de uma retórica de carácter ritualista muito apoiado na imagem e no som. Mesmo nos espectáculos com obras de Tchekhov, essas vertentes são por ele reinventadas no interior dos próprios textos.

Rogério de Carvalho, aparentemente, desta vez não dispôs de tempo, é o outro factor, para trabalhar adequadamente o texto nesse sentido, nem para conseguir dos intérpretes o rendimento que normalmente obtém. Aliás, há neste espectáculo um caso que chega a ser penoso, ainda por cima tratando-se de um actor com provas dadas. Refiro-me a João Paulo Costa que, pelo menos quando o vi, se mostrou incapaz de atravessar essa espaço terrível que separa a cena da plateia. Mas também os restantes intérpretes se mostrarem aquém comprovadamente são capazes de fazer.



Carlos Porto

O nível relativamente baixo do trabalho dos intérpretes ajudou à debilidade que o espectáculo revela e que tem também a ver com um texto que me pareceu menos interessante.

Os figurinos de Moura Pinheiro e a música de José Pratas pareceram-me certos e eficazes sem aquele golpe de asa que este espectáculo acabou por não revelar e que a dupla Rogério de Carvalho/José Manuel Castanheira nos ficou a dever.

O Poeta na Casa dos Autores

O ciclo "O Poeta na casa dos Autores", que a SPA agora retoma depois do período de férias, dando continuidade a uma iniciativa que já vem desde finais de 1988, vai contar, no dia 25 de Outubro, às 18 horas, com a presença de Armando Silva Carvalho, poeta e ficcionista.

Ocupando um lugar destacado na produção literária portuguesa contemporânea pela originalidade da sua produção poética, Armando Silva Carvalho estreou-se em 1965 com «Lírica Consumível».

Da sua bibliografia, constam ainda títulos como o romance «Portuguex» e a colectânea poética «Alexandre Bissexto».

A sua obra tem a marca da ironia e do aturado trabalho formal.

Prémio Eça de Queiroz vai na 3ª edição

Realiza-se este ano a terceira edição do Prémio Eça de Queiroz, organizado pela Junta de Freguesia de Santa Maria dos Olivais. O objectivo continua a ser a promoção de «acções conducentes ao surgimento de novos valores nas artes e nas letras», a divulgação do «património histórico e artístico português» e a garantia de que a população tenha «uma vivência cultural diversificada e constante», segundo indicação de Joaquim Torres, vogal da Cultura daquela autarquia.

Os concorrentes terão de enviar os seus trabalhos até ao dia 31 de Outubro, cabendo ao vencedor a soma de 100 000$00. A entrega dos prémios será feita em sessão a realizar no mês de Dezembro.

DESPORTO

Provado: quem 1.º jogou fora perdeu o comboio. Porto (em piquenique irlandês), Estrela da Amadora (lutando até à última pinguinha) e Sporting (fazendo de cada fraqueza uma força) passaram em frente na galopada uefeira, enquanto o Vitória de Guimarães e Benfica não conseguiram, nos próprios redutos, emendar os desaires que já carregaram da 1.ª mão do teste

Taça UEFA: Benfica, 0 - Roma, 1

Não há sonhos morando entre nuvens

Esfumou-se o sonho da equipa directiva do Benfica: apesar do soberbo investimento em tudo o que havia de bom no mercado, muitas (tantas) vezes graças à presteza com que se escancarava a bolsa opípara de Jorge de Brito, a águia tornou a dizer adeus ao voo europeu, completamente tolhidinha porque (veja-se bem!) em três horas de exame não conseguiu dar uma única resposta certa a quem ia desesperando por não ver um só golinho na caixa romana.

Ora, como sem ovos-golos não se conseguem omeletas-festas, Benfica autodemonstrou que poderá possuir alguns excelentes jogadores, cheios de vontade e de brio, muito profissionais e dedicados à loja que defendem, mas não tem (nem de longe) um goleador capaz de resolver eficientemente o pequeno enigma da movimentação entre a floresta até à casinha do menino do bonezinho e joelheiras, talvez porque Eusébio apareceu só um, José Águas também desfilou como um meteoro, Magnusson está convalescente de uma operação e, quanto a Vata ser sistematicamente servido por alto, temos conversado: só se o colocassem sobre andas é que o simpático angolano conseguiria chegar ao nível de discutir a posse da esfera com rapagões como Conti, Berthold ou Alldair, a quem dá apenas pelo ombro, Para cúmulo, como Isaías parece com a mania de muito rapidamente querer demonstrar que não foi *barrete* (e para isso faz longos raides com o couro ao lacance mas só o dispara quando está descalibrado, em queda ou sem força nos alicerces) e também Rui Águas passou discretamente pelo palco, já que fica enclausurado mal se entende dentro de apertado colete de forças, o guarda-redes Peruzzi não precisou de se exibir no plano em que morou lá por Roma, já que a maestria de valdo (soberano cinco estrelas a meio do palco), o entusiasmo de Veloso (dando o toque de audácia a uma equipa tímida e trfemendo como varas verdes— e a alegria de Sousa (o óptimo menino que esta´ conquistando carta de alforria) não encontravam fuziladores na vanguarda da trincheira, esboroou-se por compoleto o castelo arquitectado por Eriksson, em flência desde o momento que fez convocatória a um Samuel incompletamente curado da perninha marota e foi buscar à prateleira um nada rodado Fernando Mendes que a ninguém mais lembrava para conter Carnevale e parceiros de idência arte e talento.

Francisco Paraíso

Valdo (espectacular) safa-se da mão de Giannini

Certo que o Benfica conquistou mais de dezena de *pontapés de canto*, mas apenas nas trapeiradas da nossa menínice é que cada par desses castigos valia por um golo. Hoje, o futebol-milhões não se compadece com o cliente sentar-se à mesa e limitar-se a ir trincando uma sandes: o preço que se esportula obriga, no mínimo e para já, a espectáculo bonito e golos em girândola. Todaviam como cada vez isso menos acontece, está explicada a razão porque o pagode começa a marimbar-se para os «shows» nos estádios fazendo agulha para outras paragens mais atractivas. E, ontem, o aflitivo e confuso futebol benfiquista, mais a fraca artilharia que mostrou à plateia, foram golpes talvez irreparáveis no moral e na fé de um emblema que investiu milhões e está a caminho de apenas contabilizar tostões, a menos que urgentemente coloque Valdo na montra de outro ou tenha a sorte de atenuar nas lutas intermuros este incrível fracasso ante as hostes romanas, face a um grupo de bons jogadores mas que em bloco, nada mais vale que outro qualquer «team» situado no meio de uma tabela nacional. Os títulos que logrou falam por isto até hoje, desde 1927, somente conquistou dois campeoanatos italianos e seis Taças lá da área, enquanto o Benfica tem 28 tronos, 24 troféus graúdos e (até) duas vitórias europeias. Dir-se-á que muita dessa riqueza foi conquistada nos bons-sempre-saudosos tempos do senhor Eusébio da Silva Ferreira, mas também agora o técnico Eriksson, sabedor de que pérolas autênticas muito raramente se oferecem a quem compra ostras, foi às divindades dos cofres benfiquistas e pediu vedetas para colocar nos pontos fracos do contingente que lhe era ofertado de mão beijada. E foi atendido: um par de goleadores de qualidade (Águas desmanchou a tenda portista e Isaías rendeu 225 mil continhos ao *major galopante*), um central que fizesse esquecer Aldair (veio William, que também ajudou à carteira de Pimenta Machado não sofrer desbaste), quis um defesa-médio canhoto (e da sua terra veio a correr Schwartz, pago em belos dólares de muitos zeros), avançou ul sul-americano que andou meses a fio mostrando habilidades (Sanchez), promoveu dois dos melhores produtos da fornada arranjadinha pelo mestre Carlos Queirós (os Paulos: Sousa e Madeira), mandou que Neno regressasse ao pátrio lar. Enfim: deram ao cozinheiro tudo o que ele pedira para um banquete das melhores iguarias, aquilo que poderia deslumbrar a Europa e conquistar amortização pronta para a fortuna na roleta. Afinal, de um único golpe, foi tudo por água abaixo. Pior ainda: com desespero e alguma pequena raiva surdamente recalcada porque os rivais mais do peito tranquilamente continuam no comboio que parou na 1.ª estação para apear as melhores esperanças de milhões de benfiquistas.

Francisco Paraíso

Aldair no regresso à Luz: azar. Maxilar fracturado

Deverá (por justiça) notar-se que Eriksson não podia contar com cinto figuras do seu naipe (Magnusson, Thern, Hernâni, Schwartz, José Carlos) mas, num «plantel» vasto e milionário, não pode encontrar-se razão para tão mau jogo como aquele que, em duas fatias, o Benfica fez com o Roma, um tempo inicial em que carregou como se tivesse pela frente meninos de bibe, sem astúcia nem sapiência; um período final completamente fora dos cânones da lei, atirando bolas em chuveirinho para sobre a defesa transalpila, enrolando a manta nos extremos, de cabeça a perder-se consoante íam desfilando os ponteiros do relógio.

Claro que o árbitro esteve muito mal, especialmente não mandou Nela para o olho da rua depois daquela sacudidela em Sousa que levou o mocito em voo picado contra as placas publicitárias, também ao fingir que estava deitando cartas no instante em que Vata foi agarradinho pela pernoca direita, bem dentro do «hall» do castelo. Mas, uma turma que está plenamente convicta da sua valia encontra sempre trunfos para desbaratar o maquiavelismo ou o «bluff» do jogo apresentado pelo outro parceiro de mesa. E o Benfica, na dupla tentativa de defesa de tese perante romanos, limitou-se a mostrar que tem Valdo, que dispõe de Veloso e Sousa, que também conta com Isaías e Vata, talvez mesmo com Paneira e Águas quando estiverem na forma que já marca Ricardo e William, mas deixa tudo o mais dependente do acaso ou da sorte.

Os deuses tutelares da bola entenderam que foi tempo de apresentar à sociedade menos sobre um rei com vestimenta luxuosa mas (salvo o devido respeito deste plebeu) fraca inteligência no miolo. Ou será que a época em que existiam mitos e reis foi chão que deu uvas e, modernamente, a fortuna apenas sorri a quem é mais esperto ou mais aventureiro. Mais jogador atrevido que simples admirador dos que viajam em chão de núvens.

Neves de Sousa

Francisco Paraíso

Comi de gatas. Paneira e Águas à procura do rato

Nem contra dez!

Falhanço disciplinar do alemão Aron Schmidhuber, que não foi capaz de evitar a excessiva dureza em muitos momentos do espectáculo e perdoou um penalty aos italianos. As turmas:

Benfica: Silvino; Veloso, Samuel (Paulo Madeira, aos 22m), Ricardo e Fernando Mendes (Vata na 2.ª parte); William ; Vitor Paneira, Valdo e Sousa; Rui Águas e Isaías.

Roma: Peruzzi; Comi; Tempestili, Aldair (Carboni, 50), Berthold e Nela; Carnevale, Desideri, Giannini e Piacentini; Voeller.

Golo: Giannini (28). Cartão *icterícia*: Nela, Veloso e Carnevale. Expulsão de Carboni aos 65 minutos.

urbicidade
MEDIADORES
ALMADA

TEMOS PARA VENDA

EM LISBOA: LOTES DE TERRENO — PRÉDIOS DEVOLUTOS
COM PROJECTO APROVADO — EM TODAS AS ZONAS DA CIDADE AOS MELHORES PREÇOS

HABITAÇÃO — ESCRITÓRIOS

CENTROS COMERCIAIS — HOTÉIS - APARTHOTÉIS

CONTACTE-NOS:

Avenida D. Nuno Álvares Pereira, 46, r/c, Esq. — 2800 ALMADA-PORTUGAL — Telefs.: (01) 274 42 56 - 274 42 57 — Fax 274 36 53 — Telex 61004 TRIALM P — Apartado 33 — ALMADA-PORTUGAL

Taça das Taças: Neuchatel, 1 - Estrela, 1
(Desempate com remates da marca de grande penalidade: 4-3)

Bela estrelinha do Amadora

Brilhantíssimo comportamento dos alunos de Manuel Fernandes nesta inédita entrada europeia do Estrela da Amadora; sem se atemorizar com o peso e traquejo dos suíços, o «team» da Reboleira conseguiu resistir a um forte «pressing» do Neuchatel equilibrar a balança, suportar estoicamente o período de meia hora complementar (demonstrando notável frescura física) e, finalmente, drrubar o Xamax na hora de angústia para os guarda-redes, quando se tratou de decidir o problema através de remates da marca da grande penalidade, defendendo um e vendo outro «tiro» esbarrar na trave superior, Vital ficou como uma das grandes figuras das hostes lusas.

Após empate (1-1) no final dos 90 minutos, idêntico ao registado há 15 dias na Amadora, as duas equipas não conseguiram resolver a eliminatória no prolongamento de meia hora e o Estrela garantiu o «passaporte» para a 2.ª ronda ao ganhar por 4-3 no desempate por pontapés da marca de grande penalidade. Mas o Estrela da Amadora esteve praticamente eliminado, pois perdia por 1-0 a escassos sete minutos do final da hora e meia regulamentar, quando o «central» Valério voou entre os defesas contrários e rematou de cabeça para o fundo da baliza de Pascolo.

Neuchatel: Marito segura o parceiro a mãos ambas

Numa equipa que acusava algum nervosismo e falta de experiência nas competições europeias, Duílio revelava dificuldades para se opor à velocidade dos suíços Sutter e Chassot, enquanto o júnior Abel Xavier mostrava falta de rodagem no centro da defesa. O técnico Manuel Fernandes encarou a partida com cautelas, iniciando-a om cinco defesas e um meio-campo a desdobrar-se bem nas missões defensiva e atacante.

Numa tentativa de resolver cedo o encontro, o Neuchatel Xamax iniciou o 2.º tempo totalmente ao ataque e inaugurou o marcador aos 49 minutos, segundos depois de Vital ter efectuado defesa apertada, a remate violento de Chassot. O guarda-redes português não teve (contudo) qualquer hipótese de evitar o pontapé certeiro de Sutter, que rematou de 1.ª em posição frontal, depois um cruzamento da esquerda, com os «centrais' portugueses sem conseguirem evitar o «tiro» do suíço.

Todavia, o golo do Estrela surgiria, apenas oito minutos volvidos, quando, numa jogada de envolvimento, Miranda cruzou da esquerda para a entrada em voo do «central» Valério, que cabeceou com êxito para a baliza suíça.

Revelando melhor condição física, o Estrela dominou a meia hora de prolongamento e acabou por vencer no desempate em que Vital voltou a «brilhar». Numa partida a que assistiram 12 400 pessoas, entre as quais alguns milhares de portugueses, Sutter e Chassot (Neuchatel) e Vital, Miranda e Abel Campos (Estrela da Amadora) foram os futebolistas em maior evidência.

Desempate por bons penalties

Árbitro: Dusan Krchnak (Checoslováquia). As equipas:

Neuchatel Xamax: Pascolo; Regis Rothenbuhler, Fernandez, Luhti (Froideveaux, 56) e Egli; Perret, Sutter, Jeitziner e Chassot (Lindquist, 77), Gigon e Bonvin.

Estrela da Amadora: Vital; Rui Neves, Duílio, Valério, Abel, Xavier (Paulo Jorge, 60) e Dimas; Marito, Miranda e Paulo Bento; Baroti (Ricky, 52) e Abel Campos.

Cartão amarelo para Valério, Duílio, Miranda, Perret, Paulo Bento e Dimas.

Golos: Sutter e Valério. Desempate por pontapés da marca de grande penalidade: Sutter (1-0), Duílio (1-1), Gigon (2-1), Rui Neves (2-2), Fernandez (3-2), Dimas (3-3), Froideveaux (Vital defendeu, 3-3), Paulo Jorge (3-4) e Egli (atirou à barra, 3-4).

Taça UEFA: Malines, 2 - Sporting, 2

Primeiro dique está galgado

Não se diga que o golo inaugural da autoria de Albert (rubricado aos nove minutos e que gelou a euforia dos milhares de portugueses presentes no Estádio Derriers des Casernes) foi irregular, já que Douglas estava em posição recuada em relação ao autor do remate. Não tem razão Sousa Cintra e demais sportinguistas para acusarem o árbitro italiano Pietro D'Elia nem neste lance nem nas restantes decisões, já que a sua actuação foi francamente positiva até quando mostrou o cartão vermelho ao técnico Marinho Peres, já que o seu gesto para a assistência não poderia ser ignorado pelo coordenador do espectáculo. Marinho Peres fica a aguardar o próximo comunicado da Comissão de Disciplina da UEFA e não se estranhe que seja forçado a ver o próximo confronto ueifeiro na bancada. Diz Marinho Peres que a sua atitude foi uma «explosão de alegria». De mau gosto, acrescente-se. Adiante.

Excelente exibição dos sportinguistas, reforçada com forte vigor psicológico bem evidenciado pela forma como superou o 0-1 registado aos nove minutos e o 1-2 por «obra e graça» do desentendimento entre Carlos Xavier e Ivkovic. Magnífica reacção dos «leões» muito vibrantemente aplaudida, quando, aos 30 minutos, Fernando Gomes marcou um golo de bandeira. Delírio entre os portugueses e decepção na plateia belga. Depois foi endurecimento do jogo com muitas picardias e violência de «rachar», sendo principais protagonistas Versavel, Douglas e Sanders.

O Malines tardava em tentar mudar o rumo dos acontecimentos, deixando Eykelkamp abandonado na frente de ataque, sem que o seu meio-campo ganhasse bolas com qualidade suficientes para pôr em perigo a baliza do Sporting.

Aos 55 minutos e num lance de todo imprevisto, **Carlos Xavier** displicentemente introduz a bola na sua própria baliza, colocando assim de novo o Malines em situação de vantagem. Aproveitando esta oferta, o Malines lançou-se totalmente ao ataque, remetendo os jogadores portugueses para uma atenta e constante acção defensiva, que evitou a existência de lances perigosos para a baliza de Ivkovic.

A dez minutos do fim do encontro **Cadete** acabou com as ténues esperanças dos belgas, obtendo o tento do empate num lance em que a genialidade de Careca, ao fintar quatro adversários, foi sublinhada com um golo de boa execução. Cadete, fazendo uso da sua velocidade, recebeu a bola de Careca e depois de galgar vários metros fez o esférico passar por cima do petrificado Preud'Homme que nada podia fazer para evitar o pior.

O técnico sportinguista Marinho Peres teve então um gesto menos elegante para com a assistência belga tendo de imediato recebido ordem de expulsão.

O êxito dos portugueses confirmou uma equipa apostada nos mais altos voos, nacionais e europeus, e que teve em Filipe e Cadete duas setas constantemente apontadas à baliza contrária.

Expulsão de Marinho Peres

Excelente arbitragem do italiano Pietro d'Elia e nada a dizer quanto à expulsão de Marinho Peres, uma vez que o seu gesto para a assistência não poderia ser ignorado e justificava bem mais do que mera advertência. Venâncio, Bruno Versavel, Sandrs e Douglas foram «contemplados» com a mostragem da cartolina amarela:

Malines: Preud'Homme; Sanders, Clijsters, Albert e Deferm; Patrick Versavel (Severyns, 71), Emmers, Ingesson e Bruno Versavle; Eykelkamp e Wilmots (de Mesmaeker, 34).

Sporting: Ivkovic; Carlos Xavier, Venâncio, Luisinho e Leal; Cadete, Oceano, Douglas e Filipe (João Luís II, 89); Careca e Gomes (Bozinovski, aos 85 minutos).

Marcaram os quatro golos: Albert (7 minutos), Gomes (30), Carlos Xavier (55 na própria baliza) e Cadete (80). As formações

TOTOBOLA

A chave

Portadown-FC Porto	2
Sparta Moscovo-Sparta Praga	1
Ujpest-Nápoles	2
Neuchatel-Estrela Amadora	X
PSV Eindhoven-Montpellier	X
Sampdoria-Kaiserslautern	1
Benfica-Roma	2
Malines-Sporting	X
Guimarães-Fenerbahce	2
Inter-Rapid	1
Dínamo Zagreb-Atalanta	X
Eintracht-Brondby	1
Mónaco-Roda	1

Chama-se João Alexandre e mora em Queluz, o único acertante no «treze» do concurso extraordinário do Totobola de ontem, pelo que irá receber 3901 contos. Com direito ao 2.º prémio, foram escrutinados 54 concorrentes (72 244$00 a cada) e o 3.º prémio será distribuído por 1088 apostadores que embolsarão 3585$00.

Futebol europeu: 1.º degrau

Ficou assim a etapa inicial das três competições do futebol ueifeiro:

Taça dos Campeões

	1.ª mão	2.ª mão
• Grasshoppers (Sui.)-E. VERMELHA (Jug.)	1-4	1-1
• Dymano Tirana (Alb.)-MARSELHA (Fra.)	0-0	1-5
• Kuusysi (Fin.)-TIROL (Áus.)	1-2	0-5
• F.C. BRUGES (Bél.)-Lillestroem (Nor.)	2-0	1-1
• SPARTAK MOSCOVO (URSS)-Sparta (Che.)	2-0	2-0
• Upjest (Hung.)-NÁPOLES (It.)	0-2	0-3
• Besiktas (Turq.)-MALMOE (Sué.)	2-2	2-3
• St. Patrick (RI)-DYMANO BUCARESTE (Rom.)	1-1	0-4
• DYMANO DRESDEN (Al.)-Union (Lux.)	3-0	3-1
• F.C. PORTO (Por.)-Portdawn F.C. (IN)-	8-1	5-0
• REAL MADRID (Esp.)-Odense (Din.)	6-0	4-1
• Panathinaikos (Gre.)-LECH POZNAN (Pol.)	1-2	0-3
• GLASGOW R. (Esc.)-La Valletta (Malta)	6-0	4-0
• BAYERN (Al.)-Apoel (Chi.)	4-0	3-2
• CSKA (Bul.)-Akureyri (Isl.)	3-0	0-1

O Milan ficou isento desta eliminatória.

Taça das Taças

• Hesperange (Lux.)-LEGIA (Pol.)	0-3	0-3
• BARCELONA (Esp.)-Trabzonsport (Tur.)	7-2	0-1
• F.C. LIÈGE (Bél.)-Viking Stavanger (Nor.)	3-0	2-0
• JUVENTUS (It.)-Sliven (Bul.)	6-1	2-0
• Pecs (Hun.)-MANCH. UNITED (GB)	0-1	0-2
• DYMANO KIEV (URSS)-Kuopio Palloseura (Fin.)	4-0	2-2
• ÁUSTRIA VIENA (Áus.)-Schwerin (Al.)	0-0	2-0
• DUKLA (Che.)-Sliema (Malta)	2-0	2-1
• ABERDEEN (Esc.)-Salamina (Chi.)	3-0	2-0
• PSV Eindhoven (Hol.)-MONTPELIIER (Fra.)	0-0	0-1
• Flamurtary (Alb.)-OLYMPIAKOS (Gre.)	0-2	1-3
• STEAUA (Rom.)-Glentoran (IN)	5-0	1-1
• Lyngby (Din.)-WREXHAM (PG)	0-1	0-0
• E. AMADORA (Por.)-Neuchatel (Sui.)	1-1	1-1
• Djurgaarden (Sué.)-FRAM (Isl.)	1-1	0-3
• SAMPDORIA (It.)-Kaisersl. (Al.)	2-0	0-1

Taça UEFA

• Eintracht (Al.)-BRONDBY (Din.)	4-1	0-5
• HEARTS (Esc.)-Dniepr (URSS)	3-1	1-1
• ARNHEM (Hol.)-Derry City (RI)	0-0	1-0
• LUCERNA (Sui.)-MTK (Hun.)	2-1	1-2
• SPORTING (Por.)-F.C. Malines (Bél.)	2-2	1-0
• REAL SOCIEDAD (Esp.)-Lausana (Sui.)	1-0	2-3
• INTER BRATISLAVA (Che.)-Avenir (Lux.)	5-0	1-2
• Chemnitzer (Al.)-BURÚSSIA DORT. (Al.)	0-2	0-2
• F.C. COLÓNIA (Al.)-Norrkoeping (Sué.)	3-1	0-0
• DUNDEE UNITED (Esc.)-Hafnafjordur (Isl.)	2-2	3-1
• FERENCVAROS (Hun.)-Antuérpia (Bég.)	3-1	0-0
• BOLONHA (It.)-Zablebie (Pol.)	1-0	1-0
• BORDÉUS (Fra.)-Glenavon (IN)	2-0	0-2
• Goeteborg (Sué.)-TORPEDO MOSCOVO (URSS)	1-1	1-4
• Banik (Che.)-ASTON VILLA (GB)	1-2	1-3
• Rovaniemi (Fin.)-MAGDEBURGO (Al.)	0-1	0-0
• ADMIRA (Áus.)-Vejle (Din.)	3-0	1-0
• Twente (Hol.)-BAYER LEVERK. (Al.)	1-1	0-1
• Rosenborg (Nor.)-CHERNOMORETS (URSS)	2-1	1-3
• Turun Palloseura (Fin.)-KATOWICE (Pol.)	0-1	0-3
• VALÊNCIA (Esp.)-Heraklis (Gre.)	2-0	0-0
• Petrolul (Rom.)-ANDERLECHT (Bél.)	0-2	0-2
• Dymano Zagreb (Jug.)-ATALANTA (It.)	1-1	0-0
• OMONIA (Chi.)-Slavia Sófia (Bul.)	4-2	1-2
• Benfica (Por.)-ROMA (It.)	0-1	0-1
• MÓNACO (Fra.)-Roda (Hol.)	3-1	3-1
• PAOK (Gre.)-SEVILHA (Esp.)	0-0	0-0
• CRAIOVA (Rom.)-Partizani (Alb.)	1-0	1-0
• Atlético Madrid (Esp.)-POLITECHNICA (Rom.)	1-0	0-2
• INTER (It.)-Rapid (Áus.)	3-1	1-2
• FENERBAHCE (Tur.)-Guimarães (Por.)	2-3	3-0
• PARTIZAN (Jug.)-Hibernians (Malta)	2-0	3-0

O sorteio da 2.ª eliminatória das três competições efectua-se amanhã, em Zurique (Suíça) realizando-se os jogos nos dias 24 do corrente (1.ª mão) e 7 de Novembro (2.ª mão).

Adidas: festa perde grandiosidade

Quebra-se tradição de muitos anos, uma realização conjunta da Adidas e do France-Football passa a menor expressão porque vai ficar restringida a anual cerimónia de entrega de prémios aos melhores jogadores de futebol do continente europeu, onde todos os anos comparecia uma delegação portuguesa encabeçada por Luís Feist (representante da Adidas no nosso país e árbitro internacional de râguebi).

Com a entrada na administração da Adidas do multimilionário francês Bernard Tapie (proprietário de muitas e variadas empresas e ligado a uma série de negócios de várias tonalidades) e a venda à RTL do espectáculo de gala (que normalmente se desenrolava em Paris, Montecarlo e ultimamente em Colónia) todas as linhas do festival foram alteradas. Desapareceu o galardão da «bota de prata» como o da «bota de bronze», igualmente deixando de receber qualquer prémio os melhores goleadores dos diferentes campeonatos nacionais. A partir de agora, o «show» terá lugar em Bonn (RFA) e apenas serão galardoados o «bota de ouro» europeu, o melhor clube do velho continente e os três jogadores que mais se distinguiram no recente campeonato mundial, desenrolado em Itália. Quando muito, haverá mais um convidado especial de cada país, sendo bem possível que Portugal apenas esteja representado por Eusébio que (aliás) trabalha para a Adidas.

Por falar nisso: esta empresa acaba de ampliar a sua ligação aos nossos clubes de plano cimeiro na esfera do futebol de 1.ª Divisão: FC do Porto, Famalicão, Braga, Vitória de Setúbal e, a partir de domingo próximo, também o Farense, equipa Adidas.

Taça dos Campeões: Portadown, 1 – FC Porto, 8

Os números explicam a diferença

Foi um agradável passeio o que os «dragões» efectuaram até à Irlanda do Norte impondo a sua inquestionável supremacia frente aos modestos rapazes do Portadown, tendo vencido pela contundente marca de 8-1, com a curiosidade do argelino Madger — que notável exibição e que afinada pontaria! — ter rubricado metade dos golos portistas. Depois do «cinco-zero» rubricado em Setúbal, no encontro da primeira «mão» desta primeira eliminatória da Taça dos Campeões Europeus, os comandados de Artur Jorge «brindaram» os seus opositores com uma marca que não admite qualquer dúvida quanto à abissal diferença entre os valores em presença. No minuto 33 já o marcador registava o ascendente de 3-0 (três golos de Madjer) depois foi o continuar do «massacre».

Belfast: Cunnigham tenta travar Kiki

O FC Porto mantinha uma velocidade moderada no seu jogo, muito embora o seu domínio fosse evidente frente a uma equipa que demonstrou uma vez mais uma grande fragilidade defensiva, e um sector médio e atacante pouco agressivo e sem soluções.

Contudo, o Portadown reduziu aos 37 minutos a desvantagem para 3-1, por Fraser. Um golo de *Semedo* aos 41 minutos, resultante de uma remate colocado desferido à entrada da área, fixava em 4-1 o resultado com que se atingiu o intervalo.

O FC Porto surgiu mais rápido no segundo tempo, e logo aos cinco minutos *Paille*, numa jogada individual, dilatava a vantagem para 5-1, após ter driblado o guarda-redes irlandês.

O «Festival» continuava passados apenas três minutos, com o argelino *Madjer* a apontar de cabeça o seu quarto golo e o sexto da formação das Antas.

Os dois últimos tentos do FC Porto, obtidos aos 67 e 84 minutos, foram ambos da autoria de *Paille*, com o primeiro a resultar de um desvio oportuno à boca da baliza, após remate de Jorge Couto, e o segundo na sequência de uma tabelinha com Madjer.

Quatro golos de Madjer

Arbitrou o islandês Sveinsson e as equipas alinharam assim:

PORTADOWN: Keenan; Major, Curliss, Strain e Stewart; Doolin, Cunningham, Magee e Fraser; Cowan (McKeever, aos 35) e MacCreadle.

FC PORTO: Vítor Baía; João Pinto, Geraldão, Aloísio e Branco; André (Fernando Couto, aos 75), Kiki e Semedo e (Jaime Magalhães, aos 75) e Jorge Couto; Madjer e Stephane Paille.

Marcadores de serviço: Madjer (10, 17, 33 e 53 m), Paille (50, 67 e 84 m) e Semedo (41) pelos portugueses, enquanto o solitário golo dos irlandeses coube a Fraser (37 m).

Taça UEFA: Guimarães, 2 – Fenerbahce, 3

Uma banhada turca

Digamos que estava anunciado, desde o regresso do jogo na Turquia em que os vimaranenses tinham ficado duramente tocados ao sofrerem três golos sem resposta: fazendo três tentos de rompante (nos iniciais 25 minutos) o Fenerbahce resolveu completamente o problema, aturdindo e siderando uma equipa minhota que não teve defesa verdadeiramente forte, não apresentou meio campo capaz de segurar a bola e depois partir em velocidade para o ataque e, obviamente, se apresentou sem artilharia para destruir uma vantagem altamente cómoda que as visitas tinham no cartaz.

O novo técnico nortenho (o uruguaio Pedro Rocha) encontrou um bloco de atletas destruídos animicamente, especialmente pelas contínuas guerrilhas que tinham como centro da batalha Paulo Autori, sujeito aos dardos despedidos pelos adeptos do clube minhoto e, do mesmo modo, pelo presidente-patrão da colectividade.

Guimarães: tentativa de Soeiro perante Ercas

Em lances de contra-ataque puro, ocorridos quando o adversário ainda mal tinha aquecido, os turcos do Fenerbahce cortaram cerces todas as esperanças do Vitória de Guimarães surpreendendo os minhotos com a eficácia do seu contra-ataque, aproveitando para o efeito o balanço atacante dos vimaranenses que, como lhe competia, dada a desvantagem trazida do jogo da primeira «mão' (derrota por 3-0), se instalaram no meio campo do Fenerbache desde o apito inicial do árbitro.

Ao Vitória tudo correu desfavoravelmente: desde as oportunidades de golo não concretizadas, até à infelicidade do 1.º golo sofrido, com o remate de Vokri a embater nas pernas de Germano e a bola a entrar na baliza. De resto todos os golos dos visitantes nasceram de lances de límpido contra-ataquem com o guarda-redes dos locais em completa desvantagem, diante de adversários que lhe surgiam à frente

Na 2.ª parte os vimaranense baixaram os braços por inteiro, uma vez que já tudo estava perdido e a eliminatória decidida, pelo que o espectáculo perdeu o resto de qualidade.

Três tentos de rajada

Apenas 10 mil pessoas viram o desaire, que foi arbitrado por Lo Bello (Itália). As turmas:

V. Guimarães: Jesus; Nando, Germano, Basílio e Jorge; Basaúla, João Baptista (Peixoto, aos 65 minutos), N'Dinga e Chiquinho; Soeiro, Zrad (Caio Júnior, 60m).

Fenerbahce: Schumacher; Erdi, Semih (Ismail, 57m), Gokhan e Ercan; Turhan, Miydat, Senol e Vokri, Oguz e Aykut.

Cartão amarelo para Semih e Senol. Golos: Germano (autogolo), Mujdat, Aykut, Soeiro e Basaúla.

ASSIM VAI O totobola

Penalti: 112 22X 111 1121; O Algarve: 111 XX2 112 112X; O Jornal de Amarante: X11 211 X11 X111; Jornal da Beira: 111 2XX 111 11X1; O Comércio de Leixões: 111 22X 1X1 X1X2; De Tudo Um Pouco: 111 XX2 1X1 11XX; Correio de Coimbra: 11X X11 11X X12X; Correio do Vouga: 111 XXX 1X1 1X22; A Defesa: 11X XXX 1X1 11XX; Diário de Coimbra: 111 XXX 111 X121; Rádio Jornal do Fundão: 11X 1X1 111 X1X2; Diário de Viseu: 111 111 X11 1122; O Distrito de Portalegre: 111 2X1 111 X121; Folha do Domingo: 111 XXX 111 2111; Ecos de Cacia: 11X 12X 111 112X; Eu Sei Tudo: 111 1X1 211 X222; O Jornal de Felgueiras: 111 XXX 1X1 11X1; Jornal de Gaia: 1XX 2X1 1XX 1X2X; O Almonda: 111 XX1 X11 2X2X; Rádio Guarda: 1X2 12X 2X1 12X2; Rádio Totobola: 11X XXX 111 112X: Linhas de Elvas: 11X 222 111 1121; Litoral: 11X 1XX 111 XXX1; O Jornal da Lixa: 111 2X1 111 1111; Maria da Fonte: 111 X1X 111 11X2; No Estúdio e no Estádio: 111 X11 X11 1111; Notícias de Felgueiras: 111 XXX 1X1 11X1; Notícias de Gouveia: 11X X21 121 1222; Notícias de Guimarães: 111 X2X 111 11X2; Jornal 1X2: 11X X21 111 XX2X; Notícias de Viseu: 111 XXX X11 11XX; Quadrante Norte: 111 X1X 11X X12X; Semanário da Região Bairradina: 111 XXX 111 1XXX; Estação Orbital Rádio: 12X 122 121 X112; Bom Dia: XXX X12 111 X12X; Resenha Desportiva: 111 2X1 111 X1XX; Jornal de Sintra: 112 XXX 111 X12X; A Voz do Domingo: 11X X1X 111 11X1; Voz de Lamego: 111 2X1 111 X121; Desporto/Rádio Guarda: 1X2 12X X11 11X2; Contacto: X11 222 111 X11X; Meia Tarde: 11X 22X X2X 1X1X; Encontro Com a Manhã: 11X 2X1 12X 2X21; Freguesias do Nosso Distrito: 12X 211 222 2X11; Primeiro Continente: 11X 2X2 111 X1X2; Tarde Desportiva: 11X 2X1 11X 1XXX; Livre e Directo: 11X 1XX 1XX 112X; Rádio Viriato: 111 XX2 X1X 11XX; Um Caso Por Semana: 11X XX2 111 2122; Foi Notícia: 111 X11 121 X122; Desporto e Música: 111 21X 1X1 X11X; Cultura e Recreio: 112 1X2 121 X211; De Tudo Um Pouco/Rádio Covilhã: 11X 121 1X1 112X; Manhãs Informativas: 111 11X 111 111X; Jornal do Almoço: 111 XXX 1X1 11X1; Jornal das 8H30: 111 221 111 1111; Jogo Limpo: 111 X11 111 X11X; Jornal do Jantar: 1XX 2X1 12X 21X2; As Noites da F: 1X1 2X1 1XX 1212; Escape Livre: 11X 2X2 111 11X2; Jornal da Graça: 111 2XX 111 1X1X; RR/Desporto: 111 X1X 111 1XX1; Bola Branca: 11X X11 111 1X1X; Frente Desportiva: 111 2X1 111 11X2; Alvo Desportivo: 11X XXX 1X1 X1XX; Rádio Alvo: 112 222 121 2122; Alvo: 111 111 111 1111; Alvo Suplemento: 111 111 111 112X; A Voz dos Ridículos: 111 X11 111 11X1; Diário de Lisboa: 111 2X2 111 11X2.

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 40/90 DE 7 DE OUTUBRO

	RESUMO 1	X	2	BOLAS (a) 1	X	2
1. Benfica-E. Amadora	66	3	0	11	1	1
2. Guiamrães-Penafiel	61	6	2	10	1	1
3. G. Vicente-Salgueiros	38	25	6	7	4	1
4. B. Mar-Boavista	14	31	24	2	5	5
5. Marítimo-Belenenses	18	36	15	3	6	3
6. Tirsense-Setúbal	27	29	13	5	5	2
7. Chaves-Famalicão	58	8	3	10	1	1
8. Farense-Braga	46	14	9	8	3	1
9. Estoril-Lusitano V.R.	57	10	2	10	1	1
10. Torreense-Leixões	40	22	7	7	4	1
11. Espinho-B.C. Branco	51	13	5	9	2	1
12. Maia-Louletano	47	13	7	2	5	5
13. U. Leiria-Portimon.	22	26	19	4	5	3

(a) Nos termos do Art.º 14º do Regulamento Geral dos Concursos, se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A «CHAVE» LÓGICA SERÁ:
111 XXX 111 11X ou 2X

BREVES

Bilardo professor

O ex-seleccionador argentino Carlos Bilardo estuda a oferta para dirigir uma escola nacional de futebol que o conselho desportivo da Argentina se propõe criar. Bilardo reuniu-se com o director dos desportos, que lhe propuseram colaborar no ensino do futebol a jovens de todo o país.

O ex-seleccionador manifestou-se **«muito entusiasmado»** pela oferta, reiterando não querer abandonar o país apesar das ofertas que recebeu para dirigir equipas europeias. Carlos Bilardo renunciou (em Julho passado) à direcção da selecção argentina, à frente da qual venceu o Mundial do México (86) e se tornou vice-campeão do mundo, no Itália/90.

A Federação argentina da modalidade nomeará, até final do mês, o treinador Alfio Basile para novo técnico da selecção nacional, que vai iniciar a sua preparação para a próxima edição da «Copa América».

Voleibol: Espinho com gregos

A Académica de Espinho irá defrontar o Olimpiakos do Pireu, no dia 3 de Novembro, em encontro da primeira «mão» da Taça dos Campeões Europeus de voleibol, a 2.ª «mão» disputar-se-á no dia 11.

Basquetebol: Beira Mar eliminado

A equipa do Beira Mar foi afastada da Taça «Korac» de basquetebol ao perder (96-105) frente aos franceses do Antibes, no encontro da segunda «mão» da primeira eliminatória. Em Aveiro o Beira Mar havia vencido por 81-77.

Para a Taça «Ronchetti» a equipa feminina do funchalense «Amigos do Basquete» foi eliminada ao perder com as francesas do Aix-En-Provence.

Ténis: Sorteio da «Davis»

Portugal recebe a Irlanda, na primeira eliminatória do Grupo Um da zona euro-africana da Taça Davis, em jogo a realizar nos dias 1 e 3 de Fevereiro de 1991. Para o seleccionador Santos Costa «poderemos vencer o jogo e manter o nosso estatuto». Recorde-se que Portugal já defrontou por duas vezes a sua congénere irlandesa e venceu por 4-1, a última das quais em 1989.

Golfe: Ballesteros em Portugal

Em Conferência de Imprensa que teve lugar no Hotel Penta, foi divulgado que o espanhol Severiano Ballesteros, um dos melhores jogadores do mundo, será a principal «estrela» do 34.º Open de Portugal-TPC em Golfe, a disputar entre 18 e 21 do corrente na Quinta do Lago (Algarve). Ballesteros, 7.º classificado no Grande Prémio da Europa, que decorreu na Grã-Bretanha, inscreveu-se no final da semana passada para o Open de Portugal-TPC, penúltima prova do circuito europeu da Associação dos Profissionais de Golfe (PGA), que tem 275 mil libras (71 500 contos) para prémios.

Além do profissional espanhol, participam no Open de Portugal outros jogadores que integraram a selecção da Europa que arrebatou a última edição da «Ryder Cup» aos Estados Unidos, como Gordon Brand Jr., José Maria Canizares e, ainda, Eammon Darcy, Paul Way, Anders Forsbrand, Ove Sellberg, Eduardo Romero, Peter Baker, Des Smyth e Tony Johnstone. O escocês Colin Montgomerie (vencedor do Open de Portugal-TPC em 1989) desloca-se também ao Algarve para defender o título, o mesmo sucedendo com os anteriores campeões: o australiano Mike Harwood, o inglês Robert Lee e Tony Johnstone (do Zimbabwe). O torneio terá a participação de 162 jogadores, (que importa em 150 mil contos) entre os quais 12 portugueses (10 profissionais e dois amadores), com destaque para Sebastião Gil (actual guia da Ordem de Mérito Nacional), Rogério Valente, Daniel Silva, Abílio Coelho, Domingos Silva e Eduardo Maganinho.

A organização da prova que, pela 7.ª vez se realiza nos «greens» da Quinta do Lago, prevê este ano, para os quatro dias de prova, uma assistência de 35 mil espectadores.

O torneio será disputado em quatro voltas (72 buracos) Nos dias 18 e 19 jogam todos os concorrentes, apurando-se cerca de 70 jogadores para a fase final, que terá lugar nos dias 20 e 21.

A anteceder o Open, disputa-se o Pro-Am Soporcel, com cerca de 120 concorrentes (entre os quais os 30 melhores profissionais, a indicar pela PGA) e 90 amadores convidados, contando com diversas entidades portuguesas e estrangeiras ligadas à política, cultura e economia e também alguns empresários.

Este ano (e pela 3.ª vez consecutiva) será atribuído o troféu «Sir Henry Cotton» ao jogador com menos de 25 anos melhor classificado após as quatro voltas. O vencedor do troféu em 1989 foi o inglês Peter Baker (de 22 anos) que, no domingo, ganhou (em Paris) o «Open» da Europa de Sub-25, e que estará também na Quinta do Lago.

A vitória no Open de Portugal-TPC, além do prémio monetário, tem ainda outro grande aliciante para a esmagadora maioria dos jogadores concorrentes: quem ganhar na Quinta do Lago tem garantido o acesso automático ao quadro principal do circuito europeu nos próximos cinco anos. Este é um dos benefícios proporcionados pela vitória no TPC (Torneio dos jogadores do campeonato) que, em 1989, no continente europeu se «estreou» na Quinta do Lago.

Simultaneamente, vai decorrer num amplo espaço e junto ao «Green» do buraco 18 (onde termina o torneio) a maior «aldeia das tendas» de sempre, onde o público poderá visitar, até ao dia 28 do corrente, cerca de 60 pavilhões expositores com mostras diversas (desde material desportivo a turismo) e dispondo ainda de restaurantes, cafetaria e um quadro gigante de resultados, através do qual se poderá seguir o desenrolar do torneio, buraco-a-buraco. Num desses pavilhões, em local de destaque, estará em exposição a «Ryder Cup» (o troféu mais prestigiado do mundo) em ouro, que será disputado e 1991, entre as selecções da Europa e dos EUA, na Carolina do Sul.

Outro dos pavilhões terá em exposição o «Museu do golfe», de Joaquim Catarino, uma mostra de peças raras, algumas únicas no mundo, relacionadas com o golfe.

Na semana imediata ao Open de Portugal-TPC realiza-se também nos «Greens» da Quinta do Lago a final mundial da «BMW International Cup», torneio que se disputa pela 1.ª vez fora da Alemanha. Este torneio será disputado por cerca de uma centena de jogadores de 20 países, entre os quais Alemanha, Austrália , Áustria, Bélgica, Costa Rica, Coreia do Sul, Espanha, Estados Unidos, Finlândia, Irlanda, Itália, Japão, Holanda, Suécia, Suíça, Singapura e Portugal. A fase de qualificação deste torneio mundial envolveu mais de 40 mil jogadores e 300 torneios, apurando-se os vencedores em cada final nacional para a «finalíssima», em Portugal.

Para a cobertura deste torneio deslocam-se à Quinta do Lago jornalistas e equipas de televisão de vários países.

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

HOMENAGEM NACIONAL A HUMBERTO DELGADO

CONVITE À POPULAÇÃO

A Câmara Municipal de Lisboa informa a população em geral e os seus munícipes em particular que se irá realizar no dia 5 de Outubro a cerimónia de trasladação dos restos mortais de Humberto Delgado para o Panteão Nacional.

As cerimónias têm início no Cemitério dos Prazeres onde será celebrada missa de sufrágio às 15 horas seguida de cortejo fúnebre em que se integrarão a família, o Senhor Presidente da República, a Comissão de Honra e todos os portugueses que desejarem participar nesta homenagem.

No Panteão Nacional, às 17 horas, o Senhor Presidente da República proferirá o discurso de encerramento, precedido do elogio fúnebre a cargo do Professor Emídio Guerreiro.

A Câmara Municipal de Lisboa convida todos aqueles que partilham os mesmos ideais de liberdade e de democracia que Humberto Delgado defendeu a estarem presentes no dia 5 de Outubro às 17 horas, no Panteão Nacional, na homenagem nacional que assinala o 25.º aniversário da morte daquele ilustre português.

Paços do Concelho de Lisboa, 3 de Outubro de 1990
O Presidente da Câmara
Jorge Sampaio

Natação: modalidade muito participada

Seixalíada: a festa continua

A oitava edição da Seixalíada – Jogos Concelhios do Seixal, está em marcha até ao próximo dia 14, quando se realizar o festivala de encerramento. Cerca de 12 mil praticantes vão participar numa das maiores manifestações de desporto popular de quantas se realizam pelo País.

Até ao momento tem sido centenas os jogos de futebol de salão, de hóquei em patins, de andebol, de basquetebol, numa confirmação plena do papel da Câmara Municipal do Seixal desempenha na criação de condições para que os jovens do concelho ganhem o hábito da prática desportiva.

A equipa do Champel Sumos ganhou o torneio quadrangular de futebol de salão que se realizou no pavilhão do Seixal FC ao bater, na final, a equipa do «S. Francisco», por 4-1; para o 3.º e 4.º lugares, GD Nabância (Tomar) perdeu com Movelmoda, por 3-4. Na primeira jornada, os resultados: Nabância-S. Francisco, 3-5; Movelmoda-Champel Sumos, 0-2.

A corrida de orientação, que decorreu na Quinta do Serrado, na Amora, modalidade que ganha cada vez mais praticantes em Portugal, à semelhança de muitos outros países, também teve a presença na Seixalíada e os vencedores dos vários escalões foram: Vanda Carlos (CP Armada), Bruno Sousa (CP Armada), Alexandre Serrana (NO Almada), Nuno Matos (CO Almada) e João Tavares (CP Armada).

A prova de tiro aos pratos, realizou-se no campo de tiro de Vale de Milhaços, com 138 participantes. A classificação: Individual – 1.º Júlio Ganbriel (GD «Os Rolos»), 2.º Mira dos Reis (Espingardaria Safari), 3.º António Palminha («Os Rolos»).

I Série N.º 230
Dia 4 de Outubro

DIÁRIO DA REPÚBLICA

SUMÁRIO

Presidência do Conselho de Ministros

Portaria n.º 936/90:
Aprova o modelo de etiqueta destinada a ser afixada em cada videograma devidamente classificado. Revoga a Portaria n.º 180/88, de 24 de Março.

Ministério das Finanças

Portaria n.º 937/90:
Aprova a guia modelo n.º 79 IRS para pagamento de retenções na fonte provenientes de rendimento de pensões.

Declaração:
De terem sido autorizadas transferências de verbas no orçamento do Ministério no montante de 20 302 668 contos.

Ministérios das Finanças e da Justiça

Portaria n.º 938/90:
Altera a composição do quadro de pessoal da secretaria judicial do Tribunal de Instrução Criminal de Vila Nova de Gaia.

Ministérios das Finanças e da Agricultura, Pescas e Alimentação

Despacho Normativo n.º 118/90:
Cria no quadro de pessoal da Direcção Regional da Agricultura do Algarve dois lugares de assessor, da carreira de engenheiro, a extinguir quando vagarem.

Ministérios das Finanças e do Emprego e da Segurança Social

Portaria n.º 939/90:
Alarga o quadro de pessoal do Centro Regional de Segurança Social de Coimbra.

Despacho Normativo n.º 119/90:
Cria no quadro de pessoal do Centro Regional de Segurança Social de Portalegre um lugar de assessor principal, a extinguir quando vagar.

Ministério dos Negócios Estrangeiros

Avisos:
Torna público ter Portugal procedido ao depósito da carta de confirmação e ratificação do Tratado da Comunidade Ibero-Americana de Segurança Social, assinado em São Francisco de Quito (Equador) aos 17 de Março de 1982.

Torna público ter o Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reino dos Países Baixos notificado vários Estados sobre os Aspectos Civis do Rapto Internacional de Crianças, celebrada na Haia.

Torna público ter o Governo do Belize depositado, junto do Secretário-Geral das Nações Unidas, em 16 de Maio de 1990, o instrumento de ratificação da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres.

Torna público ter a Bélgica ratificado a Convenção Europeia sobre a Violência e o Excesso de Espectadores por Ocasião de Manifestações Desportivas e nomeadamente de Jogos de Futebol (STE n.º 120).

Ministério da Agricultura, Pescas e Alimentação

Portaria n.º 940/90:
Aprova o Regulamento sobre a Protecção das Obtenções Vegetais.

Portaria n.º 941/90:
Sujeita ao regime cinegético especial vários prédios rústicos situados nas freguesias de Moçarria, Várzea e Almoster, concelho de Santarém.

Portaria n.º 942/90:
Sujeita ao regime cinegético especial os prédios rústicos situados na freguesia e concelho de Fronteira.

Portaria n.º 943/90:
Sujeita ao regime cinegético especial vários prédios rústicos situados nas freguesias de Pocariça, Bolho e Ourentã, concelho de Cantanhede.

Portaria n.º 944/90:
Sujeita ao regime cinegético especial a propriedade denominada «Herdade da Courela», situada na freguesia de São Facundo, concelho de Abrantes.

Ministérios da Agricultura, Pescas e Alimentação, da Educação e do Emprego e da Segurança Social

Portaria n.º 945/90:
Cria vários cursos a funcionar na Escola Profissional de Agricultura de Marco de Canavezes.

Ministérios da Indústria e Energia e do Ambiente e Recursos Naturais

Portaria n.º 946/90:
Aprova os preços de venda de água e de aluguer de contadores a todos os consumidores de água distribuída pela direcção da Direcção-Geral dos Recursos Naturais em Santo André.

Ministério da Educação

Declaração:
De terem sido autorizadas transferências de verbas no orçamento do Ministério no montante de 740 685 contos.

Ministérios da Educação, do Emprego e da Segurança Social e do Comércio e Turismo

Portaria n.º 947/90:
Cria o curso de técnico de serviços comerciais a funcionar na Escola de Comércio de Lisboa e aprova o respectivo plano de estudos.

Ministério do Comércio e Turismo

Portaria n.º 948/90:
Exclui do regime de preços declarados os bens enquadrados nos desdobramentos da Classificação das Actividades Económicas (CAE, revisão de 1973) 3523.3.0 — Fabricação de detergentes sintéticos e sua preparações e ex 3524.0.0 — Óleos não comestíveis — coco, palma e palmiste.

Tribunal de Contas

Resolução n.º 4/TC-I/90:
Aprova o novo texto do artigo 12.º do Regulamento do Tribunal de Contas, de 5 de Janeiro de 1990.

AGENDA

HOJE

CONTINENTE

Em todo o território: Céu geralmente pouco nublado. Vento fraco a moderado do quadrante Norte. Pequena descida da temperatura mínima e pequena subida da temperatura máxima. Neblinas e nevoeiros matinais. Mar encrespado ou de pequena vaga com ondulação noroeste de 1 a .2 metros na Costa Ocidental e encrespado a de pequena vaga com ondulação inferior a 1 metro.

Amanhã
Céu pouco nublado ou limpo. Vento fraco a moderado de Leste. Pequena subida da temperatura.

Depois de amanhã
Céu pouco nublado ou limpo. Vento fraco a moderado de Leste.

MADEIRA

Períodos de céu muito jublado. Vento moderado de Nordeste. Aguaceiros em especial nas vertentes voltadas ao Norte. Mar de pequena vaga a cavado com ondulação norte de 1 a 2 metros na Costa Norte e encrespado com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

No Funchal: Céu com períodos de muito nublado e vento fraco. Possibilidade de aguaceiros.

Amanhã
Períodos de céu muito nublado. Vento Nordeste moderado. Aguaceiros.

Depois de amanhã
Períodos de céu muito nublado. Vento geralmente fraco. Aguaceiros fracos.

AÇORES

Grupo Ocidental: Céu geralmente muito nublado. Vento de Sul moderado tornando-se forte. Mar cavado tornando-se grosso com ondulação noroeste de 1 a 2 metros.

Grupo Central: Céu geralmente muito nublado. Vento de Leste moderado rodando para Sueste. Mar de pequena vaga a cavado com ondulação noroeste de 1 a 2 metros.

Grupo Oriental: Períodos de céu de muito nublado. Vento de Leste moderado. Mar de pequena vaga a cavado com oudulação noroeste de 1 a a metros.

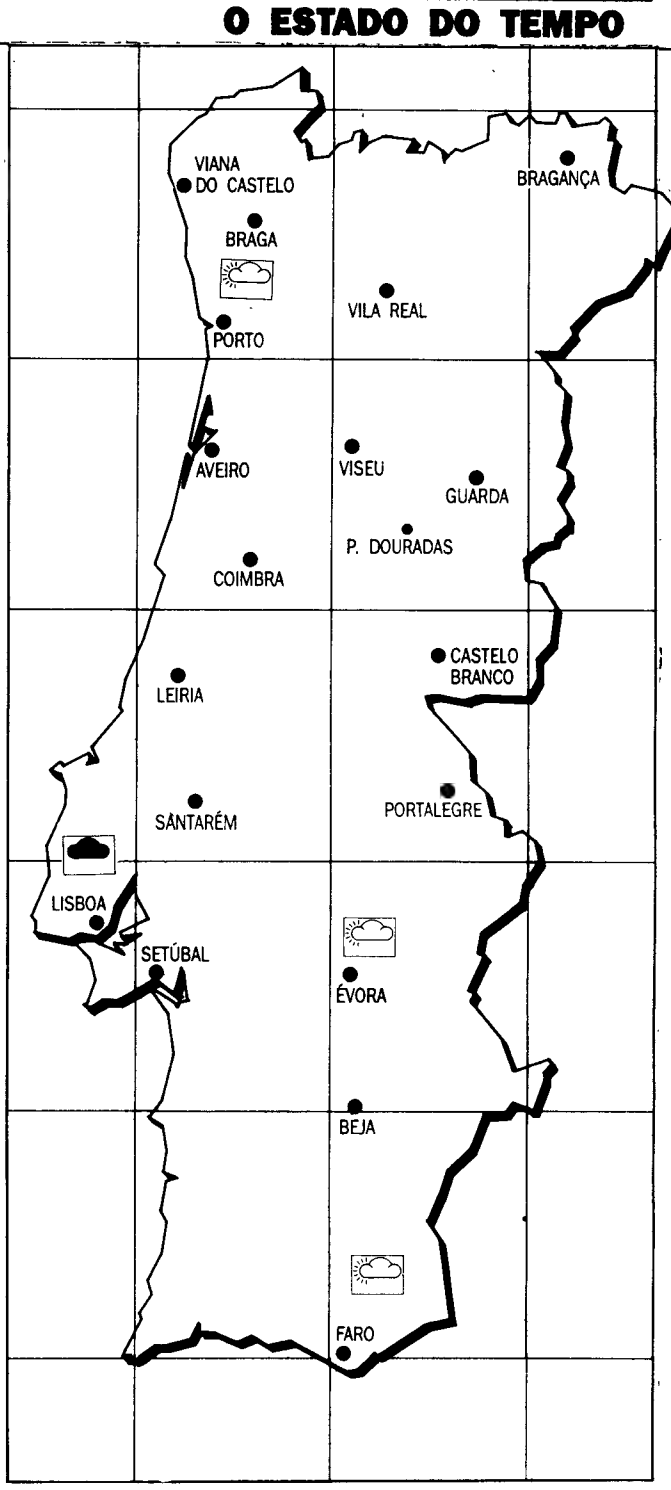
Amanhã

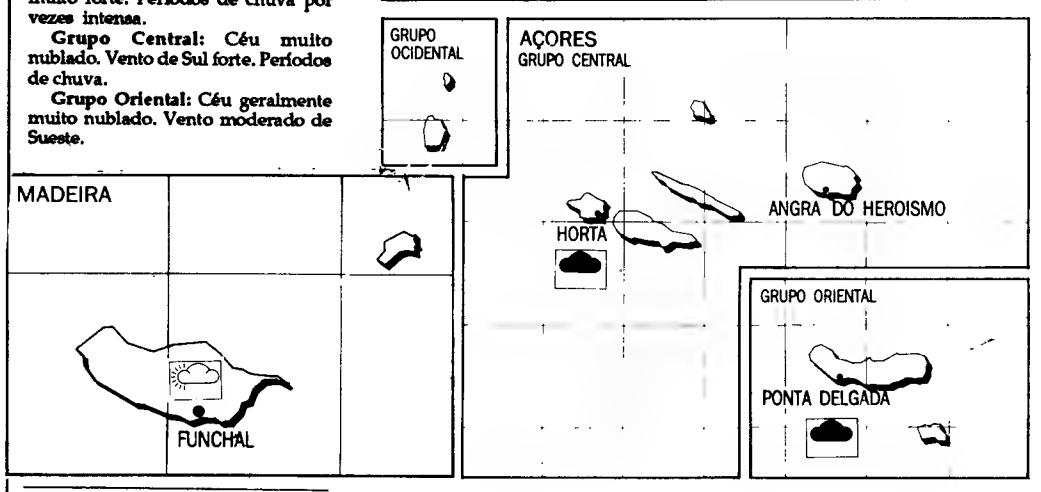
Grupo Ocidental: Céu muito nublado. Vento de Sul forte, por vezes muito forte. Períodos de chuva por vezes intensa.

Grupo Central: Céu muito nublado. Vento de Sul forte. Períodos de chuva.

Grupo Oriental: Céu geralmente muito nublado. Vento moderado de Sueste.

O ESTADO DO TEMPO





Céu limpo
Céu pouco nublado
Céu muito nublado
Chuva
Trovoada
Neve
Vento
Mar calmo
Mar encrespado

MARÉS

Hoje

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
02.33	3,8m	08.13	0,5m
14.49	4,0m	20.33	0,4m

Amanhã

03.10	3,9m	10.13	0,5m
16.54	3,8m	22.33	0,6m

PORTUGAL

	Min.	Máx.	Às 6 h.
Bragança	11	12	Nevoeiro
V. Castelo	13	13	P. nub.
Vila Real	12	12	M. nub.
Porto	11	13	Limpo
P. Douradas	-	-	-
Coimbra	15	15	Neblina
C. Carvoeiro	18	18	P. nub.
C. Branco	11	11	Limpo
Portalegre	11	12	Nevoeiro
Lisboa	16	16	P. nub.
Évora	14	14	M. nub.
Beja	13	14	M. nub.
Sines	-	-	-
Faro	14	15	Limpo
Sagres	-	-	-
P. Delgada	15	15	M. nub.
Horta	18	20	M. nub.
Funchal	17	19	P. nub.

Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 24; Porto, 22; Faro, 26; P. Delgada, 22; Funchal, 24.

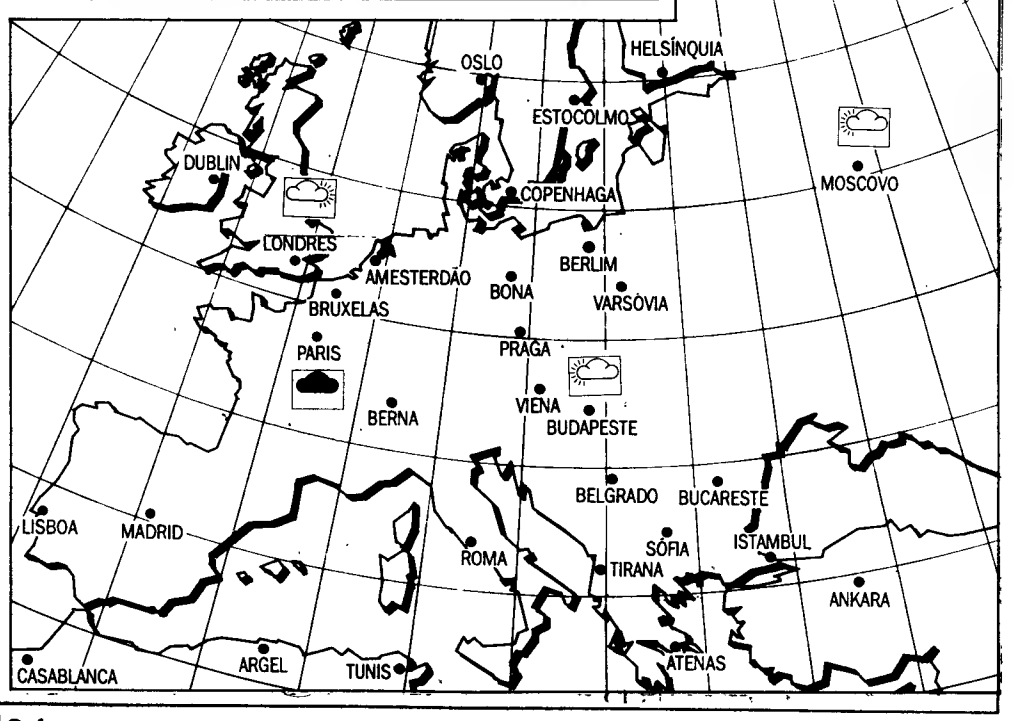
EUROPA

	Min.	Máx.	Às 6 h.
Madrid	13	13	P. nub.
Londres	5	6	Limpo
Paris	8	8	P. nub.
Bruxelas	8	8	M. nub.
Amesterdão	10	10	P. nub.
Genebra	13	15	Chuva
Roma	17	17	Neblina
Oslo	12	12	M. nub.
Copenhaga	12	13	Neblina
Estocolmo	11	12	Neblina
Berlim	11	11	Neblina
Viena	9	10	Neblina
Varsóvia	4	6	Neblina
Atenas	21	22	M. nub.
Moscovo	-3	0	P. nub.

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h
Buenos Aires	15	23	Limpo
Caracas	19	30	Nublado
Hong Kong	26	28	Nublado
Joanesburgo	13	28	Limpo
Los Angeles	19	22	Limpo
Montreal	8	11	Chuva
Nova Deli	23	33	Limpo
Nova Iorque	13	21	Nublado
Rio de Janeiro	-	-	-
São Francisco	13	23	Limpo
São Paulo	-	-	-
Tóquio	18	25	Nublado

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica



AGENDA

FARMÁCIAS

LISBOA

SERVIÇO PERMANENTE

Alcântara: Probidade, Rua Alcântara, 15 A-B, Tel. 3638589; **Alvalade - Estados Unidos:** Rio Janeiro, Av. Rio de Janeiro, 4-C, Tel. 881409; **Baixa:** Simões Pires, Rua da Prata, 115, Tel. 3462350; **Benfica:** União, Estrada Benfica, 592-594, Tel. 700092; **Camões - Santa Catarina:** Combro, Calçada do Combro, 82, Tel. 326059; **Campo de Ourique:** Lobel, Rua Infantaria 16, 98-B, Tel. 688807; **Galinheiras - Charneca - Lumiar:** São Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1, Tel. 7590969; **Marquês Fronteira:** Ronil, Rua Rodrigo da Fonseca, 153, Tel. 683438; **Olivais Sul:** Marta, Rua Cidade Nampula - Ed. Paris - Lote 534, Tel. 333696; **Rato - Príncipe Real:** Cunha, Rua Escola Politécnica, 18, Tel. 325455; **Saldanha:** Dalva, Av. Duque D'Ávila, 125, Tel. 545225; **Sapadores - Paiva Couceiro:** Europa, Av. General Roçadas, 27, A-B, Tel. 8143880; **Xabregas - Madre Deus:** Conceição, Calçada D. Gastão, 30-32, Tel. 381279; **Carnaxide:** H. Amaral, Praceta António Boto, 11-A, Tel. 4104556; **Colina Sol - Brandoa - Amadora:** Vidal Reis, Urb. Alfornel - Cel. G - Lote 35, Tel. 996540; **Moscavide:** Banha, Av. Moscavide, 22-A, Tel. 2518518; **Odivelas:** Monserrate, Rua Guilherme Gomes Fernandes, 31-A, Tel. 4811139; **Pontinha:** Pontinha, Estrada Santo Elói, 4 - Lote SE, Tel. 479220.

REFORÇO

Almirante Gago Coutinho: Estados Unidos, Av. estados Unidos da América, 16-B, Tel. 885859; **Areeiro - Praça Londres:** João XXI, Av. João XXI, 16-A, Tel. 886462; **Boa Hora:** Sepol, Calçada Boa Hora, 94-A, Tel. 3631958; **Campo de Ourique:** Elma, Rua D. Maria Pia, 358-A, Tel. 686176; **Castelo:** Silva, Calçada Santo André, 16, Tel. 863074; **Chile:** Aliança, Av. Almirante Reis, 145, B-C, Tel. 570487; **Entre Sete Rios e 2.ª Circular:** Da Luz, Estrada da Luz, 124-A, Tel. 7263139; **Feira Popular:** Santa Maria, Av. 5 de Outubro, 283-A, Tel. 763016; **Graça:** Monte, Rua Senhora do Monte, 30, A-B, Tel. 867842; **Marquês Pombal:** Branco, Av. Duque Loulé, 61-65, Tel. 545048; **Picheleira:** Marluz, Calçada da Picheleira, 140, B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; **Buraca - Amadora:** Vaz Martins, Praceta Fernando Pessoa, Loja E - 36-B, Tel. 970660; **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA DE CASCAIS

Algés: Cabrita, P. Miraflores, Lote 12, Tel. 4101486. Permanente; **Linda-a-Velha:** Pinto, R. Antero Quental, 9, Tel. 4190610. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duartes, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcavelos:** Central, R. 5 de Outubro, 25, Tel. 2470037. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Oeiras:** Oeiras, L. Henrique Paiva Couceiro, Tel. 4430485. Permanente; **Parede:** Aisir, Av. Gago Coutinho, B.º Caixas Previdência, Tel. 2472948. Permanente; **Sassoeiros:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Cascais:** Cordeiro, Av. Comb. G. Guerra, 40, Tel. 2801705. Permanente.

LINHA DE SINTRA

Amadora: Helénica, R. Elias Garcia, 372, Tel. 4933613. Permanente; **Damaia:** Girassol, R. Elias Garcia, 17-C, Tel. 974161. Até às 22 h; Lemos, R. Goa, 21-A, Tel. 971121. Até às 22 h; **Queluz:** Gil, Av. Miguel Bombarda, 28, Tel. 4350117. Permanente; Albergaria, L. Prof. Dr. José Mineiro, 42 - Q. Baixo, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém:** Guerra Rico, Av. Bombeiros Voluntários, Tel. 9244002. Permanente; **Mem Martins:** Químia, Est. Mem Martins, 285, Tel. 9210012. Até às 22 h; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rinchoa:** Dumas Brousse, Calç. Rinchoa, 2, Tel. 9260404. Até às 22 h; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088; **Loures:** Sálvia, Av. República, 29, Tel. 9831240. Permanente.

OUTRA BANDA

Almada: Algarve, R. Fernão Lopes, 1, Tel. 2750271. Permanente; **Cova da Piedade:** Avelar Silva, R. Dr. Alberto Araújo, 19-A, Tel. 2750337. Permanente; **Monte de Caparica:** Nova, R. Trab. Rurais, 82, Tel. 2954436. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Higiénica, Av. República, 23, Tel. 2900020. Até às 19 h; **Laranjeiro:** Baptista Marques, R. Boa Vontade, 17-B, Tel. 2538572. Até às 22 h; **Lavradio:** J. Consolado, Av. Joaq. J. Fernandes, 17-C, Tel. 2043126. Até às 19 h; **Sesimbra:** Leão, Av. Liberdade, 13, Tel. 2233471. Até às 19 h; **Barreiro:** Ferreira & Pilar, Av. República, 1, Tel. 2072023. Permanente; **Baixa da Banheira:** Aliança, Est. Nacional, 178-B, Tel. 2040302. Até às 19 h; **Corroios:** Abreu Cardoso, B. Cid. Setúbal, 1-B, Tel. 2536172. Até às 19 h; **Amora:** Nova Amorense, EN 10 - Bloco A - Loja A - Paivas, Tel. 2216824. Permanente; **Arrentela:** Ana Branco, Quinta Murtinheira, Tel. 2215590. Até às 22 h; **Montijo:** Moderna, R. Bulhão Pato, 60, Tel. 2310156. Até às 22 h; **Moita:** Silva Rocha, P. República, 16, Tel. 2390029. Até às 19 h; **Alhos Vedros:** Gusmão, R. Cândido Reis, 30, Tel. 2040020. Até às 19 h; **Alcochete:** Gameiro, L. Ant.º Santos Jorge, 15, Tel. 2340100. Até às 19 h; **Setúbal:** Bairros, R. Rodrigues F. Costa, 27, Tel. 23330. Permanente.

CLÍNICA S. JOÃO DE DEUS

MÉDICO DE URGÊNCIA

795 06 80/9

HÁ 20 ANOS

PÁGINA CENTRAL: «MULHERES NA REPARAÇÃO DE ESTRADAS

Diário de Lisboa

Nós e o Mundo

EU SOU O MELHOR LÁ DO MEU BAIRRO...

DESFILE PARA A VITÓRIA NO VIETNAM

Pouco êxito

MEM-MARTINS ESTÁ SEM ÁGUA

SOL DE OUTONO PARA CAMPISTAS

Desfile para a vitória no Vietnam: pouco êxito

Enquanto as manifestações pacifistas, antiguerra do Vietnam, chamam a atenção de dezenas de milhares de pessoas em Washington e figuram na primeira página dos jornais, o desfile para a vitória no Vietnam, organizado ontem pelo pastor Carl McIntire, pregador conservador da extrema direita, foi qualificado pelos observadores de fiasco total.

Mem-Martins está sem água

A localidade de Mem-Martins encontra-se sem água desde ontem de manhã. Durante a semana, o leitor que nos forneceu a informação, já se verificara, por diversas vezes, a grave anomalia.

Sol de Outono para campistas

O acampamento do Outono na Costa da Caparica reuniu este ano, com muito sol à mistura, mais de duas mil pessoas. Provas desportivas, convivio juvenil, música difundida por altifalantes: «Eles não sabem que o sonho / É uma constante da vida...»

EFEMÉRIDES

1907

• Morre em Hamburgo (Alemanha) o compositor português Alfredo Keil, autor da música do hino nacional «A Portuguesa».

1910

• O rei D. Manuel II, de Portugal, foge para Inglaterra, na sequência do despontar da revolução republicana em Lisboa.

• Suicida-se o almirante Cândido dos Reis, um dos chefes da revolta que, no dia seguinte, implantaria a República em Portugal.

1957

• A União Soviética põe em órbita o seu primeiro satélite.

1985

• A organizaçãp fundamentalista islâmica Jihad anuncia a execução do diplomata norte-americano William Buckley, 57 anos, sequestrado em 16 de Março de 1984.

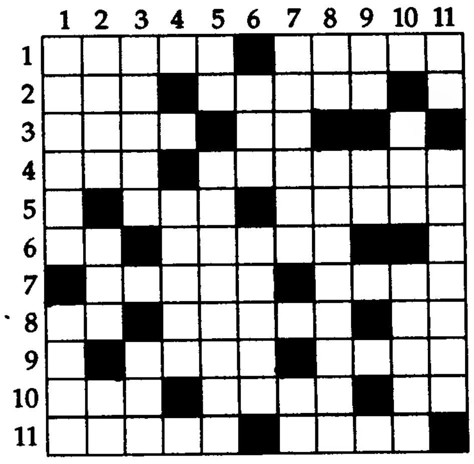
1988

7 O ex-beatle John Lennon recebe, a título póstumo, a «Estrela da Fama», em Hollywood.

1989

• Entra em funcionamento a «Cabopress», a primeira agência noticiosa de Cabo Verde.

PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 18017

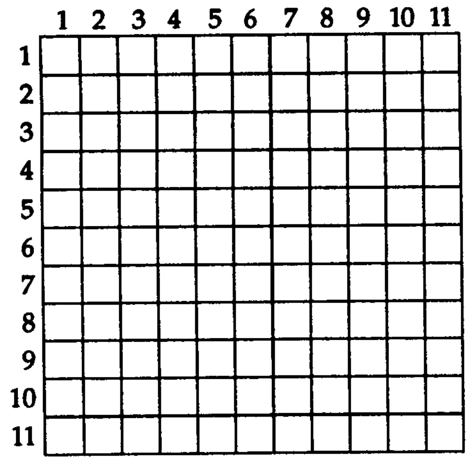
HORIZONTAIS:

1 - Primeiramente. Jumento.
2 - Moeda da Pérsia. Da parte de cá.
3 - Apre! Cidade da antiga Caldeia.
4 - Artilharia antiaérea. Terraço coberto.
5 - Oceano. Pintor francês especialista da pintura religiosa.
6 - Actínio (s.q.). Amilgadura.
7 - Içava. Vimeiro (planta).
8 - Li. Moedas de cobre. Sufixo que designa estado.
9 - Ente imaginário que, segundo a superstição, percorre de noite os brejos sob a forma de um pretinho que usa barrete vermelho. Possuirá.
10 - Fútil. Gorgulho tropical. Pronome pessoal.
11 - Restos mortais. Tosto.

VERTICAIS:

1 - Antiga cidade da Sarmácia. Esperto.
2 - Cidade do Japão. Tomba. Arsénio (s.q.).
3 - Extraem. Solitários.
4 - Dá massagens a (ex-Índia Port.).
5 - Freguesia do concelho de Ponte de Lima. Incitas.
6 - Pronome relativo. Erudito.
7 - Asnos. Batráquio.
8 - Interjeição brasileira que exprime admiração. Fragmentos de ramo de árvores.
9 - Antiga unidade monetária da Alemanha. Duas letras desiguais.
10 - Pronome pessoal. Defunto.
11 - Ósmio (s.q.). Falsificai.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.



PROBLEMA N.º 16827

HORIZONTAIS:

1 - Freguesia do concelho de Vila Nova de Gaia. Depois de Cristo.
2 - Preveniras. Miriare.
3 - Cobalto (s.q.). Esteiros.
4 - Mendigar. Espécie de formiga.
5 - Afecto. Entre os semitas ocidentais, nome dado a Hadad, deus da Atmosfera.
6 - Mover os remos. Homem ilustre pelos seus feitos.
7 - Seduziras.
8 - Messe.
9 - Alumínio (s.q.). Género de formigas em que se inclui a saúva. Boro (s.q.).
10 - Conquisto. Oásis do Sara, ao S. de Gadamês, na Líbia.
11 - Comprometo seriamente. Mestre.

VERTICAIS:

1 - Freguesia do concelho e distrito de Leiria. Fruto da ateira.
2 - Antepassados. Sobrinho de Abraão e pai de Moab e Amon.
3 - Quinhentos e um em romano. Sugas o leite materno. Ruim.
4 - Irritaremos.
5 - Nota musical. Patego.
6 - Vaguear. Oráculo.
7 - Um décimo mês do calendário árabe. Partido socialista fundado em 1952 pelo sírio Michel Aflak e que visa a agrupar todos os países árabes do Oriente Próximo numa só nação.
8 - Pega. Cidade da Ucrânia. Rio da Suíça.
9 - Transpiraras. Basta!
10 - Decímetro. Nome de algumas tribos indígenas do Brasil, em Mato Grosso.
11 - Peça do jogo do xadrez. Génio do mal na mitologia escandinava.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 18 016

HORIZONTAIS: 1 - QUEM. FAZ. O. 2 - Uni. Ois. MAL. 3 - Aarau. Sal. 4 - Lia. Esmar. 5 - Dornas. Ba. 6 - Eca. Dá. 7 - Sa. Carnal. 8 - Pirata. 9 - Erara. Amiga. 10 - Ramal. Der. 11 - Emas. Sacara.
VERTICAIS: 1 - Qual. ESPERE. 2 - Unaí. Caíram. 3 - Eirada. Rama. 4 - Caras. 5 - OUTRO. TAL. 6 - Fi. Ca. 7 - Asseada. Ata. 8 - Assaram. 9 - Mim. Ida. 10 - Ao. Abranger. 11 - Lira. Liara.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16 826

HORIZONTAIS: 1 - Bogalhal. 2 - Riam. AC. Cem. 3 - Irradiaram. 4 - Lori. Amansa. 5 - Ona. Imã. 6 - Altar. Roçar. 7 - Errai. ACE. 8 - Ta. Ae. Aldeã. 9 - ER. Sais. Ari. 10 - Sra. Te. 11 - Assanharia.
VERTICAIS: 1 - Brilhantes. 2 - Oiro. Arrã. 3 - Garrote. As. 4 - Amainaras. 5 - Arreata. 6 - Haia. Ien. 7 - Acamarias. 8 - Ramo. Ga. 9 - Caniçada. 10 - Ems. Acerai. 11 - Im. Arreai.

PROVÉRBIO: QUEM FAZ O MAL, ESPERE OUTRO TAL.

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA 1
Av. Almirante Gago Coutinho
- T. 806496
DIAS DE TEMPESTADE
Filme de Tony Scott
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

ALFA 2
48 HORAS - PARTE II
Filme de Walter Hill
M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 3
DICK TRACY
Filme de Warren Beatty
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 4
OLHA QUEM FALA
Filme de Almy Heckerling
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 5
REGRESSO AO FUTURO - PARTE III
Filme de Robert Zemeckis
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

ALFA CLUBE
Av. Almirante Gago Coutinho
- T. 806496
MO'BETTER BLUES - QUANTO MAIS MELHOR
Filme de Spike Lee
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 1
Shoping Center de Lisboa - T. 691275
DIAS DE TEMPESTADE
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 2
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 13.45, 15.45,
17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 3
48 HORAS - PARTE II
M/16 anos - Às 13.30, 15.30,
17.30, 19.30, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 4
MO' BETTER BLUES - QUANTO MAIS MELHOR
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.30, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 5
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 6
DICK TRACY
M/12 anos - Às 13.45, 15.45,
17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 7
NA CORDA BAMBA
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 8
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
Filme de Joe Dante
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 9
REGRESSO AO FUTURO - PARTE III
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 10
ORQUÍDEA SELVAGEM
Filme de Valman King
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

APOLO 70
Av. Júlio Dinis, 10-A - T. 763319
DICK TRACY
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

BERNA
Av. Marquês de Tomar, 10
- T. 776098
DIAS DE TEMPESTADE
M/12 anos - Às 15.15, 18.00 e 21.30

CINE CAMÕES
R. do Loreto, 15 - T. 324194
OS COMBATENTES DE SHAOLIN
Filme de Run Run Run Shaw
M/18 anos - Às 14.15, 16.30 e 21.30

CINE 222
Av. Praia da Vitória, 37 - T. 8832838
CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30
19.00 e 21.30
A GUERRA DOS ABISMOS
M/18 anos - Às 24.00

CINE PORTELA
ESTÚDIO ANUSHA
T. 9434762
O CADILAC DO AMOR
Filmede Joe Rota
M/ 12 anos - Às 15.30 e 21.30

ESTÚDIO SHEZA
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

CINEBOLSO
R. Actor Taborda, 27 - T. 573407
O MELHOR DE ANDERLYNN
Hard-core - 1.º escalão (porno)
M/18 anos - Às 12.30, 14.30,
16.45, 19.00, 21.30 e 23.30

CINEMATECA PORTUGUESA
R. Barata Salgueiro, 39 - T. 546085
CICLO FEDERICO FELLINI
A CIDADE DAS MULHERES
Às 18,30
O NAVIO
Às 21.30

CITY CINE
R. Tomás Ribeiro, 34 - T. 549999
DICK TRACY
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

CONDES
Av. da Liberdade, 2 - T. 322523
DICK TRACY
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

ESTÚDIO
Al. D. Afonso Henriques, 35 - T. 3525133
ALWAYS - SEMPRE
Filme de Steven Spielberg
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

ESTÚDIO ACS
Av. da Igreja, 17-F - T. 8487255
(Encerrado temporariamente)

FONTE NOVA I
Est. de Benfica 503 - T. 7145088
JACKNIFE
Filme de David Jones
M/16 anos - Às 14.30, 16.45
19.00 e 21.30

FONTE NOVA 2
DICK TRACY
M/12 anos - Às 14.15, 16.30,
18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3
DIAS DE TEMPESTADE
M/12 anos - Às 14.45, 17.00,
19.15 e 21.15

FORUM PICOAS
Av. Fontes Pereira de Melo - T. 541037
AUDITÓRIO 1

SWEETIE
Filme de Jane Campion
M/16 anos - às 14.00, 16.00,
18.00, 20.00 e 22.00

AUDITÓRIO 2

JULES E JIM
Filme de François Truffaut
M/16 anos - Às 14.00, 16.00,
18.00, 20.00 e 22.00

IMPÉRIO
Al. D. Afonso Henriques - T. 3525133
DIAS DE TEMPESTADE
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI
R. Sousa Lopes - T. 8480808
(Encerrado temporariamente)

KING TRIPLEX 1
R. Bulhão Pato, 1-C - T. 8480808
DICK TRACY
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.30 e 21.30

KING TRIPLEX 2
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.30

KING TRIPLEX 3
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.30, 17.00,
19.30 e 21.45

LAS VEGAS 1
Pingo Doce - Alcântara - T. 3631162
DICK TRACY
M/12 anos - Às 15.15, 18.30 e 21.30

LAS VEGAS 2
JACKNIFE
Filme de David Jones
M/16 anos - Às 15.30, 18.45 e 21.45

«Sweetie», de Jane Campion

LONDRES
Av. de Roma, 7-A - T. 801313
JACKINFE
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

MUNDIAL 1
R. Martens Ferrão - T. 538743
DIAS DE TEMPESTADE
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

MUNDIAL 2
DICK TRACY
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

MUNDIAL 3
48 HORAS - PARTE II
M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

NIMAS
Av. 5 de Outubro, 42-B - T. 574362
COOKIE
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

ODEON
R. dos Condes, 4 - T. 326283
O REGRESSO DO EXTERMINADOR
De Vincent Dawn
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

OLIMPIA
Rua dos Condes, 13 - T. 325309
SEXO DIABÓLICO
Filme porno
M/18 anos
Sessões contínuas a partir das 14.00

PLAZA 1
Centro Com. Alvalade
DICK TRACY
M/12 anos - Às 13.45, 16.15,
18.45 e 21.15 e 23.45

PLAZA 2
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 - Às 14.15, 16.45,
19.00, 21.45 e 24.00

POLITEAMA
R. Portas de St.ª Antão - T. 326305
DIAS DE TEMPESTADE
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

QUARTETO 1
R. Flores de Lima, 16 - T. 771378
JACKNIFE
M/12 anos - Às 14.15, 16.15,
18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

QUARTETO 2
ATA-ME
Filme de Pedro Almodover
M/16 anos - Às 14.15, 16.15,
18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

QUARTETO 3
DICK TRACY
M/12 anos - Às 14.15, 16.15,
18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

QUARTETO 4
ENCRUZILHADA DE ILUSÕES
Filme de Alan J. Pakula
M/12 anos - Às 14.15, 16.30,
19.00, 21.45 e 24.00

SÃO JORGE 1
Av. da Liberdade, 175 - T. 579144
DIAS DE TEMPESTADE
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.15

SÃO JORGE 2
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

SÃO JORGE 3
MO'BETTER BLUES - QUANTO MAIS MELHOR
M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

7.ª ARTE
Av. da República - T. 730715
GENTE GIRA É OUTRA COISA
M/6 anos - Às 14.45, 17.00,
19.00 e 21.45

STAR
Av. Guerra Junqueiro, 14-C - T. 804210
DIAS DE TEMPESTADE
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

TEATRO S. LUIZ
Rua António Maria Cardoso - T. 327172
«A FESTA DO CINEMA»
VALMONT
Filme de Milos Forman
M/12 - Às 18.00

TERMINAL
Estação do Rossio - T. 371573
GOLPE DE VINGANÇA
M/16 anos - Às 13.00, 15.00,
17.00, 19.00 e 21.30
Amanhã às 23.45
O VINGADOR DA ESTRADA

TURIM
Est. de Benfica, 723-A - T. 706666
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 15.00, 17.30 e 21.30

XENON
Av. da Liberdade, 9 - T. 3468446
CINEMA PARAÍSO
Filme de Giuseppe Tornatore
M/12 anos - Às 14.15, 16.30,
19.00 e 21.30

ALMADA

ACADEMIA ALMADENSE
Telef. 2752127
UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

COSTA DE CAPARICA
CAPARICA OCEANO
Av.Gen.Humberto Delgado
- T. 2905011

Sala 1
O TRIUNFO DO ESPÍRITO
De Robert M. Young
M/16 anos - Às 15.45 e 21.30

Sala 2
O ANJO DAS SOMBRAS
De William Friedkin
M/16 anos - Às 16.15 e 21.45

O PESCADOR
Telef. 2905360
UM GOLPE DE LOUCOS
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

CASCAIS

CARCAVELOS
ATLÂNTIDA CINE
48 HORAS - PARTE III
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

CASCAIS
MIRAMAR
Sala 1
Telef. 2841769
DICK TRACY
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

Sala 2
DIAS DE TEMPESTADE
M/12 anos - Às 15.15 e 21.30

OXFORD
Av. 25 de Abril - T. 2865027
DIAS DE TEMPESTADE
M/12 - Às 16.00 e 21.30

NOVA OEIRAS
CINE PALMEIRAS
Telef. 2479144
Sala 1
DIAS DE TEMPESTADE
M/12 anos - às 15.15 e 21.30

Sala 2
PARA ÍRIS COM AMOR
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

OEIRAS
ALTO DA BARRA
Av. das Descobertas - T. 4439759
Sala 1

CADILLAC DO AMOR
M/12 anos - Às 15.15 e 21.45

Sala 2
ADEUS AO REI
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

SINTRA

AMADORA
BABILÓNIA
Centro Comercial Babilónia
- T. 4934871
DIAS DE TEMPESTADE
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

CACÉM
ESTÚDIO FLORES
Telef. 9147570
MOMENTO DE JUSTIÇA
M/12 anos - Às 15.00 e 21.30

QUELUZ
KING D. PEDRO III
Telef. 4364845
Sala 1
DICK TRACY
M/12 anos - Às 15.00, 18.00 e 21.15

Sala 2
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 15.15, 18.15 e 21.30

Sala 3
GREMLINS II
- A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.45

LISBOA

TEATROS

Parque Mayer - T. 3466783
De 3ª a sáb. às 20.30 e 22.45
Dom. e Feriados às 16.00 e 21.30
AI CAVAQUINHO

CASA DA COMÉDIA
R. S. Francisco Borja, 25 - T. 607299
Sáb. às 15.30 e 17.00
Dom. às 15.30
A MENINA DO MAR
De Sophia de Mello Brayner

CHAPITÔ
R. Costa do Castelo, 7 - T. 861410
De 3ª a Dom. às 21.30
O PAPÁ NÃO ESTAVA LÁ
De Fernando Gomes

COMUNA
Praça de Espanha - T. 7260818
De 3ª a Sáb. às 21.30
Dom. às 17.00
SALA 1
UM ELÉCTRICO CHAMADO DESEJO
De Tennessee Williams
Em cena até dia 8

SALA NOVA
O ESTRANGEIRO EM CASA
Em cena até dia 8
De Richard Demarcy

CAFÉ TEATRO
Sexta e Sáb. às 24.00
PISCATÓRIA
De António Carvalho

GRUPO DRAMÁTICO RAMIRO JOSÉ
Trav. Henriques Cardoso, 107 - T. 773856
Aos Domingos às 21.00
MATCHES DE IMPROVISAÇÃO E ASSALTOS DE MÁSCARAS
Pelo Meia Preta

MARIA VITÓRIA
Parque Mayer - T. 3461740
De 3ª a Dom. às 20.30 e 22.45.
Domingos e Feriados, também às 16.00
VITÓRIA! VITÓRIA!
De Henrique Santana, Francisco Nicholson,
Augusto Fraga, Nuno Nazareth Fernandes
e Fernando Ribeiro.

RITZ CLUBE
R. da Glória - T. 325140
De 3ª a Sáb. às 21.30
Dom. às 16.00
O BAILE
De Helder Costa

TEATRO ABERTO
P. de Espanha - T. 770969
4ª e 6ª às 21.45, Dom. às 16.00
LOUCOS POR AMOR
De Sam Shepard
5ª e Sáb. às 21.45. Dom. às 16.00
DESEJOS SOB OS ULMEIROS
De Eugéne O'Neill

TEATRO MARIA MATOS
Av. Fr. Miguel Contreiras,52
- T. 897007
De 3ª a Sáb. às 21.30
Dom. às 17.00
VÓRTICE
De Noel Coward

TEATRO NACIONAL D. MARIA II
Praça D. Pedro IV - T. 322210
De 3ª a sáb. às 21.30
Sáb. e Dom. às 16.00
MINETTI
De Thomas Bernhard

TEATRO INFANTIL

TEATRO DA MALAPOSTA
R. Angola - Olival Basto -Odivelas
-T.9873299
Sext. a Sáb. às 21.30
De 2.ª a 5.ª às 11.00
A ILHA DO REI SONO
De Norberto de Ávila, pelo
Grupo de Teatro Almeida Garrett

TIL
R. Leão de Oliveira, 1 - T. 3639974
Sáb. e Dom. às 16.00 e Feriados
FELIZ ANIVERSÁRIO
De Fernando Gomes

ARREDORES

MONTE ESTORIL
TEC
Av. Fausto de Figueiredo - T. 2670320
De 3ª a Sáb. às 21.30
Dom. às 16.00
REI LEAR
De William Shakespeare. Encenação de Carlos Avilez

SNOOPY POR SCHULZ

CARTAZ/TELEVISÃO

HOJE

RTP-1

16.00 - PONTO POR PONTO
16.50 - CIDADES COM METRO
Calcutá surpreendeu o mundo ao construir uma rede de metropolitano antes mesmo de ter um número suficiente de ruas pavimentadas. Equipado com ar condicionado, limpo e cumprindo os horários, o metro desta cidade oferece um marcado contraste com o emaranhado das ruas cheias de gente que se estendem por cima dele.
17.20 - BRINCA BRINCANDO
Os Segredos de Mimix: Super Rato; Tom e o Traquinas; Grupo do Drácula e Caderno Diário.
18.15 - RUA SÉSAMO
18.40 - DIVULGAÇÃO INSTITUCIONAL
18.45 - RODA DA SORTE
(14ª Sessão)
19.20 - BOLETIM AGRÁRIO
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.15 - RODA DE FOGO
74º Episódio
21.10 - DESENHOS ANIMADOS/BOA NOITE
21.20 - EURONICO
Neste programa, Nicolau leva-nos até ao Luxemburgo através do humor e da música.

«Euronico», no 1ºcanal às 21.20

Amanhã, no 2º canal às 12.50, o 3º episódio da série «Armação Ilimitada»

22.20 - CELLINI, UMA VIDA VIOLENTA
O retrato de Benvenuto Cellini, um dos maiores artistas do Renascimento. Cellini violento e terno, humilde e vaidoso, preverso e ingénuo. Um desempenho magistral de Wadck Stanczac, ao lado de Sophie Ward, Ben Kingsley e Mac von Sydow.
23.50 - 24 HORAS
00.20 - O TEMPO
00.30 - REMATE
00.40 - ÚLTIMA SESSÃO - TRACK 29
(Armadilha Sentimental)

RTP-2

14.30 - AGORA, ESCOLHA!
15.50 - AVENTURA
3º Episódio
16.20 - LICEU DEGRASSI
23º Episódio
16.45 - BRINCA BRINCANDO
Com «Crystal Tipps e Allistair» e «Uma Pequena Maravilha»
17.30 - ETERNO FEMININO
14º Episódio
18.30 - O MENINO DOUTOR
15º Programa
18.55 - TI-TI-TI
34º Episódio
19.25 - CIRCO
19.35 - VIA RÁPIDA
19.45 - REGIÕES MAGAZINE
20.45 - DICK TRACY
14º Episódio: Brow e Odias conseguem escapar da prisão estatal e Hemlock Holmes passa por muitas e complicadas experiências antes de os devolver ao «ponto de partida».
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - DRAMAZINE
21.55 - FORA DE JOGO
23.00 - CINECLUBE
«Irmãos Gémeos» (Our Relations) E.U.A. (1936): dois respeitaveis irmãos, o Bucha e o Estica, são ambos casados e cada um deles tem um irmão gémeo que esqueceram há muito e cujo estatuto está longe de ser respeitávl. Quando os dois irmãos gémeos chegam à cidade e os quatro acabam inevitávelmente por se cruzar começam os problemas e as confusões.
Interpretes: Stan Laurel, Oliver Hardy, Betty Healy, Daphine Pollard, Sidney Toler, James Finlayson, Iris Adrian, Lona Andre, Alan Hale, Arthur Houssan, Ralf Harolde, Noel Madison.
Realização: Harry Lachman
Duração: 63 minutos
00.05 - O TEMPO

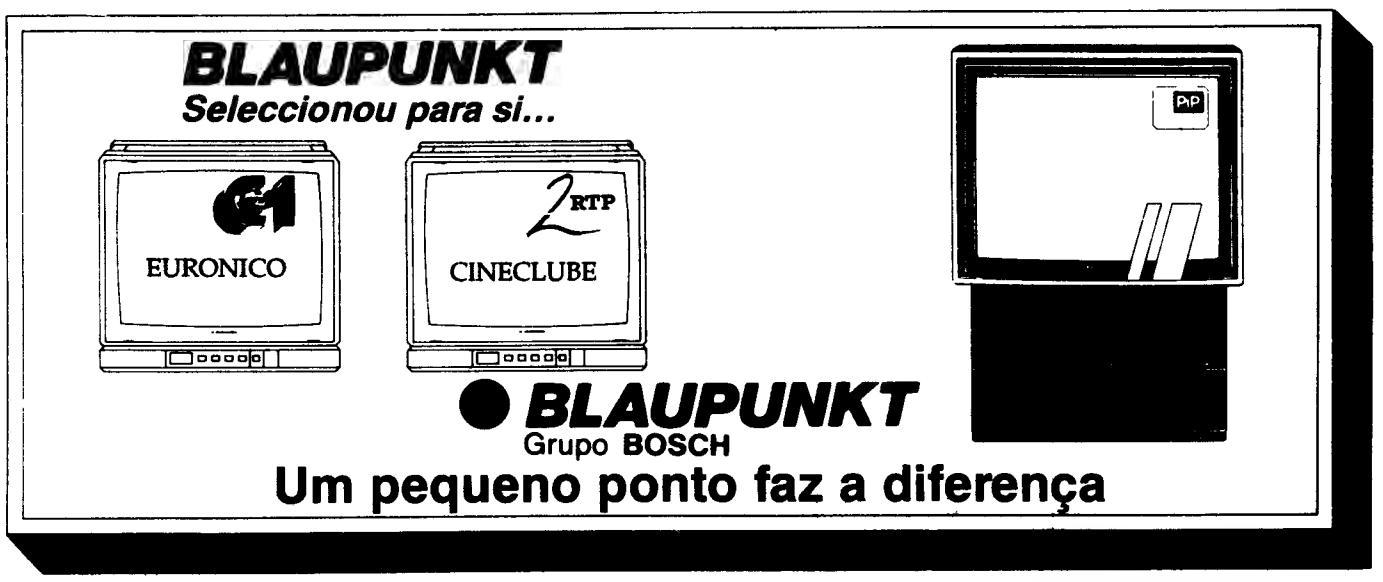
AMANHÃ

RTP-1

09.01 - BOM DIA
10.00 - RUA SÉSAMO
10.30 - PONTO DE ENCONTRO
11.45 - CULINÁRIA
12.05 - A GATA COMEU
13.00 - JORNAL DA TARDE
13.25 - BOLSA DIA A DIA
13.27 - O TEMPO
13.30 - SEM LEGENDAS
14.15 - DIVULGAÇÃO INSTITUCIONAL
14.20 - PRIMEIRA MATINÉE
«Caravans»
16.25 - PONTO POR PONTO
16.55 - OS GRANDES SENHORES
17.20 - BRINCA BRINCANDO
18.15 - RUA SÉSAMO
18.40 - DIVULGAÇÃO INSTITUTCIONAL
18.45 - RODA DA SORTE
19.20 - BOLETIM AGRÁRIO
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.15 - RODA DE FOGO
21.10 - DESENHOS ANIMADOS
21.20 - SESSÃO DA NOITE: «OPERAÇÃO THOR»
«Blue Thunder»
23.40 - CHEFE MAS POUCO
00.10 - 24 HORAS
00.40 - O TEMPO
00.45 - REMATE
01.00 - PELA NOITE DENTRO: «FRIDY'S CURSE«
(Sexta-Feira 13) - 3º Episódio

RTP-2

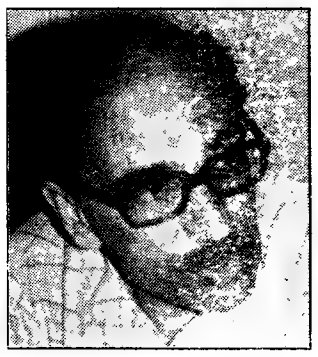
12.02 - O FANTASMA DE FAFFNER HALL
12.25 - FILHOS E FILHAS
12.50 - ARMAÇÃO ILIMITADA
14.00 - PRIMEIRO JORNAL
14.30 - AGORA, ESCOLHA!
15.55 - A GRANDE FENDA
16.50 - BRINCA BRINCANDO
17.30 - O ETERNO FEMININO
18.30 - CHARLOT
18.55 - TI-TI-TI
19.25 - CIRCO
19.35 - VIA RÁPIDA
19.40 - NUNCA MAIS É SÁBADO
20.45 - DICK TRACY
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - A TENDA DOS MILAGRES
22.10 - ROTAÇÕES
23.15 - POP-OFF
23.40 - UM ESPIÃO PERFEITO
00.40 - O TEMPO



«O PSD é um saco de gatos»

Krus Abcasis, «Sábado», 4 Out. 90

A PERGUNTA DO DIA



Jacinto Baptista
jornalista

Que significado tem comemorar, 80 anos depois, o 5 de Outubro?

Quem, como eu, chegou à Ocidental praia em 1926, já depois de aqui implantada uma ditadura militar que não tardaria em anquilosar-se naquilo que foi quase meio século de despotismo pouco esclarecido - eufemismo para fascismo -, o 5 de Outubro tem e terá sempre significado de sinónimo. Sinónimo da situação, retrospectivamente ideada, de liberdade, igualdade e fraternidade postergadas a partir de Maio de 26 e a que se sonhava regressar e a que se regressou (ou se pensou que regressava), a 25 de Abril de 1974, caminhando, como preconizara Raul Proença, para uma sociedade mais avançada e actualizada. A derrocada dos regimes ditatoriais de Leste, vem a propósito ousar dizê-lo, deixa incólume o ideal socialista de que o 5 de Outubro de 1910 em Portugal foi uma preliminar e promissora aproximação. A circunstância de, nestes dias, nos prepararmos para eleger ou reeleger um Presidente da República - e não um chefe de Estado só reinante ou reinadio (isto sem ofensa para alguns reis democratas que tivemos) - corresponde à reafirmação, dentro da lei e no mais elevado escalão político, inultrapassável princípio electivo que o regime entre nós inaugurado em 5 de Outubro de 1910 consagrou, esperemos que por muitos e dilatados anos.

Segunda-feira no

Diário de Lisboa

O novo livro de Oriana Fallaci

007: Ordem para jogar no Estoril

ENTREVISTA

Entrevistar Graça Lobo é um espectáculo. É uma aventura. É como ir ao teatro, pois trata-se de uma mulher que difilcilmente abandona o seu estatuto de actriz, mesmo fora dos palcos. Uma «mulher-actriz», como se define a si própria

Apaixonada e independente

«DL» - O que é que lhe despertou o interesse na peça «O Vórtice», de Noel Coward?

Graça Lobo - É uma peça que eu conheço há muitos anos, de um autor que eu adoro. Acontece que o meu cenógrafo já há bastante tempo me perguntava porque é que eu não fazia esta peça; dizia-me que eu devia fazê-la. Pronto, eu escolhi-a para esta temporada.

«DL» - A personagem que interpreta tem alguma coisa a ver com a Graça Lobo?

G.L. - Tem uma coisa fundamental que é, aliás, o tema fulcral da peça, que ao princípio é tratado na brincadeira e no final de uma forma mais séria. Trata-se de uma alta comédia, não de uma comédia. O tema central da obra é a incapacidade da mulher encarar e aceitar o seu próprio envelhecimento físico. Isso pode eventualmente ter a ver comigo. O que eu estou a dizer é grave... (risos). Eu posso também, como aquela que eu represento todas as noites no palco, não ter essa enorme sabedoria, não saber aceitar o tempo que passa, essa enorme injustiça... É muito difícil uma actriz encarar a decadência física, sobretudo quando não se foi de todo horrível fisicamente. Ou, sobretudo, quando ainda se é qualquer coisa de atraente. É díficil...

«DL» - Já tem projectos futuros?

G.L. - Já! Já! Mas eu dependo da SEC porque a lei do Mecenato não serve literalmente para nada. Dependo também do dinheiro que vou buscar aos bancos,a juros, e obviamente da bilheteira que, aqui, não está a ser nada má. Estou contente, mas isto tem que esgotar para eu não ir parar às «Mónicas»... Vamos sair daqui do Maria Matos a 4 de Novembro e tenho que arranjar outro teatro para continuar com esta peça e não sei qual! Vocês, se lerem esta entrevista, ajudem-me!

«DL» - Recolhi alguns qualificativos com que a costumam caracterizar. Controversa, independente, apaixonada, provocadora, directa, alegre. Quer comentar?

G.L. - Controversa... Se você o diz, então é porque para si sou. Independente, absolutamente. Apaixonada, completamente. Esse é o meu grande problema, grave, gravíssimo. Provocadora? Não. Ouça, eu com a minha idade faço um nu no final do espectáculo. Temos que concordar que já não tenho idade para isso. Isso pode ser tomado como uma provocação. Agora, é tão bonito... Os meus actores que estão nos bastidores vão ver sempre aquela última cena. Sempre. E todas as noites choram... isto é um grande privilégio. É talvez uma ousadia, não uma provocação. Eu joguei tudo ali. Podia ter terminado como actriz se o público se risse nessa altura. Nunca mais pisava um palco. Neste momento da minha vida - e tudo isto tem a ver com as mudanças na vida das pessoas - eu jogo tudo. Sou directa. Sou alegre, passo a vida a rir, quero que os outros se riam, odeio tristezas.

«DL» - Considera-se uma estrela?

G.L. - Que disparate!! Sou uma actriz humílima. Que horror! Fico indignadíssima!

«DL» - Em poucas palavras, quem é a Graça Lobo?

G.L. - Sou uma actriz e sou uma mulher. Um bocado solitária. Um bocado apaixonada... Olhe, também sou uma mãe, pronto! Ah! e sou uma amiga. Sou essencialmente uma actriz-mulher. E sempre, nos meus espectáculos, a mulher sai a ganhar. Isso para mim é importante porque eu tenho mais respeito pelas mulheres do que pelos homens. Eu não sou homossexual, gosto imenso de homens! (risos) Adoro-os! Imenso!

Tenho fama de ser «vamp», sedutora, essas «gaitas» todas... andar bem vestida, não é? Tenho essa fama, pronto, a fama...que depois não corresponde àquilo que vocês todos julgam (gargalhada).

«DL» - A Graça Lobo entrevistou Kenneth Branagh para um semanário. Na entrada da entrevista lia-se qualquer coisa como isto: «A maior actriz portuguesa frentre ao maior actor inglês». É, de facto, a maior actriz portuguesa?

G.L. - Que disparate!!! Claro que não acredita que fosse eu a escrever aquela entrada. A maior actriz portuguesa é a Eunice Munoz: é evidente, é óbvio, não há qualquer espécie de contestação.

Mário Rocha

CRÓNICA

Maria Rosa

- Penalty! - assinalou o árbitro.

O guarda-redes, atento no centro da baliza, não tirava os olhos do esférico. Tentava adivinhar as intenções do jogador contrário, o momento preciso do apito do árbitro, até a respiração das bancadas em silêncio...

De súbito, ficou coberto de suores frios: a bola, ali a escassos metros, transformou-se no rosto de Maria Rosa, os olhos azuis fitando-o, o cabelo curtinho azul e preto, os lábios tremidos de choro - e aquele narizito que tantas vezes ele mordera em brincadeiras sem fim.

«Querida filhota!» - suspirou o guarda-redes, os olhos na bola cada vez menos bola, Maria Rosa atropelada, envolvida por ligaduras, numa cama de hospital.

- Estado grave... - dissera um médico da Urgência.

O guarda-redes fechou momentâneamente os olhos, sacudindo de leve a cabeça, afastando recordações, os olhos agora na bola só bola. «Se defender, se a bola vier às minhas mãos - disse para si, os dentes cerrados -, a minha querida escapa! Se eu não defender... se eu não defender... se eu não...»

O esférico partiu como um tiro, meia multidão («Goolo!») ergueu-se alterosa - e o guarda-redes, em terra, caído, chorava Maria Rosa.

Pedro Alvim

Amanhã, por ser feriado, nacional, estarão encerrados todos os serviços do «Diário de Lisboa», pelo que só voltaremos ao contacto com os leitores na próxima segunda-feira.

LOTARIA NACIONAL

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL

1.º Prémio
9 392
100 000 contos
2.º Prémio
64 817
12 000 contos
3.º Prémio
58 512
3 000 contos

«SORTE GRANDE»
100 000 CONTOS
Vendida hoje
aos BALCÕES da
CASA DA SORTE
LISBOA • BRAGA • PORTO • AVEIRO • VISEU • COIMBRA • SETÚBAL • FARO

LOTARIA EUROPEIA
1.º Prémio Europeu + 1.º Prémio Nacional
840 000 CONTOS
Bilhete 11 000$00
Fracção 1 100$00
CASA VIOLA — A sorte que «Toca»
LISBOA • BRAGA • ESTORIL • VISEU • PORTIMÃO • SETÚBAL
Correio: para apartado 2561 1114 Lisboa Codex

SUPLEMENTO LITERÁRIO

SUPLEMENTO DAS QUINTAS-FEIRAS DO Diário de Lisboa 4 DE OUTUBRO DE 1990 NÃO SE PODE VENDER EM SEPARADO

Arte Postal, de Fernando Guerreiro, e homenagem a Michel Leiris, págs. 2 e 3;

Unamuno e Acabados de chegar, pág .4

SOB O SIGNO DO DESAFIO

Esta novela (ou curto romance), já póstuma, de Nuno Bragança, intriga-nos, após a primeira leitura voraz e fascinada, pelo título enigmático. *Do Fim do Mundo* figura na narrativa como sendo o nome de uma *boîte* da linha do Estoril onde Túlio pescou uma noite o adolescente Luciano saturado de álcool.

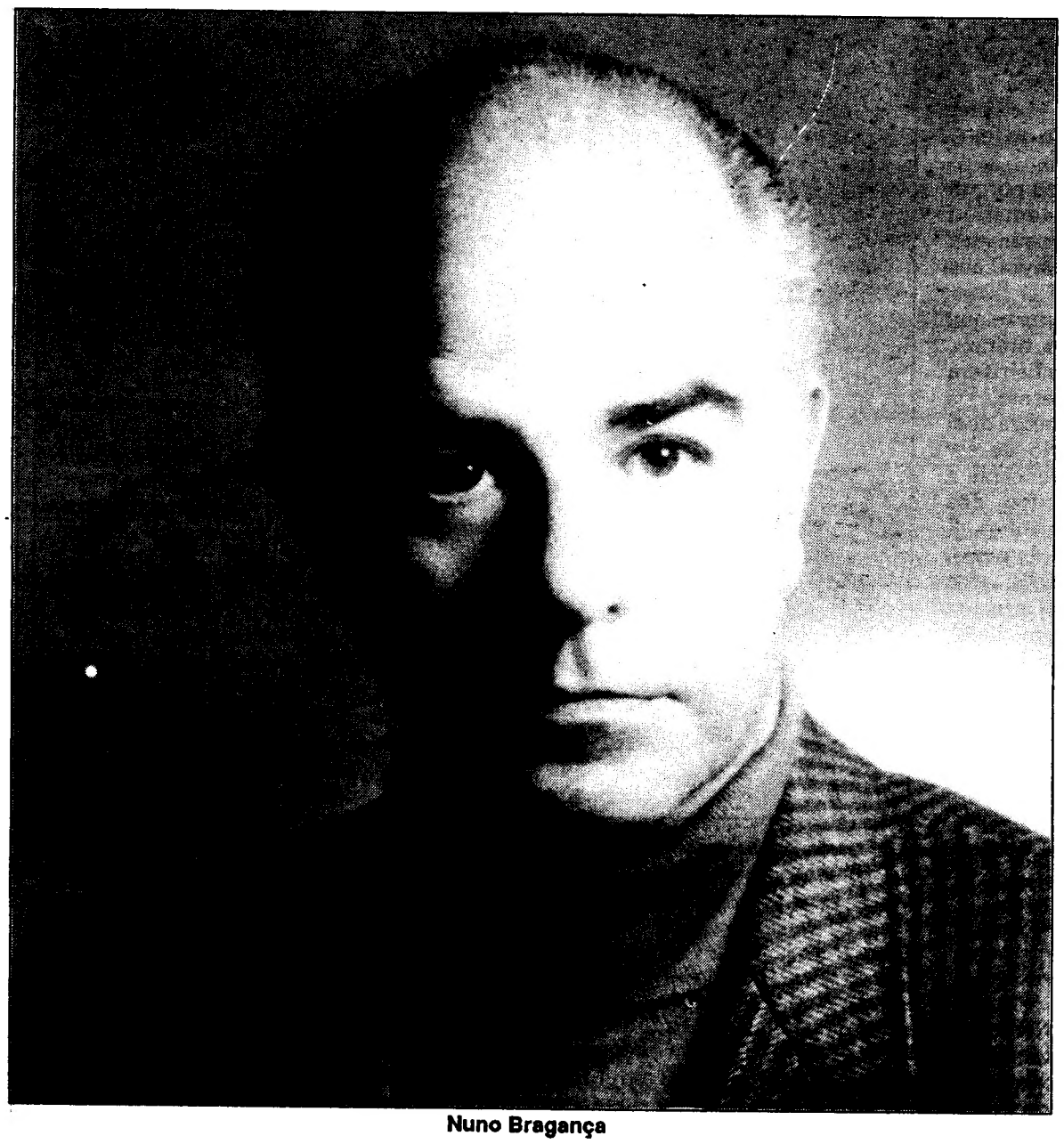
Porquê *Do Fim do Mundo?* Trata-se do termo pessoal do microcosmo, do pequeno mundo que é todo o ser humano? O médico radiologista, o boémio tranquilo, o agitador de situações e de frases, o provocador nato e treinado que é Túlio Gomes Vítor, ao separar-se de Vera, parece encontrar-se numa linha limite, ou divisória, da trajectória que riscou na Terra.

Rompendo com a mulher, amante e cúmplice de uma existência vivida até então como aventura permanente, infracção, desafio às convenções e ao discurso dos outros, Túlio dará o salto sem rede desse trapézio já conhecido para o território da pacífica mulher jovem do comboio, aquela que apenas sorri e faz *tricot*, ou (segundo a minha leitura) a Parca que fia serenamente a vida já decidida do herói.

Seria então a Morte essa sua projectada nova relação monogâmica, a única possível depois de Vera?

Se aceitarmos esta descodificação da novela, teremos de admitir que, como sempre, Nuno Bragança nos propõe um percurso aparentemente linear, que parece bastar-se, mas que está todo ele balizado por marcas simbólicas.

Aliás, o texto, que da primeira à última página é envolvente, no seu estilo seco, irónico, cheio de achados verbais e distorções de sentido, apresenta outras possíveis pistas de leitura. Uma delas, que vem em reforço da hipótese adiantada, refere-se à «iluminação» daquela noite de estúrdia em sevilha durante a qual Túlio se deu conta da sua «condenação» à morte, isto é, da irremissível natureza mortal de todo o ser humano. Outra — e essa mais perturbante — refere-se ao carácter cíclico da existência, ao aprender a «mudar de idades», salto qualitativo no qual (diz Túlio a Luciano) Vera seria incapaz de o acompanhar.



Nuno Bragança

Vera é o esplendor do corpo e a mais perfeita encarnação do desafio aos deuses e do permanente desfeitar dos parceiros do jogo da vida. Visitante de catedrais e de bordéis, ao lado de Túlio, agressora de distinções sociais, de automobilistas suecos ou conquistadores autóctones, de chulos e putas do Cais do Sodré, encontra o seu melhor aliado em Luciano, como ela nimbado de pura revolta e imaturo.

Luciano, o adolescente, que descende em linha recta dos filhos-família trágicos e truões de *A Noite e o Riso*, passeando a sua macilenta solidão por lugares de copos e brigas, apaixonado pela loucura de Vera até ao paroxismo e ao embevecimento, por ela se faz esmurrar e para ela filosofa. E aqui surge a segunda alusão ao Fim do Mundo, mas como «ventre da Terra», local de origem dos que sobem do centro da Terra para o centro do Céu, ou seja, dos que têm a raiz na História, dos que trazem consigo o sinal da grandeza («trazem colado às tripas tudo o que de grandemente medonho e aparentemente louco tem sido a vida no planeta»). Luciano termina o seu exórdio nocturno, à beira do Tejo, Dizendo: «É que do Fim do Mundo vem um apelo ao rejuvenescimento».

É afinal o mesmo clima, ou antes, o mesmo *modus vivendi* do casal quando planeia as próximas férias no Líbano a altas horas já dentro do mar do Guincho, onde vão, iniciaticamente, ser arremessados às rochas por vagas alterosas, no escuro, entre espuma e sangue, até caírem, exaustos, na areia molhada da praia. Cena prodigiosa de exaltação e luta, em que vida e morte quase se tocam para se distanciarem de novo e onde Túlio e Vera, criaturas expostas, feridas, ora submersas ora na crista das ondas, são quase os protagonistas de um sacrifício cósmico em que tomam a medida não só do oceano, mas do próprio corpo.

O que não impede que, ultrapassado o perigo, dele trocem, rindo, como de todas as santas coisas do universo.

Não chega a novela às cem páginas e, contudo, li-a, releio-a, como, se, de certo modo, ela fosse o testamento secreto, ou sibilino, do Nuno Bragança.

Urbano Tavares Rodrigues

*Nuno Bragança, **Do Fim do Mundo**, Editora O Jornal, Lisboa, 1990*

Leituras e ideias

COMO VAI A FAMÍLIA?

É comum ouvir-se falar do carácter natural da família baseada em ncessidades de reprodução da espécie, da criação e educação dos filhos e de expressão da sexualidade. Esta concepção popular não pressupõe uma variedade de formas e tipos de organização familiar mas, é uma concepção etnocêntrica, simultaneamente universal, em que todos os membros de um grupo humano crêem que os seus valores e instituições são resultantes imediatos de leis da natureza, não admitindo a possibilidade da existência de outras.

O termo família derivou de *famulus*, termo latino, significando o conjunto de escravos e criados que viviam sob o mesmo tecto. Mais tarde, passou a designar o conjunto de pessoas — mulheres, crianças, criados — sob a autoridade do *pater familias*.

Entre os hebreus dos tempos bíblicos, significava a «casa do pai» sendo este um mestre, um *ba'al*. Na verdade a família era um grupo de homens unidos por

continua na pàg.2

literário

Michel Leiris

O ESPÍRITO AGLUTINADOR

Ele foi um surrealista dos primeiros tempos, e amigo e colaborador de Sartre, Bataille e Picasso, e autor também de «Idade do Homem». Nome: Michel Leiris, agora desaparecido aos 89 anos.

Viveu, por assim dizer, o século XX todo, uma vez que nasceu em 1901, e foi publicando títulos (para além do já mencionado) que chegaram às mãos de leitores exigentes: «Simulacre», «Le Point Cardinal», «Aurora», «La Règle du Jeu», etc.

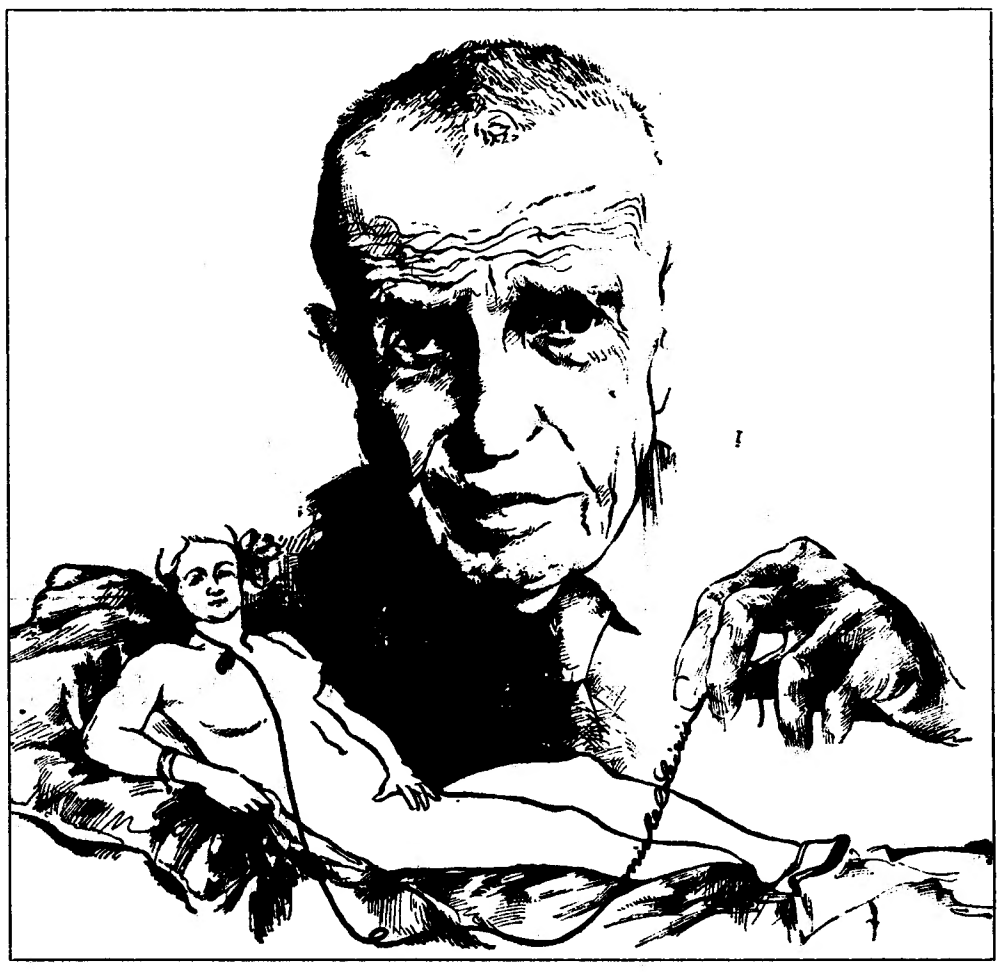
Leitores exigentes, sim - e isso porque era um escritor que se refugiava em si, ou melhor, que fugia a determinadas "tertúlias", à confusão da palavra, aos elogios fáceis.

Quer os que o conheceram, quer os que se debruçaram sobre a sua obra, tiraram, limpidamente, uma conclusão: Leiris era um homem à procura de si mesmo.

Que se note o seguinte - à procura de si mesmo até pelo simples facto de ser etnólogo, o que o levava a encarar a actividade de escritor dentro dos parâmetros da actividade científica. É precisamente na «Idade do Homem», livro aparecido em 1939, que Michel Leiris inicia a procura de si mesmo, procura que culmina em «La Règle du Jeu» (1948), quatro volumes em que, segundo a sua óptica, é exposta a verdade que rege o Universo.

Data de 1988 a sua última obra, «À Cor et à Cri» - e refira-se, por fim, a sua colaboração estreita com Jean-Paul Sartre, com quem fundou a célebre revista *Les Temps Modernes*. Escritor, poeta e ensaísta, Michel também se deu ao teatro («O desejo agarrado pelo rabo», texto de Picasso) - e aí o temos a convidar Albert Camus para a encenação, contracenando na peça Leiris e sua mulher Louise, Sartre, Beauvoir, Queneau, etc. Já agora: entre os convidados, assistiram à representação Bracque, Lacan e Éluard...

Aqui (neste passo da vida de Leiris) algo importante se impõe á nossa consideração: como homem universal, nada mais, nada menos do que o seu espírito aglutinador.



Arte postal

O FU

Primeira pergunta a fazer: de que se foge realmente? Do cenário, de si próprio, do real ou da sua Representação — da *imagem?*

Se repararmos bem na foto, esta representa-se, antes de mais, como um inventário de *contradições.*

Primeiro, de *espaços:* entre a dimensão vertical/alta, a que corresponde um céu (horizonte) relativamente aberto e claro e uma sua secante horizontal e baixa, mais escura e suja, compacta e atulhada. Resultado deste primeiro confronto: abre-se um espaço à *boca de cena*, à frente, enquanto o «plano de trás», devido a essa correcção do ponto de vista para baixo, fica amachucado, assemelhando-se ao «pano de um cenário».

Mas também do tipo de *ocupação* do «espaço» (assim como, aí, da *construção paisagística/urbana):* o contraste, aqui, coloca-se entre os prédios de andares (mais modernos e altos) ao fundo (integrando a natureza e procurando resolver a questão paisagística e urbana) e as casas rasas, mais próximas, que, através da sua dimensão suburbana, sinalizam, pelo contrário, a inarticulação (representativa e complexual) do «espaço».

Em 3.º lugar, manifesta-se uma cisão/divergência do *estado das coisas*, presente, em particular, no diferente estatuto dos «monumentos»: uns, dir-se-ia, simultaneamente intocáveis e inteiros, os outros dados já em situação de desagregação, deteriorados.

Por fim, haveria que referir o próprio momento da *acção* assim, enquanto as figuras do 2.º plano quase que se imobilizam numa estranha quietude, do fundo destaca-se uma primeira figura que se precipita percorrida por uma acção

COMO VAI A FAMÍLIA?

continuação da pág. 1

laços de consanguinidade, a um ancestral. Para além de grupo familiar era também uma unidade política, religiosa e militar com as suas próprias cerimónias — um clã. As actividades, estatutos e direitos eram desiguais consoante o sexo de cada membro.

Na Europa medieval, do século IX ao XIII, havia basicamente dois tipos de família diferentes, uma semelhante à romana, outra à germânica. Antes de mais, a família são os que vivem em conjunto — «do mesmo pão e da mesma panela» — noção herdada da cultura germânica. A integração do grupo fazia-se em torno da terra, um bem comum que não podia ser vendido nem dividido, o qual não era propriamente de ninguém. O grupo familiar era toda uma comunidade, na qual se integravam os descendentes e colaterais, unindo homens e mulheres, numa solidariedade de grupo que se exprimia por uma entreajuda e reciprocidade de direitos e deveres, advindo de uma comunidade de interesses. Homens e mulheres usufruíam de direitos mais semelhantes do que na sociedade romana.

Na nossa sociedade urbana, apesar de haver grandes diferenças consoante as regiões e os grupos sociais, a família é equacionada segundo os interesses próprios dos seus membros. Isto é, cada vez é menos vista como um grupo integrado, ou como uma estrutura extensa de relações consanguíneas mas como um conjunto de relações, em que a autonomia da pessoa, tanto como a liberdade pessoal e a igualdade de direitos entre os sexos, são expressões de individualismo.

Poderíamos citar múltiplos exemplos, mas algo que temos de reter é que sob a denominação de «família» encontramos uma grande diversidade de modos de organização. A família é um dado universal, no sentido em que todas as sociedades têm uma instituição que desempenha as funções económicas de produção e consumo, de exercício de sexualidade entre parceiros socialmente reconhecidos, em que a reprodução biológica, criação e socialização dos filhos tem lugar. Desta forma reconhecemos universalmente a existência de um estatuto matrimonial legal que regulamenta o exercício, socialmente sancionado, da sexualidade entre dois dos seus membros através de um conjunto de prescrições e proibições.

Apesar de ouvirmos várias vezes, nos nossos dias que «é o casamento que faz a família» não podemos atribuir-lhe uma prioridade determinante. É o conjunto das relações que constitui a noção de família e não uma relação em si mesma.

A relação conjugal é o resultado de diferenciações sociais e culturais entre categorias de pessoas a que se atribuem actividades diferentes. Mesmo quando o casamento é definido como a «união de um homem e de uma mulher», há um carácter ligado à definição que situa as pessoas num quadro multidimensional. Em todas as sociedades, o termo «casamento» tem uma diversidade de consequências, todas ligadas aos aspectos sociais dos comportamentos, tendo como função integrar homens e mulheres, na totalidade das normas em vigor num sistema social.

A escolha «mútua e livre» no casamento, como é o nosso, parece só existir entre grupos e sociedades, que por várias razões, não se preocupam com as eventuais consequências da criação de uma nova «relação conjugal» para o conjunto da organização social. Esta forma, torna-se só possível quando a sociedade se organizou segundo outros modos que não aquele dos sistemas de parentesco, isto é, quando o cônjuge não obedece a uma pré-escolha em termos de filiação social.

Mas, este tipo de não determinismo no casamento não é assim tão aleatório como parece, pois para além de obedecer à lei da exogamia, podemos encontrar determinantes sociais, como a educação, a frequência de contactos, a segregação social entre classes, a aparência, a religião, a idade, etc... Em resumo, o que mais directamente influencia o casamento e a relação conjugal, nas sociedades em que existe «o amor romântico», são os processos que determinam as posições individuais respectivas do homem e da mulher, na rede de relações sociais.

A noção de amor implica não só uma noção de pessoa como objecto de amor mas também uma definição da reciprocidade amorosa. Emerge ao nível da mentalidade ocidental com a descoberta do outro como finalidade nas relações homem/mulher. Esta noção altera-se com as transformações das posições respectivas dos homens e mulheres em cada sociedade. Há uma forma de amor para cada sistema social e para cada época. Portanto, na medida em que existe uma evolução geral dos sistemas sociais, as formas de casamento e de relações conjugais seguem a evolução das formas de reciprocidade social, apesar da especificidade de existência de uma diferenciação sexual. No entanto, as mudanças na nossa sociedade contemporânea transformaram apenas

literário

FUGITIVO

zer: nte? rio, sua da

n na nais,

nsão céu laro ixa, ada. bre- nte, lo a para ado-

o do ução qui, ares ndo ndo na) que, na, ção do

ão/ nte, dos ia, ros, de

rio as se do ura ção

desorbitada (e «inquieta»).

Dessa multiplicidade de casos de contradição/ruptura — que nos transmitem o quadro geral de Representação do real — emergem, contudo, com certa visibilidade, dois *sinais críticos*.

Antes de mais, à frente, o pequeno *monte de pedras* no solo: Significante simplificado e reduzido do processo de explosão (e de desagregação) do conjunto, mas também o seu vestígio terminal e último. Ao mesmo tempo, o seu «resto» e o seu «depósito»: afinal, o «resto» (dejecto) de qualquer economia de conservação (e de equilíbrio).

Segundo sinal (agora um significante à solta, perdido), a figura que corre para o primeiro plano (e nessa medida o constitui) *em fuga*.

Não uma figura «natural» (ou «neutra»: qualquer figura) mas uma figura duplamente marcada (ao contrário das outras, esta usa sobre a camisa um colete-protector), cuja sobresignificação se fixa emblematicamente na *máscara*.

Se aceitarmos que essa figura vem no *lugar do espectador*, talvez se possa afirmar que ela não só indicia o seu *lugar crítico* (constituindo, deste modo, um sintoma da crise de Representação e do lugar em que nela o Sujeito se projecta/espelha, fixa e identifica), como a tendência dos mecanismos de implosão da Representação — uma vez accionados (em qualquer *countdown* bélico irreversível) — para de si excluirem/expelirem, com o Sujeito (o «espectador»), a própria dimensão do *figurativo* (a sua recondução antropomórfica, em última instância, à «figura»).

O Sujeito, se foge, é do *lugar* (do «teatro»: de «operações»/de «guerra») da Representação. Das suas «contradições» (tensões: insolúveis), assim como dos seus «limites» (aqui, a *barreira* rasa, simbólica, que separa o cenário da Representação da sua «boca-de-cena», para onde corre, *em aberto*, a figura).

No entanto, *expelido da/ pela Representação* (e do «real» que como in-figurável excesso já a des-estrutura), o Sujeito autoprojecta para diante a fatalidade (ou a impossibilidade) histórica (e «teórica») do seu *ponto de fuga*.

Daí essa paradoxal (dupla) situação de *crise: fuga* e de *ruptura: abertura* que, mascarado, o «fugitivo» (ou o «invasor»?) figura.

Sob a sua *máscara*, nesta figura-suporte do Sujeito e da condição do «espectador» condensar-se-iam referências a três situações originárias e míticas («limite»): a da *Esfinge* (relacionável com o carácter emblemático do «enigma»), a de *Édipo* (com o olhar-vago que o situa) e a de *Dionísios* (o princípio da «máscara» assumido na corrida).

Deste modo, ao mesmo tempo que «foge» (ou desse «espaço» é expelida), a figura *constrói* o problema da Representação e nesse momento de «crise», de dilaceramento extremo, indicia-o e figura-o.

Se a quisermos fixar no Mito, a essa figura — confrontada com os seus «limites» (dada entre a catástrofe e a transgressão da Representação: no seu limite) —, mais do que o lugar (nosltálgico, saudosista) de Eurídice, corresponderia o de um *Orfeu já prevenido* que, na sua «máscara» (também antropomaica, ofensiva — para lá de constituir a marca de um «interdito»), traz escrito quer o *destino* trágico da Representação (a *perda* do Outro: de Eurídice/do Mundo), quer o *desvio* (bem sucedido: seja através da «fuga» ou da «investida») do seu *luto*.

Fernando Guerreiro

(*) Foto recente de John Tordai (Camera Press/ADS), na Palestina. Rajadas musicais dos *Big Audio Dynamite (Megatop Phoenix)*, de *Joe Strummer (Earthquake wheater)* e dos *Clash* («Spanish Bombs», de *London Calling*, praticamente todo o *Combat Rock* e, sobretudo, *Sandinista*).

A?

à lei trar ção, ção ção, nais o e a que os ções e da

uma mor da ível a nas ção das s e uma ial e lida dos nto ção esar uma as ade nas

parcialmente a subordinação da mulher ao homem. Para que algo mais mudasse, implicaria suprimir o contrato mútuo de sustento baseado na repartição sexual das tarefas, reconhecer em termos de interesse, a igualdade dos sexos, que a reprodução e a socialização das crianças fossem valorizadas e da responsabilidade de toda a sociedade, como o é a produção económica.

Hoje, o destino da família é complexo e ambíguo. Por um lado, a instituição familiar está constantemente a ser posta em causa em nome da liberdade individual; por outro lado, procura-se substituir a segurança do grupo familiar tradicional por novos modos de afectividade e de amor. No entanto, esta procura de novas formas deafectividade, fundamento da nova legimtidade da família, ainda não definiu o que deve ser o comportamento entre sexos, entre gerações e entre as pessoas constituintes de uma rede de relações familiares. Isso passará, talvez, como Frrançoise Heritier diz por «*Modificar os termos de filiação (e com isto modificar o estatuto da propriedade e da herança), modificar a relação de poder entre os sexos, suprimir a repartição sexual das tarefas, assacar a toda a sociedade o encargo económico da reprodução e da produção, transformar radicalmente as tramas de educação das crianças, atentar contra as ideias vigentes de toda a espécie que fundamentam na natureza, as desigualdades: são estas as condições da morte da família na sua forma actual.*»

Espectadores e produtores do final deste milénio, participamos na construção de uma nova legitimidade a partir de dois pontos: a ciência e o amor. Se na ciência e na tecnologia tentamos ultrapassar os limites da nossa condição humana; no amor, tentamos encontrar a experiência fundamental da nossa existência. Só o amor é sentido como a experiência autêntica da vida familiar.

Em definitivo, que a nova concepção de família não seja um constrangimento mas um conjunto de relações humanas. O que muitos chamaram de «crise da família», em virtude da emergência de uma nova legitimidade, pelo contrário, é uma nova qualidade de efectividade e de moralidade, que nasce da relação humana. É a substituição do conceito de mal pelo de erro, do conceito de autoridade pelo de amor.

Françoise Hértier et al, **O Parentesco**, Enciclopédia Einaudi n.º 20, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1990, 246 págs., tradução Magda B. Figueiredo et al)

Paulo Casimiro

BOLETIM DE ASSINATURA

ASSINE O Diário de Lisboa

NÃO PERCA NENHUMA EDIÇÃO!*

Pretendo assinar a partir do dia ___/___/___ Pelo período de

1 ANO — 18 000$00
6 MESES — 9 000$00
3 MESES — 4 500$00
1 MÊS — 1 500$00

Nome _____

Morada _____

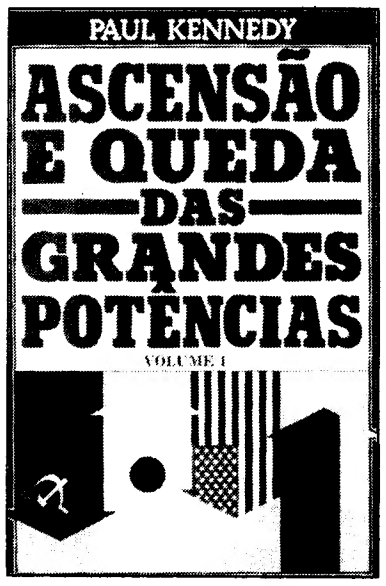
Código Postal _____

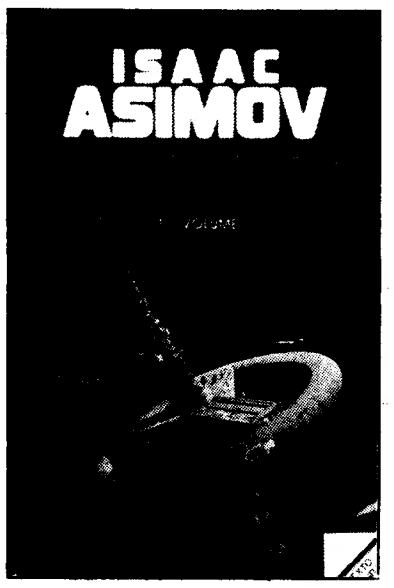
Junto envio ☐ cheque vale do correio

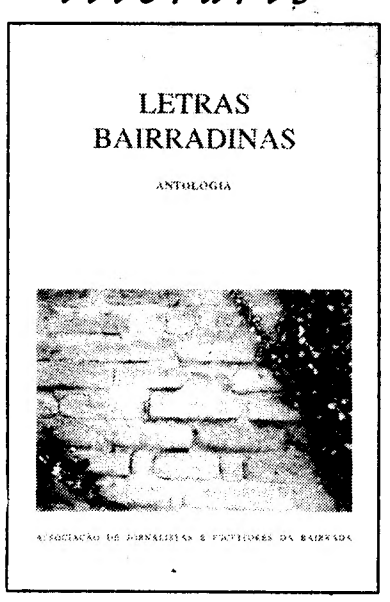
• Números atrasados: 70$00 cada • Mudança de endereço: 150$00 • Por períodos mínimos de 6 meses poderá também assinar o «Diário de Lisboa» uma vez por semana, embora sempre a edição do mesmo dia da semana, sendo, para esse período, o preço de 1 850$00. • **Informação ao assinante:** os preços acima indicados levam em conta que o jornal beneficia do porte pago postal no território nacinal até 100 gramas, pelo que os encargos postais ali incluídos são apenas os do excesso de peso que todos os dias existe. Se por algum motivo este benefício for retirado, aqueles preços terão de ser imediatamente alterados em conformidade

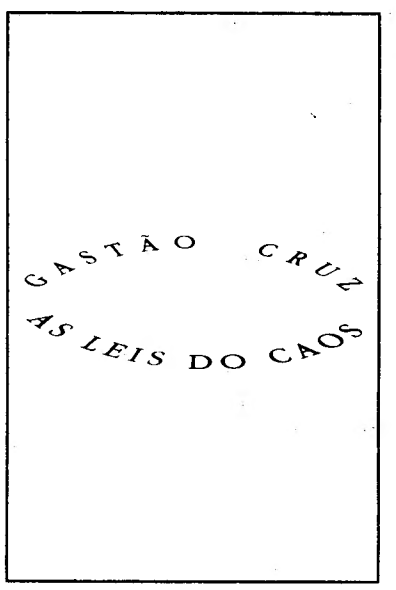
Enviar para: DIÁRIO DE LISBOA — Assinaturas
Rua Luz Soriano, 44 — 1200 LISBOA

literário









ACABADOS DE CHEGAR

Ascenção e Queda das Grandes Potências
Paul Kennedy
Pub. Europa-América

Poderá existir uma relação de causalidade entre a expansão económica e o poder político e, na razão inversa, entre o declínio económico e a perda da supremacia política? - É a partir desta interrogação que Paul Kennedy elabora a sua obra (de que este livro é o primeiro), desde logo tirando uma conclusão pertinente: «A sociedade do futuro será a que mais invista na educação.» Numa introdução bem estruturada, o autor acentua que «Este é um livro sobre o poder nacional e internacional no período *moderno* - isto é, pós renascentista. Procura esboçar e explicar a maneira como várias grandes potências ascenderam e entraram em declínio, umas em relação às outras, nos últimos cinco séculos, a partir da formação das novas monarquias da Europa Ocidental e do início do sistema político global e transoceânico...» Partes do livro: Estratégia e Economia no Mundo Pré-Industrial, Economia e Estratégia na Era Industrial, Mapas, Quadros e Gráficos. - Tradução de Teresa Gonzalez.

Nove Amanhãs
Isaac Asimov
Pub. Europa-América

É o primeiro volume de uma série de Isaac Asimov, conhecido autor de ficção científica. Pergunta o escritor: «Sabem o que Espaciolina? Se já viajaram pelo espaço, com certeza que sabem. Toda a gente precisa de Espaciolina nas primeiras viagens espaciais, e até há quem precise dela nas outras. Sem ela, sentem-se vertigens, terrores e psicoses. Com ela, não há nada. E não cria habituação nem tem efeitos secundários nocivos. A Espaciolina é ideal, essencial e insubstituível.» Para completa identificação: para além do título acima mencionado, também um título secundário: «Contos do Futuro Próximo». - Tradução de Mário Redondo e capa sobre ilustração de Tim White.

Letras Bairradinas
Arsénio Mota
Associação deJornalistas e Escritores da Bairrada

Da Introdução: «Se, no limiar de um livro, deve adiantar-se a conclusão que se reserva para o fim, digamos já, para encurtar razões, que a presente antologia demonstra a possibilidade de um impossível. Há poucos anos, menos do que os dedos desta mão, umas "Letras Bairradinas" não entrariam na cabeça de ninguém. Faltava tudo, mesmo o terreno onde medra a utopia: a cultura, na (ou da) Bairrada, e particularmente a sua literatura, eram letras mortas. Este livro patenteia o inesperado, talvez o incrível: a região tem de facto uma literatura!» Tratando-se de uma Antologia (pois esse foi o projecto de Arsénio Mota), temos textos assinados por Bernarda Ferreira de Lacerda, António Feliciano de Castilho, João de Lemos, Fialho de Almeida, Manuel Alves, Adolfo Portela, Tomás da Fonseca, Padre Acúrcio Correia da Silva, José Francisco Moreira, Augusto Pires, António de Cértima e Pedro Homem de Mello. Esta Antologia, de duzentas páginas, compreende anotações (também de Arsénio Mota) de todo imprescindíveis ao perfil dos antologiados. Fotografias, também, dos autores escolhidos.

As Leis do Caos
Gastão Cruz
Assírio & Alvim

«O poeta persegue o movimento do mundo, procura fixá-lo, dar-lhe uma imagem estável. Trata-se de um trabalho destinado ao malogro, mas é no permanente renovar desse equívoco que se origina a poesia. E porque utiliza um instrumento tão fluido como o próprio real, o poeta transforma o encontro sucessivamente adiado na ilusão que cada poema julga fixar, faz dessa ilusão a enetgia da imagem que não se fixa, o ponto fugaz em que se interceptam a poesia e a vida» - assim se expressa o poeta que é Gastão Cruz, neste seu recente livro de trinta poemas, inserto na Colecção Peninsulares / Literatura. Aliás, terça-feira passada, ao fim da tarde, no Auditório da Assírio & Alvim, «As Leis do Caos» e (também) «Órgão de Luzes» foram apresentados por Manuel Gusmão, seguindo-se uma leitura de poemas pelo actor Luís Miguel Cintra.

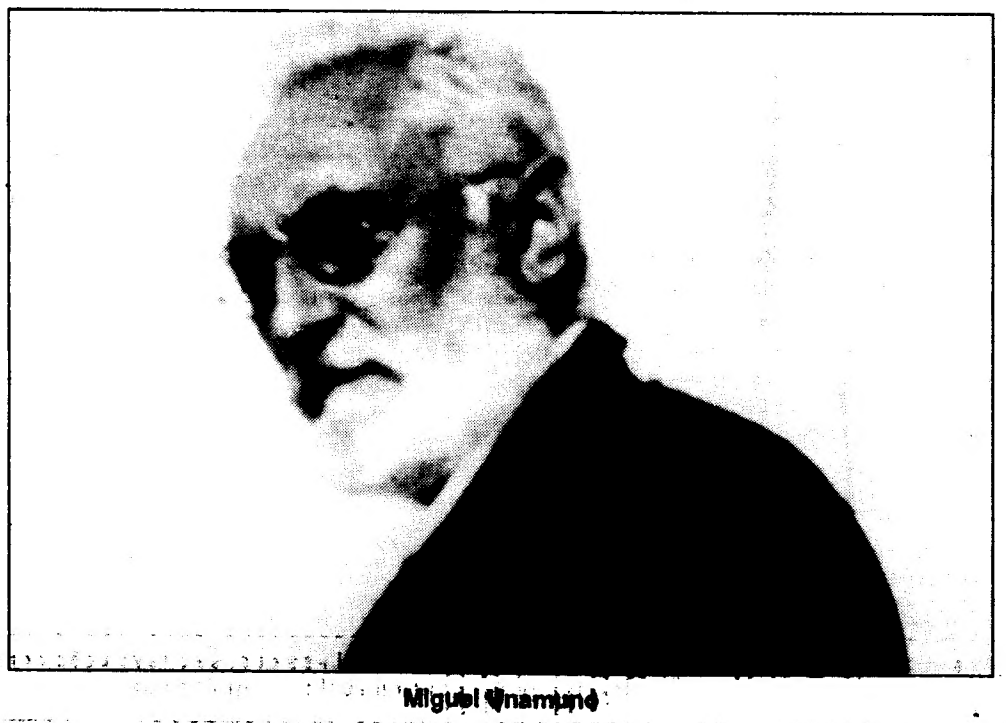
Eu queria usar calças
Lara Cardella
Difusão Cultural

Escritora italiana, jovem estudante universitária em Palermo. Venceu o concurso "Procura-se Escritor" promovido pela revista *Cento Cose*, da editora Mondadori. Romance de emancipação. Com 400 mil exemplares vendidos em Itália, ocupou durante várias semanas os lugares cimeiros da lista dos *best-sellers*. Já editado em França e na Alemanha Federal, este romance foi adaptado ao cinema pelo realizador Maurizio Ponzi, sendo Giulia Fossà a principal intérprete. Bem... - Tradução de M. L. Maia e capa sobre fotografia de Paulo Valente.

AMOR

Entranhas, o que reside no mais íntimo de nós, entranhadamente. Como agir perante esse vulcão que, assim, invisível, nos habita, nos tem, nos prende, nos ata, nos diminui, nos reduz a nada, nos abre em plenitude...? Miguel de Unamuno, em «Do Sentimento Trágico da Vida», tem estas palavras exemplares (pág. 90): «Mas eis que, no fundo do abismo, o desespero sentimental e volitivo e o cepticismo racional se vão encontrar frente a frente, abraçando-se como dois irmãos. E é deste abraço, um abraço trágico, isto é, entranhadamente amoroso (sublinhado nosso), que vai jorrar uma fonte de vida séria e terrível. O cepticismo, a incerteza, última posição a que chega a razão pelo exercício da análise sobre si mesma, sobre a sua própria validade, é a base sobre a qual o desespero do sentimento vital vai fundar a sua esperança.»

Embora o pensamento de Unamuno possa ser ferido (ou afectado) por uma argumentação contrária (a imanência, por exemplo, do ser, **o que é, é**, e de outro modo nenhum pode ser), somos obrigados a dar acolhimento em termos quotidianos, no entanto, àquele juízo do pensador espanhol.



Miguel Unamuno

Até porque semelhante juízo se reveste de um carácter de mútua compreensão quando, à vida se referindo, Unamuno a adjectiva (passando outros considerandos do período acima transcrito) de acto «entranhadamente amoroso».

Posta assim a questão (no fim de uma tarde à espera da noite...), e tomando em consideração todos os contratempos, dores e angústias, e embora tendo consciência do título do livro de Unamuno, talvez o possamos intimamente substituir por «Do Sentimento Amoroso da Vida...»

Pedro Alvim

(«Do Sentimento Trágico da Vida», Miguel Unamuno, Relógio d'Água, tradução de Cruz Malpique, capa de Luís Miguel Castro sobre pintura de Munch)